Ainda o «requeim» por Fernando Pessoa

Mário Vieira de Carvalho responde a Coimbra Martins

O debate sobre a transferência dos restos mortais para o Mosteiro dos Jerónimos não está encerrado. O assunto é retomado na nossa edição de hoje.

Pág. 2

E vão cinco... Chagas

Exacto: seriam cinco os triunfos de Marco Chagas na «Volta a Portugal» se o controlo «anti-doping» (desta feita adormecido) não tivesse feito passar a derradeira camisola amarela para o dr. Joaquim de Sousa Santos (1979) e para Venceslau Fernandes (1984). Mas depois dos êxitos oficiais do corredor de Pontével (1982 e 1983), chegou o «tri» confirmado, igualando os máximos de Agostinho e Alves Barbosa. Motivo para festa sem limites: na meta de Matosinhos, Marco Chagas é beijado pela filha (Isabel Alexandra) e quase carregado ao colo pelo técnico Emídio Pinto.

Pág.s 11 e 14

Diário de Lisboa

ANO 65 N.º 21 837 Segunda-feira, 19 de Agosto de 1985 Preço 40$00

Feitas primeiras mil análises em Portugal

Dadores de sangue ainda não deram sinais de SIDA

Pág. 10

Melão: o doce fruto de trabalho amargo

O melão foi o rei durante o passado fim-de-semana em Vila Franca de Xira. No jardim municipal, à beira Tejo, e durante dois dias, os produtores expuseram os seus frutos e entraram num concurso para apurar qual o melão que merecia a honra de um galardão. Mas, também foi a oportunidade para, em contacto com os seareiros da lezíria, ouvir os seus problemas e constatar que o melão é o fruto doce de uma vida amarga.

Pág. 9

CONCURSO ANIVERSÁRIO Cupão n.º 16

Pág. 2

GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES SOS CTC OS PROFISSIONAIS DO SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

A MELHOR ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA ● SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B ● R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

FNAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Patrocina o "Diário de Lisboa" na Volta a Portugal em Bicicleta

JOVENS PUBLICAM...

João Carlos, 20 anos, torneiro mecânico

"Dantes as coisas não eram mais fáceis do que o que são agora"

— *Gosta do que faz?*

— Sim, porque é um ofício bonito. Sempre gostei disto, por isso entrei como aprendiz para uma oficina e ainda lá estou.

— *Há quanto tempo trabalha?*

— Há sete anos.

— *Porque começou a trabalhar tão cedo?*

— Como deixei de estudar, a única coisa que podia fazer para não ouvir o meu pai era procurar trabalho e empregar-me.

— *Porque deixou de estudar?*

— Não gostava daquilo. Mas mesmo assim ainda fiz a 4.ª classe.

— *Como está o País?*

— Está péssimo, ninguém consegue encontrar uma casa. Eu sou casado e tenho que viver em casa dos meus pais. E depois, as casas que há são tão caras que a gente não lhes pode chegar.

— *Está a par da redução das taxas de juro bancário, o que facilita o crédito à habitação?*

— Não sabia nada disso, não fui informado.

— *Costuma ler jornais?*

— Normalmente, leio.

— *Ultimamente, qual foi a notícia que mais o interessou?*

— Foi uma que li há pouco tempo, sobre o caso de um pai que acorrentava os filhos ao chão. Não concordo que se faça isso, mas como o pai dizia que tinha que o fazer para eles não andarem por aí a roubar, já nem sei o que pensar.

— *Na sua opinião a que se deve a delinquência juvenil?*

— Por um lado, acho que é à falta de trabalho. Eles não conseguem emprego e como depois os pais também não ganham o suficiente para lhes dar dinheiro, não têm outra alternativa se não roubar. Eu felizmente não tenho razão de queixa, porque assim que procurei trabalho encontrei logo. Mas foi uma questão de sorte, porque as coisas dantes não eram mais fáceis do que o que são agora.

— *Como ocupa os tempos livres?*

— Vou ao cinema, dou umas voltas por aí e mais nada de especial.

— *Que género de filmes prefere?*

— Filmes policiais, porque têm muita acção, como eu gosto.

— *Se pudesse governar o que começava por mudar?*

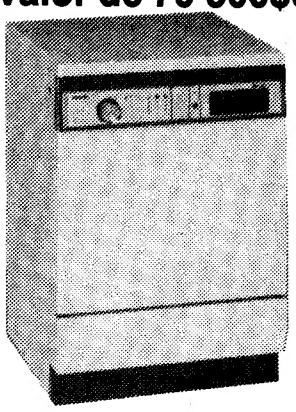
— Não sei, há tanta coisa mal. Mas tentava mudar a situação dos desempregados arranjando empregos e fazia mais casas e mais baratas. As casas da Câmara são uma ajuda, mas são tão poucas que acabam por não resolver nada.

— *Acha que o Governo devia investir mais nessa área?*

— Muito mais, mesmo. O dinheiro que se gasta por aí a mandar vir cá conjuntos estrangeiros dar concertos devia ser juntado e investido na habitação, que é muito mais necessária. Se essas pessoas têm dinheiro para gastar em coisas dessas que o dêem para ajudar quem precisa.

O futuro feito Philips

12.º PRÉMIO
Uma Máquina de Lavar Louça PHILIPS no valor de 70 500$00



12.º PRÉMIO — Uma MÁQUINA DE LAVAR LOUÇA PHILIPS (AAD 012) — Novo desenho dos cestos e complementos amovíveis que aumentam a capacidade de arrumação da louça; 3 programas de lavagem: enxaguamento, intensivo (c/pré-lavagem) e normal; capacidade p/a louça de 12 conjuntos internacionais; temperatura controlada por termostato; injector automático do clarificador c/doseamento regulável; receptáculo p/o detergente; regenerador da água, c/indicador do nível de sal; regulação da pressão da água p/adaptação ao grau de sujidade ou tipo de louça; integrável em móveis de cozinha; 85x59, 5x60cm (alt; lar; fundo).

O carro que o compreende a si

1.º PRÉMIO
Um automóvel Peugeot 104 ZL da Mocar SARL

CONCURSO ANIVERSÁRIO **16**

DESCUBRA PORTUGAL

Recorte e guarde este cupão bem como os demais cupões que, em número de 30, serão diariamente publicados neste mesmo local. Depois só terá que enviar para o «Diário de Lisboa», em data que será anunciada, esta colecção de 30 cupões, juntamente com um boletim de identificação que será publicado diversas vezes durante o período do concurso.

AINDA PODE CONCORRER

O leitor pode concorrer em qualquer altura pois poderá adquirir os exemplares que lhe faltam (completando assim a sua colecção), ao preço normal, nos nossos serviços na Rua Luz Soriano, 17, 1200 Lisboa. Também mediante pagamento antecipado em cheque, vale de correio ou selos (40$00, acrescidos de mais 13$00 de portes por exemplar), poderão os nossos serviços enviar através dos CTT os exemplares que desejar.

A questão do «Requeim» por pessoa e as opiniões do ministro da Cultura

Mário Vieira de Carvalho

«The aim of art is not to please. Pleasure is here a means; it is not in this case an end. The aim of art is to elevate..» (A finalidade da arte não é agradar. O prazer é aqui um meio; neste caso não é um fim. A finalidade da arte é elevar).
«O fim da arte inferior é agradar, o fim da arte média é elevar, o fim da arte superior é libertar.»

Fernando Pessoa
(«Páginas de Estética e de Teoria e Crítica Literárias»)

Quando em fins de Maio, se colocou a questão de saber que obra deveria ser executada durante as cerimónias de trasladação de Fernando Pessoa nos Jerónimos, inicialmente previstas para Julho, emergiu logo a hipótese do **Requiem** de Bomtempo. Objectou-se com dificuldades técnicas: indisponibilidade dos coros que teriam a obra no repertório (o da Gulbenkian, dirigido por Michel Corboz, e o da Sé Catedral do Porto, dirigido pelo cónego Ferreira dos Santos) e até de solistas que a pudessem interpretar. Acabou por optar-se pelo **Requiem** de Verdi, com solistas estrangeiros de grande nomeada e o coro de Pamplona. O **Requiem** de Verdi com um elenco «sensacional» poderia mais facilmente servir de engodo à Eurovisão. A data da cerimónia foi posteriormente adiada para meados de Outubro, mas não se repensou a questão. A solução de emergência transformou-se em solução difinitiva e o senhor ministro da Cultura deu-se ao trabalho de vir explicar porquê («Diário de Lisboa» de 16/8-/85). Agradeço a sua abertura ao debate.

É larga a cópia de argumentos do senhor ministro. Analisemos os principais.

1. O carácter nacional, patriótico, do **Requiem** de Bomtempo, expresso na dedicatória a Camões e na sua primeira execução pública por ocasião das exéquias de Freire de Andrade e outros «mártires da liberdade», não seria relevante por duas razões: a) «Pessoa terá apressado a aceitação do verso livre, entre nós mas não foi um mártir da Liberdade»; b) «Nem talvez deixasse de se prestar a críticas fazer ouvir, a propósito de Pessoa, o que foi composto para exaltação de Camões».

A «ironia de café» com Pessoa é fácil, mas melindrosa. Então o senhor ministro não descortinou aonde levava a referência a Freire de Andrade e outros «mártires da Liberdade»? Não lhe ocorreu um fio oculto a ligar a obra de Bomtempo, as lojas «Camões», o grão-mestre da Maçonaria justiçado em 1817, Pessoa e a luta pela liberdade em Portugal? Defendendo a Maçonaria contra um projecto de lei apresentado por um deputado à «Assembleia Nacional», escrevia Fernando Pessoa nas colunas deste jornal em 4 de Fevereiro de 1935, ano da sua morte: «...toda a Maçonaria gira, porém, em torno de uma só ideia — a tolerância, isto é, o não impor a alguém dogma nenhum, deixando-o pensar como entender». Não se fizeram esperar então as reacções: «A Voz» (6/2/1935) chamou-lhe «um **raté** qualquer de literatura e da vida», Alfredo Pimenta etiquetou-o de «génio na atmosfera viciada dos botequins» («A Voz», 7/2/1935) e o deputado que apresentou o projecto não se esqueceu de mencionar na sua réplica, entre os pretensos crimes cometidos pela Maçonaria em Portugal, «a traição de Freire de Andrade» («Diário de Lisboa», 7/2/1935). Pessoa não foi ou não chegou a ser um «mártir da Liberdade» mas defendia em 1935, perante o poder fascista, o livre pensamento.

Não era preciso ir tão longe na justificação da particular adequação simbólica da obra de Bomtempo, a uma homenagem a Pessoa. Nem se trata de «reduzir» ambos à dimensão única de simpatizantes maçónicos. O **Requiem**, que Bomtempo dedicou, **et pour cause**, a Camões, exalta, em Camões, a Pátria portuguesa e foi pensado, precisamente, para ocasiões como esta que se nos oferece nos Jerónimos: para homenagear a memória daqueles em que a Pátria se reconhece. Como aconteceu em 1821. Fazer ouvir a propósito de Pessoa o que foi composto para exaltação de Camões prestar-se-ia a críticas? Para os liberais de 1821 não houve dúvida em fazê-lo ouvir a propósito de Freire de Andrade.

2. O senhor ministro não se contenta, porém, em negar relevância à obra de Bomtempo, do ponto de vista da sua adequação simbólica. Aduz juízos estéticos. Acha o **Requiem** de Bomtempo «muito de época» (sic) comparado com o de Verdi, que, «pela sua inegável beleza» (sic) e pelo «grande êxito que alcançou» (sic), «se separou mais das circunstâncias da sua composição» (sic). Por isso, se eclipariam, no caso de Verdi, objecções do tipo das que o senhor ministro opôs ao **Requiem** de Bomtempo: ninguém se lembraria de criticar a execução, em honra de Pessoa, de uma obra destinada a celebrar a memória do escritor Alessandro Manzoni, vulto dominante do romantismo italiano e do **Risorgimento**. Tudo se reconduz, afinal, a uma opção de gosto: opção de gosto dele próprio, António Coimbra Martins, e — diz-se — da generalidade do público. Resta saber se tal opção é, também, a que deve nortear o ministro da Cultura. Ministrar cultura não será, precisamente, o contrário, isto é, transformar o gosto, enriquecê-lo, diversificá-lo, abrir horizontes em vez de os fechar? O facto de o senhor ministro, enquanto intelectual, não se entusiasmar, particularmente, com o **Requiem** de Bomtempo, dar-lhe-á o direito, como ministro da Cultura, de rebaixar aquele face ao de Verdi? Dar-lhe-á o direito de censurar a presença de uma grande obra da música portuguesa numa cerimónia de consagração

Continua na pág. 4

Monarquia nacional e compromissos parlamentares

NUM editorial de «A Tarde», jornal de que é directora, a dr.ª Margarida Borges de Carvalho escreveu: «A aliança do PPM com o PS está longe de ser uma anedota. É um acto grave que tem a ver com a espinha dorsal de muita gente». Um Barrilaro Ruas. monárquico (de seu nome Elísio, que não Henrique), terá afirmado segundo vemos citado na Imprensa: «Os monárquicos honrados não votarão PS». E um comentador inteligente, malicioso e polémico, depois de ter alinhado o que lhe pareceu ser incoerente e grotesco nas atitudes, decisões e discursos dos políticos deste «desterro azul», afirmaria: «... nada do que fica evocado rivaliza com essa anedota, inesquecível, essa fábula jocosa, esse enredo de comédia burlesca que foi (e é) o acordo para o ingresso de dois deputados monárquicos nas listas do partido mais republicano de Portugal.» («Semanário», 10/8/1985).

Tendo-lhe sido atribuída a condução política da campanha do Partido Socialista nas «eleições legislativas», o dr. Almeida Santos, com bonomia defendeu que a presença dos monárquicos, ditos «populares», nas listas do PS era, por contradição lógica, uma prova de força e consistência da República. E no melhor estilo de complacência com a «adesivagem» que nos tempos da I.ª República lhe foi funesta, os «republicanos» do PS cederam lugares, ou consentiram que lugares fossem cedidos, aos «monárquicos populares» que pelo seu pé e esforço não alcançariam S. Bento.

A dr.ª Margarida Borges de Carvalho, que pelo líder Gonçalo Ribeiro Teles se não perde de amores, tem, todavia razão. Esta **anedota** não é uma simples e faceta anedota. Não será um escândalo político, mas é um grave indicativo dos nossos costumes políticos, de falta de lisura e de rigor. E não se vislumbram argumentos para opor ao comentário mordaz de Marcelo Rebelo de Sousa: «Hoje, os candidatos monárquicos apresentam-se **travestidos** de independentes, como se não tivessem partido, nem programa. São monárquicos no foro íntimo e não-alinhados para eleitor votar...» E recorda: «Não é constitucional, já o escrevemos em 1983 para situações análogas, pois representa a subversão mais requintada do regime da Constituição. Os partidos e só eles podem apresentar listas às eleições parlamentares, sozinhos ou em coligação. Os independentes passíveis de inserção em tais listas não podem querer significar a entrada no Parlamento de partidos, que, como tais, não se submeteram (nem em coligação) ao eleitorado. É uma rematada desonestidade e uma prática inconstitucional integrar em listas partidárias candidatos ditos independentes, que, mal eleitos, se transmutam em alinhados, formando mesmo agrupamento parlamentar e dispondo de direitos como se o respectivo partido tivesse sido submetido ao sufrágio dos portugueses. Podendo mesmo beneficiar de subvenção estadual, que foi definida na lei como forma de financiamento à actividade parlamentar, mas funciona de facto como modalidade de financiamento aos partidos». («Semanário», 10/8/1985). Daí que, na vivacidade polémica, a pergunta se justifique: «Terá sido, portanto, por irreprimível desejo de galarim, nostalgia do poder, necessidade de afirmação a todo o custo e por qualquer meio, que os dois populares monárquicos aceitaram republicanizarem-se eleitoralmente?»

Mas estes problemas não existem para o arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles. O suporte PS, ou a integração na «Aliança Democrática», considera-os ele análogos. É-lhe indiferente o caminho para chegar ao Parlamento republicano. Um jornalista perguntou-lhe: «Mas como é que se pode passar do projecto da Aliança Democrática para as listas do PS?». Com a maior simplicidade Gonçalo Ribeiro Teles respondeu: «Em primeiro lugar porque os partidos que constituiam a AD, para além do PPM, não assumem hoje o programa da Aliança Democrática e deslocaram-se para o que convencionalmente se chama a direita. Ora nós continuamos no mesmo sítio, com os mesmos princípios e com o mesmo programa. Não poderíamos acompanhar esses partidos no deslocamento que fizeram...» («O Jornal», 15/8/1985).

Com alguma dificuldade se poderá entender que a fixação do PPM nos «mesmos princípios» e no «mesmo programa» que lhe permitiram integrar-se na AD e participar na campanha de bipolarização da sociedade portuguesa (Sá Carneiro-Soares Carneiro), lhe proporcionem hoje o fácil «casamento de conveniência» eleitoral e parlamentar com o «republicano» Partido Socialista. Mas, talvez, estes «mistérios» — ou estas «anedotas» — não sejam para entender. Para Gonçalo Ribeiro Teles: «.. o PPM não é o partido dos monárquicos. Porque a ideia monárquica, que, como se vê, se encontra em plena expansão, é suprapartidária, abrangendo pessoas que vão desde o socialismo democrático até ao mais direitista neoliberalismo».

Deste modo, e com esta simplicidade, nesta nossa época em que «a ideia monárquica... como se vê, se encontra em expansão» — é Ribeiro Teles que o afirma —, o PPM, que é apenas **um partido de monárquicos** instala-se no seio maternal do parlamentarismo republicano para, tal como se instalara na «AD» (com Francisco Sá Carneiro, social-democrata; com Freitas do Amaral, centrista democrata-social), para pugnar por uns quantos projectos relativos a reformas de defesa do ambiente, da luta contra os eucaliptos, invasores, à luta contra a densidade excessiva das áreas urbanas e pelo condicionamento dos volumes de construção. São projectos simpáticos, ecológicos, românticos. Dignos de aplauso uns, suscitando sorrisos outros, em relação ao regime, inofensivos, porque dependentes de combates de fundo a que os «populares monárquicos» se esquivam na sua deambulação doutrinal, da Monarquia para a República, do «comunalismo» para o parlamentarismo, da aliança «AD» para a protecção maternal do PS.

Alguma «qualidade de vida» é a expressão actual de um saudosismo individual ou familiar que toma por referência a «instituição monárquica» e se nutre de uma apetência pelo poder político sem rumo fixo. É demasiado severa Margarida Borges de Carvalho quando classifica a «anedota», no plano dos costumes políticos do «país lilás», como um «acto grave que tem a ver com a espinha dorsal de muita gente».

E que tem a ver, e é isso o mais grave, com o respeito que nos devemos, uns aos outros, e todos os verdadeiros democratas às instituições da República.

A Ordem da Liberdade

Rito Canedo

Em cerimónia mais ou menos inesperada, a Ordem da Liberdade voltou a ser colocada ao peito de algumas dezenas de cidadãos portugueses. Cidadãos que à pátria ofertaram uma parte considerável das suas vidas num tempo em que o combate pela liberdade significava a sistemática perda da mesma e o isolamento dos cárceres; cidadãos que transformaram a vida num eterno duelo contra a tirania fascista caracterizada pela desumanidade de um regime defensor de capitalistas, banqueiros e agrários; do messianismo salazarista, que fundava na opressão em todas as formas de controlo do comportamento humano, as razões de um Estado Novo que esmagava, em nome do interesse desmedido e totalitário dos seus acólitos, a liberdade colectiva e individual dum povo mergulhado na angústia da ignorância e da miséria sem saídas.

A esses todos, Portugal e os portugueses ficaram devendo honra e glória, posto que a História os consagra já no grande movimento democrata e antifascista que levou o povo à consciência política, moral e ética assumida com o 25 de Abril de 1974.

É difícil aos homens a prática da justiça; é-lhes difícil o expurgo da ganga ideológica quando se dedicam à análise dos factos que farão um dia a História dos nossos dias. A influência, hoje, dos interesses sectários, comanda as decisões a tal ponto que já se não descortina entre os gestos do homem a determinação posta na defesa do bem colectivo, se acaso esse gesto não foi no passado ou não é no presente assumido em nome e em proveito dos valores que hoje se pretende enaltecer.

Perdeu-se o sentido da história e o amor da Pátria. Tudo foi substituido por razões de Estado meramente conjunturais. O «bem nacional» obedece aos ditames do poder, àquilo que para ele é o bem nacional. Assim, só é bom e digno de nota tudo quanto se coloque na perspectiva do poder.

Ao discursar no acto de agraciamento dos condecorados, o Presidente da República não deixou de reflectir sobre os critérios que o levaram a distinguir, entre a nação, aqueles específicos portugueses, com o que mais ficou valorizada a sua figura de estudista e de português. Com as suas palavras, quis o senhor Presidente dizer-nos que, não dispondo de um critério melhor, optara pela escolha destes, em nome dos muitos que foram preteridos. No entanto, sendo, como afirmou, um gesto simbólico que procurou «atingir» as centenas de militares que contribuiram para a vitória final sobre a ditadura, fica-nos a amarga impressão da dúvida sobre alguns pontos que ao Presidente e só a ele compete esclarecer:

1. No sentido justíssimo da simbologia que permite levar até aos mortos o sinal da gratidão dos vivos, estará guardado o momento em que a nação se curve perante essa luz que incendeou de talento a cultura e a democracia, que foi António Sérgio? Teremos ainda tempo de ver no galarim da honra militares ilustres como Norton de Matos e Humberto Delgado?

2. Estará dentro do seu conceito o trazer à tona da memória colectiva os gestos heróicos de quem tudo sacrificou para nos livrar mais cedo da tirania salazarista, como os daqueles que ainda restam desse acto de desespero que foi Beja de 61?

3. Será possível esperar deste regime democrático, saído de Abril de 75, baseado no ordenamento partidário de toda a vida política nacional, o mesmo gesto de apreço pelas dezenas de portugueses que passaram anos e anos nas masmorras da Pide e que são hoje destacados dirigentes partidários, sem que tal facto possa fazer vacilar a capacidade de isenção dos que têm a responsabilidade de atribuir os mais altos símbolos do reconhecimento nacional?

4. Se os Brigadeiros Pezarat Correia e Hugo dos Santos se encontram com todo o mérito entre os militares vivos passíveis de receberem a ordem da Liberdade, será correcto admitirmos que não cairão no esquecimento o papel determinante de um Carlos Fabião em todo o processo de descolonização da Guiné-Bissau; dos artilheiros saídos da Escola Prática de Artilharia (como Rui Rodrigues da EPI) e que no Cristo-Rei posicionaram as suas bocas-de-fogo ainda antes de se ouvirem os acordes da rádio anunciadores do início da operação; daqueles que percorreram o país, como o então capitão Rosado da Luz, a entregar porta-a-porta a ordem de operações do Movimento; de todos aqueles que, por méritos reconhecidos, passaram pelo Conselho da Revolução quando tudo era quente e difícil na revolução?

Não é fácil, todos o sabemos, levar o reconhecimento devido a todos quantos contribuiram, antes e depois do 25 de Abril, para manter vivo no espírito e na vontade dos portugueses este desejo supreemo de luta pela liberdade e pela independência da Pátria.

A justiça pauta-se hoje mais por um sentido crítico que muito tem a ver com aquilo que hoje nos divide, e também pela prestação de favores a correligionários de percurso, do que por uma perspectiva clara dos valores assumidos, quando tudo era ainda difícil e incerto na defesa da democracia e da liberdade do povo português.

Escamotear esta realidade só terá como resultado banalizar o alto significado da Ordem da Liberdade e esvaziá-la dos fins específicos a que a mesma se propõe. Será admitir que um dia ela possa decorar o peito de quantos estão hoje a lutar por uma «liberdade» que é a deles, isto é, pela liberdade de restaurarem os privilégios perdidos com o 25 de Abril.

PS e PSD na mira do PCP

Dólares, fundações, viagens, subsídios...

Três altos dirigentes do PCP, Álvaro Cunhal, Octávio Pato e Domingos Abrantes, participaram, durante o fim-de-semana, em comícios e sessões de esclarecimento político, em ambiente já de autêntica campanha eleitoral. Se Álvaro Cunhal, que visitou as freguesias lisboetas de Ajuda, Alcântara e Alfama, repetiu apenas alguns dos temas básicos da APU (papel do PRD é retirar votos à direita ou é cedo ainda para falar de presidenciais), Octávio Pato e Domingos Abrantes insistiram no tema da corrupção e compadrio, com algumas revelações inesperadas.

Num comício em Cacém, o n.º 3 da lista de Lisboa da APU divulgou um facto que, se verdadeiro tal como foi colocado, poderá trazer alguns amargos de boca ao PS. Contou **Octávio Pato,** já na parte final do seu discurso, a propósito de generosos subsídios com que alguns partidos têm sido presenteados através de fundações ou organizações similares, ter o **PS recebido** recentemente **do City Bank (EUA) um cheque de 250 mil dólares** (42 mil contos). Trata-se de um dos mais poderosos bancos norte-americanos que recebeu, há meses, autorização para abrir filial em Portugal. Segundo o dirigente do PCP foi um familiar de Soares, Fernando Barroso, dirigente da Fundação José Fontana (PS) que levantou essa quantia.

«Será que foi este o preço que o City Bank pagou para se instalar em Portugal ou será que estamos apenas em presença de uma «acção de solidariedade» de Carlucci e seus amigos da CIA?», perguntou o dirigente comunista.

E sobre o facto de ter sido um familiar de Mário Soares a receber o dinheiro, Octávio Pato ironizou: **«É caso para dizer que nestas coisas de dinheiros, o dr. Soares só confia na família ou não vá o diabo tecê-las...»**

30 mil contos de viagens!...

E citou casos de corrupção da DOPA («Sousa Tavares resolveu melhorar a sua qualidade de vida traficando divisas...»), de Mesquita Machado e Custódio Simões, dois secretários de Estado do PS que, alvo de acusações, abandonaram os cargos, de Rui Amaral (PSD), acusado de privilegiar empresários e organizações do seu partido com chorudos subsídios, as demissões dos directores-gerais das Alfândegas e das Pescas, etc.

Isto – acrescentou Pato – **para não falar na situação escandalosa na banca nacionalizada e nas empresas públicas, nas despesas sumptuárias, nos carros de luxo, nas almoçaradas, nas viagens ao estrangeiro...»** E contou que um **deputado do PSD, de novo candidato, num dos principais círculos eleitorais, gastou nas suas viagens ao estrangeiro, à custa da Assembleia da República, mais de 30 mil contos.**

O dirigente comunista e candidato da APU referiu também o caso da Fundação Luso-Americana, controlada pelo PS, cujos gestores, e que foram escolhidos a dedo por Mário Soares, terão salários da ordem dos 5 mil contos/ano. Citou os nomes de Rui Machete, actual vice-primeiro-ministro, Bernardino Gomes (chefe de gabinete de Soares), Vasco de Melo, ex-responsável da CIP, Rui Mateus, também da Fundação Fontana e António Barreto, candidato do PS por Évora.

As coligações que o PS e o PSD estão já a preparar para as autárquicas, em câmaras onde a maioria pertence à APU foi tema também da intervenção de Octávio Pato que

A denúncia de Octávio Pato de uma oferta de 42 mil contos do City Bank ao PS causou espanto nos assistentes do comício do Cacém

apelidou tais actos (apoiados por Soares, Cavaco e Almeida Santos) de **pura desonestidade política.**

PS e PSD: 400 membros do Governo

Este tema foi retomado por **Domingos Abrantes** que, na apresentação dos candidatos por Setúbal, onde é cabeça de lista, considerou não se dever tomar muito a sério as desavenças entre o PS e o PSD.

Atacando-se mutuamente — disse — **para enganar o eleitorado ambos preparam desde já novos casamentos com o objectivo de prosseguir os planos contra-revolucionários.**

Lembrou, então, Domingos Abrantes que os dois partidos, PS e PSD» tiveram nada mais nada menos do que **400 ministros e secretários de Estado durante os últimos nove anos.**

Considerou, a propósito, «surrealista», que Cavaco Silva, líder do PSD, esteja a reclamar a Eanes contra acção do PS no Governo quando o seu partido «entre ministros e secretários de Estado tem mais de vinte membros».

Sobre **Almeida Santos** comentou as suas actuais promessas de recuperação económica com a acção de dois no governo e recordou o seu apoio e solidariedade ao secretário de Estado do PSD, Rui Amaral, acusado de corrupção. **E vem dizer-nos agora que combaterá a corrupção, porá fim à burocracia e moralizará o Estado**, acrescentou Domingos Abrantes.

Carlos Melancia explica a Eanes o "negócio do fim do século"

A audiência de hoje, do Presidente da República ao ministro do Equipamento Social «não tem agenda definida, mas é possível que Carlos Melancia queira discutir o problema das centrais digitais», disse, à Anop, uma fonte de Belém.

Interrogada sobre a possibilidade de discussão da Lei das Rendas, a mesma fonte disse não poder confirmar nem desmentir. A introdução em Portugal da comutação digital, na rede telefónica nacional de serviço público dos CTT/TLP encontra-se em fase de apreciação e estudo, depois de ter sido entregue ao Governo um relatório de análise. A escolha da multinacional que fornecerá equipamentos digitalizados a Portugal cabe ao Conselho de Ministros que poderá pronunciar-se na sua primeira reunião após o período de férias do Governo.

Considerado o «negócio do fim do século», a introdução de centrais de comutação digital na rede telefónica nacional envolve investimentos da ordem dos 100 milhões de contos, até ao ano 2000 e cerca de 25 milhões nos próximos cinco anos, a preços de 1984. O titular da pasta do Equipamento Social admitiu, já, a possibilidade de vir a escolher uma tecnologia das duas que concorrem e que são apresentadas pela Simens (associada à Centrel) e a Alcatel-Thompson.

O programa de digitação da rede nacional prevê a modernização de 19 centrais telefónicas, duas das quais, com tecnologia portuguesa a instalar, brevemente, em Viseu e Braga.

A questão do "Requiem" por Pessoa

Continuação da pág. 2

de um grande vulto nacional? Antes de pôr em dúvida a beleza do **Requiem** de Bomtempo e o seu êxito de público, antes de avançar considerações diletantes sobre o italianismo do compositor, talvez o senhor ministro devesse interrogar-se acerca da questão de saber quais as condições peculiares do nosso meio que permitiram que uma tal obra fosse votada ao desprezo e ao esquecimento, por mais de um século.

3. O senhor ministro gostava «que certas vozes sonantes, de cantores nunca ouvidos ao vivo no nosso País, viessem cá mostrar como é que vocalizam. Também temos o direito, não é verdade»? — Palavras textuais de um ministro da Cultura em Portugal, em 1985, sem dúvida dignas de uma tradição de poder que remonta ao século XVIII. Enquanto, em França, na Inglaterra, na Alemanha, até em Espanha, se desenvolveram, logo em pleno século XVII, fortes tradições nacionais de teatro musical e de música vocal, em Portugal, o poder preocupou-se, sobretudo, com esse direito em que o senhor ministro Coimbra Martins insiste: o de ouvir os grandes cantores de fora. José I gastou fortunas com os castrados italianos, a monarquia constitucional, mais ou menos liberal, restaurou a tradição, sustentando o S. Carlos com companhias exclusivamente italianas, e veio, depois, o Estado fascista com a mesma política (alargada a companhias francesas e alemãs). Se há coisa invariavelmente garantida, na vida musical portuguesa, desde há mais de duzentos anos, é esse direito sacrossanto de ouvir as vedetas do belcanto de cada época «vocalizar». Aí tem residido a única constante da política musical do Estado. Nesse aspecto, o senhor ministro Coimbra Martins não inova. E, por isso, é que não é nada despropositado, nem anacrónico, falar de «colonialismo da música italiana» e de «reedição desse colonialismo» (contra o qual Bomtempo lutou) precisamente a propósito da opção de gosto que levou à exclusão da sua música da cerimónia dos Jerónimos. Bomtempo tentou, ingloriamente, introduzir a música como linguagem num meio dominado por diletantes que só queriam saber da música como pretexto para os grandes cantores «vocalizarem». E é esta inversão total dos meios e dos fins que o senhor ministro vem reiterar: mais importante do que o próprio **Requiem** de Verdi parece ser, para ele, como certas vedetas «vocalizam»...

4. Depois, é preciso «agradar». Diz o senhor ministro:

«A cerimónia que se prepara não tem de comunicar-nos em música qualquer mensagem de Pessoa, mas que assinalar uma homenagem pública — de um largo público nacional e internacional — (...) E poderia apostar-se que o Requiem de Verdi é, de todos, o que tem conquistado um mais largo público, como é o que prefere o público português.»

Por outras palavras: Verdi bateu o recorde dos compositores de Missas de Defuntos. A que título viria, pois, o pigmeu do Bomtempo, um ilustre desconhecido do público nacional e internacional, discutir com o mestre (cuja grandeza não está, evidentemente em causa) o direito de homenagear Pessoa? Não se trata de pôr Verdi e Bomtempo à compita, mas... cuidado com estes juízos de popularidade — a que, ademais, deverá mostrar-se particularmente sensível um ministro que se confessa admirador de Schoenberg: é que mal o **Requiem** de Bomtempo saiu da poeira dos arquivos, e foi gravado, logo surgiu um movimento de interesse em torno da obra. A edição portuguesa, no âmbito da Discoteca Nacional Básica, teve uma larga procura. Na RDA, onde a gravação foi realizada, o disco respectivo, com a etiqueta «Eterna», esgotou-se rapidamente. Entre 1980 e 1981 a obra foi várias vezes executada naquele país. Em 1983 e 1985 teve execuçãões públicas respectivamente em Vancouver e na Rádio de Lugano.

Encontrava-me em Berlim na altura da gravação e soube do comentário do maestro Heinz Rögner, que a dirigiu: «Então vocês tinham lá uma obra destas e não diziam nada a ninguém?» Quer dizer: só agora é que a obra de Bomtempo «começou» a fazer o seu caminho, a ser ouvida, a ser confrontada com outras, a tornar-se património cultural nosso e de toda a humanidade. E é precisamente agora, quando vinha imensamente a propósito utilizá-la numa circunstância de projeição nacional e internacional, que se decreta a sua inadequacção estética em nome das preferências do público. E não é uma agência de concertos quem o decreta. É o ministro da Cultura.

5. O senhor ministro compara o «verso livre» à «música atonal» e chama a atenção para Schenberg, «contemporâneo de Pessoa e cujo período atonal engloba os tempos do Orféu». Lamenta que Schoenberg não tenha composto um **Requiem:** esse (que não há) é que seria adequado à homenagem. Aqui já o critério das preferências do público é deixado na sombra em benefício da procura de um parentesco relevante entre o poeta e a música que o homenageia — preocupação, esta sim, mais consentânea com as responsabilidades de um ministro da Cultura. Mas Pessoa — seja-me permitida a ressalva — não é só o «verso livre», é muito mais do que isso, nele-mesmo e nos seus heterónimos. É o rosacrucianismo, que nos levaria ao Satie das **Sonneries** e **Fanfares,** o futurismo que, por via de Balilla Patrella, autor do manifesto dos músicos futuristas (1910/12), nos levaria ao Stravinsky do **Sacre,** é a relação com Walt Whitman e o sensacionismo de Álvaro de Campos, que nos levariam a Charles Ives e a Varèse, é a problemática do **Fausto,** que nos levaria a Busoni (por sinal autor de uma **Berceuse élégiaque),** é o debate entre o primado da razão e o da emoção protagonizado por Pessoa e Álvaro de Campos na «Athena», que nos levaria ao Schoenberg de **Moisés e Aarão,** é o espírito português, a problemática da nossa identidade histótica, «as malhas que o império tece», que Lopes Graça tão bem soube interpretar musicalmente em duas canções de 1936 **(O menino da sua mãe** e **Horizonte).** E quantos paralelismos mais a descobrir e explorar entre Pessoa e os movimentos musicais da primeira metade deste século! Quanto a sondar, por outro lado, na atitude ou relação para com a música deste poeta que admirava Ruy Coelho e não gostou dos **Paraísos Artificiais** de Luís de Freitas Branco!

Verso livre idêntico à música «atonal»? Talvez. Mas Schoenberg, só por si, seria demasiado «redutor» da obra de Pessoa, que é — nas palavras de Jacinto do Prado Coelho — «espantosamente aberta».

Em Viana e na Figueira

Cavaco opta pelo discurso bipolarizador

Cavaco Silva esteve este fim-de-semana em Viana do Castelo e na Figueira da Foz onde lançou ferozes ataques ao Partido Socialista e ao sector nacionalizado da economia.

Num estilo fortemente bipolarizador, o actual líder do PSD falou, naquela cidade minhota, da «miscelânia» e «confusão de ideias» que, em seu entender, é hoje o PS e acusou este partido de procurar alianças com o PCP caso vença as próximas eleições legislativas. Por isso, para Cavaco, a 6 de Outubro, o povo portuugês terá que escolher dois projectos e duas formas de governar que vão estar em confronto: «De um lado vai estar o PS e o PCP e do outro o PSD que será a única alternativa capaz de impedir uma maioria de esquerda».

O «chefe» dos sociais-democratas que discursava num almoço-convívio de militantes do seu partido teve um insólito apoiante que falou e tudo: tratou-se de Pedro Coutinho, membro do Directório Nacional do Partido Popular Monárquico, que afirmou estar o PPM no distrito de Viana do Castelo «com o PSD, como esteve quando da Constituição da Aliança Democrática».

É caso para perguntar que é feito da aliança que os monárquicos recentemente celebraram com os socialistas.

Programa eleitoral

Mas foi na Figueira da Foz que Cavaco desenvolveu as suas teses. Retomou os ataques ao PS e tentou fazer-nos esquecer as especiais responsabilidades que o seu partido — há seis anos consecutivamente no Governo — tem na situação do País.

Agitou o «fantasma» da direita — a maioria de esquerda — numa tentativa de canalização dos votos dos centristas para o seu partido: «A escolha eleitoral é entre o PSD e a maioria de esquerda, já que o CDS não tem força para travar uma aliança entre o PS e o PCP».

E mandou-lhes um recado directo: até à sua eleição para líder do partido, precisamente naquela cidade, «o PSD foi muito o eixo de Lisboa-Cascais». Mas, «eu prefiro que ele seja o que irradia do Porto».

Fechada a porta aos sectores mais arejados do partido, declarada a era dos conservadores, Cavaco tratou de explanar as linhas de força do programa eleitoral do PSD.

«Retomar a esperança, gerar a confiança, criar riqueza e distribuir com justiça» são os motes da campanha.

O documento que será hoje objecto de análise na Comissão Política Nacional do partido foi elaborado por «300 técnicos»!

De acordo com o líder social-democrata «o primeiro capítulo do documento é destinado à estratégia económica e prevê um aumento do produto interno bruto, já em 1986».

As partes restantes do programa versam os capítulos da habitação, segurança social, educação e formação profissional, inovação tecnológica, comunidades europeias, Estado e Constituição.

Profissão de fé

Vieram mais acusações ao PS, desta feita pela utilização que faz dos meios de comunicação social estatizada. A prová-lo exemplificou com a recente queixa apresentada pelo «Diário de Notícias» contra os socialistas.

Depois, em jeito de profissão de fé garantiu: «Nós, no PSD, não queremos controlar a Comunicação Social. Pelo contrário queremos despartidarizar a nossa vida em geral e também a Comunicação Social».

De seguida outras afirmações, no mínimo de espantar, vindas do líder do PSD. Assim: «Os partidos políticos não podem, nem devem, nomear gestores, directores ou jornalistas para interferirem na Comunicação Social, sobretudo na estatizada».

Finalmente, a aposta na iniciativa privada e no «investidor» contra o que considera o excessivo peso do Estado.

«Acreditamos na iniciativa privada e o investidor não é capitalista que explora o povo, mas que arrisca os seus próprios proventos, não os colocando em Vigo ou na Suíça», disse Cavaco Silva.

E a terminar só mais uma afirmação digna de registo: «O PSD não pode ficar acomodado ao poder (!), enquanto houver portugueses com fome, com salários em atraso e um tão elevado número de desempregados».

Pesam sobre eles graves acusações

Tribunal Criminal de Maputo julga dois portugueses

Dois portugueses «altamente incriminados» estão desde a passada sexta-feira a ser julgado em Maputo, acusados de uso e falsificação de documentos e de prática ilícita de comércio externo de viaturas, anunciou anteontem o «Notícias».

Segundo aquele jornal, trata-se de Manuel Pereira Alves, industrial de táxis e José Clariano Casquinha, de profissão não especificada. Os dois portugueses aparecem num processo único que envolve seis co-réus do chamado «caso dos mil» e no qual figuram industriais comerciantes-grossistas e outros homens de negócios da praça da capital moçambicana.

Estão ainda envolvidos no mesmo caso, que movimenta cerca de 15 milhões de meticais (cerca de 60 mil contos) «personagens famosas no mundo do comércio ilegal em Maputo», alguns dos quais já em fuga desde que foi desencadeada a «operação stop» no início do corrente ano. O julgamento dos dois portugueses e dos restantes quatro co-réus será retomado no próximo dia 23 e presume-se que venha a arrastar-se por várias semanas.

Renamo liberta portugueses

Uma mulher e três crianças portuguesas, raptadas há três meses em Moçambique pela Renamo, deverão ser hoje libertadas num país vizinho daquele Estado. A Rádio Comercial disse ter confirmado a notícia junto do Ministério dos Negócios Estrangeiros desse «país vizinho», que se presume ser a África do Sul.

Ele diz que a Televisão discrimina o PSD

Cavaco Silva faz queixinhas ao Presidente da República

O dirigente do PSD, Cavaco Silva, vai hoje transmitir ao Presidente da República o seu protesto contra os noticiários da Televisão. Para o líder social-democrata, a TV é um «instrumento que o Partido Socialista usa a seu bel-prazer».

Cavaco Silva, que solicitara no início deste mês a audiência ao general Ramalho Eanes, fez a «denúncia pública» da situação na RTP em conferência de imprensa realizada no dia 1 de Agosto, classificando então de «foros de escândalo» o tratamento noticioso dado pela Televisão às realizações do seu partido. O presidente da comissão política do PSD, que se referiu também à situação dos restantes órgãos de comunicação social estatizados, considerou que «todos os actos públicos dos ministros do PSD são sistematicamente silenciados».

Barreto alerta

Está em risco financiamento da CEE à agricultura

O antigo ministro da Agricultura, António Barreto, disse no sábado em Viana do Alentejo, que aquele sector da economia portuguesa corre o risco de, em 1986, não ter acesso aos financiamentos da CEE.

Barreto falava para cerca de 50 pequenos e médios agricultores daquele concelho do distrito de Évora, durante um debate subordinado ao tema «Alentejo, a agricultura e a CEE», promovido pela secção local do Partido Socialista.

Cabeça de lista por Évora às próximas eleições legislativas, António Barreto afirmou que «estamos em risco de chegar a Outubro/Novembro e não ter feito o necessário para que, em 1986, se tenha acesso aos 10 milhões de contos da CEE».

O responsável pela Lei da Reforma Agrária criticou ainda o actual ministério da Agricultura de nada ter feito com o objectivo de informar minimamente os agricultores sobre as condições e as consequências da entrada de Portugal no Mercado Comum.

«É muito grave o que se passou e está a passar neste âmbito» disse ainda António Barreto que adiantou ser necessário criar instituições para dialogar e informar os agricultores sobre a adesão à CEE, nomeadamente o acesso ao crédito.

Almeida Santos em Espinho

Relançamento da economia é agora possível

O dirigente socialista, Almeida Santos afirmou que o relançamento da economia «é agora possível, desde que compatibilizado com o equilíbrio financeiro conseguido pelo actual Governo».

A crítica às «pontes» que Cavaco cortou

O candidato a primeiro-ministro do PS que falava em Espinho num jantar com cerca de 150 militantes da federação distrital de Aveiro do PS, adiantou que «o desenvolvimento económico já está a ser lançado através do controlo da inflação e da retoma do poder de compra dos salários, bem como da redução da taxa de juros que embaratecem o crédito e dinamiza os circuitos económicos».

«Se a inflação mantiver o comportamento que tem tido como se espera poderá, com perfeita justificação, pensar-se na possibilidade de nova redução da taxa de juros antes do fim do ano» — salientou o dirigente do PS.

Almeida Santos aproveitou também a ocasião para responder a algumas críticas do líder do Partido Social Democrata, Cavaco Silva, tendo afirmado que o PS «é e sempre foi um partido aberto e dialogante que não se confina nos limites das suas próprias fronteiras e isso em democracia não é defeito».

«Defeito é o pendor do novo líder do PSD para sistematicamente cortar as pontes. Começou por cortar as pontes que o ligavam ao Governo da coligação AD ao fugir ao cargo de ministro das Finanças. Depois cortou as pontes com a vida política desaparecendo até 1985».

«Regressou à política para cortar as pontes entre o PS e o PSD pondo termo à coligação e ao Governo de ambos. Cortou de seguida as pontes com o seu ex-parceiro de coligação, inviabilizando listas conjuntas de deputados entre o PSD e o CDS. Cortou inclusive as pontes com alguns democratas ilustres do seu próprio partido».

«Cavaco Silva retoma pelo que se vê a política salazarista do orgulhosamente sós. Em democracia e no mundo de hoje — sublinhou — não se vai longe por esse caminho».

Almeida Santos rebateu também outras acusações do líder social democrata, tendo afirmado não desejar polémicas pessoais e que nunca tomará a iniciativa delas, mas afirmando que «as mentiras serão corrigidas e as afirmações insultuosas não ficarão sem resposta».

«É pena que a democracia tenha de suportar semelhantes métodos de conquista de votos» — concluiu.

Lucas Pires defendeu redução do serviço militar

O presidente do Centro Democrático Social, Lucas Pires, afirmou ontem ser necessário reduzir o serviço militar a metade e abrir à juventude as «perpectivas do presente».

Falando num jantar em Ponte de Lima onde conferiu posse à comissão concelhia da Juventude Centrista, Lucas Pires salientou que se «fala de mais na juventude e cuida-se menos dela».

O presidente centrista afirmou não «compreender que a juventude, a quem tudo é recusado seja obrigada a dois anos de serviço militar obrigatório em geral. A defesa do país precisa hoje mais de equipamento e não de mais pessoal».

Depois prosseguiu a sua cruzada anti-socialista: «É preciso dessocializar o país para que a nossa juventude tenha futuro».

Considerou a questão do emprego juvenil como sendo um dos «problemas de mais urgente solução» e fez promessas: «Com um Governo CDS, o primeiro emprego será desonerado de encargos sociais e fiscais para as empresas».

«Não se compreende — prosseguiu — que pessoas de 80 anos continuem obrigadas a trabalhar sem reforma e que, por outro lado, os jovens não encontrem emprego. São duas situações anómalas que é preciso remediar».

Afirmou ainda ser necessário «começar a assegurar que na Europa e África os nossos jovens possam vir a ter um futuro». E preconizou: «Expandir Portugal nessas áreas, mesmo nas difíceis, será por isso uma das políticas do CDS», garantiu o presidente do CDS.

Freitas a «O Globo»

Estado ficou tão grande que se tornou fraco

Freitas do Amaral, que se encontra no Brasil, disse numa entrevista publicada pelo jornal «O Globo» que o «Estado em Portugal se tornou tão grande que ficou fraco para equacionar problemas como o da redução de investimentos».

«Em 1973, o sector público pesava 22 por cento na economia portuguesa. Hoje cresceu para 44 por cento. Isto cria problemas insolúveis e torna necessária a desestatização da economia», afirmou o candidato à Presidência da República.

Mais acrescentou na entrevista ao jornal brasileiro que o nosso país enfrenta dois «graves problemas: a instabilidade política e a crise económica».

Para «O Globo», Freitas do Amaral apresenta-se «numa plataforma que basicamente pretende resgatar a linha de actuação de Francisco Sá Carneiro».

O ex-líder do CDS defendeu o regime semipresidencialista e a coincidência de mandatos para o Parlamento e para a Presidência da República e propôs uma revisão constitucional para clarificar as relações de instabilidade na sociedade portuguesa.

O candidato a Chefe de Estado propôs ainda a instituição do referendo como instrumento a ser utilizado ante as grandes decisões governamentais.

Na área económica, Freitas disse ao «Globo» que a crise «é consequência de três factores: deficiências estruturais resultantes do passado, reflexos da crise internacional e a excessiva estatização».

RDP

ORQUESTRA SINFÓNICA DA RDP

19 DE AGOSTO – 21,30 HORAS

RUÍNAS DO CARMO

MAESTRO: SILVA PEREIRA
QUARTETO ZIMARLINO

I

VARIAÇÕES SINFÓNICAS SOBRE UMA CANÇÃO POPULAR ALENTEJANA
JOLY BRAGA SANTOS

CONCERTO PARA QUARTETO DE PLECTRO E ORQUESTRA DE CORDAS
TELEMANN

II

O APRENDIZ DE FEITICEIRO
PAUL DUKAS
ESPANHA
CHABRIER
ABERTURA DA OPERA «TANNHAUSER»
WAGNER

(COLABORAÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA E DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES)

VILA DO SEIXAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE CONSTRUÇÃO DO MERCADO DE MIRATEJO

PREÇO BASE ..... 53 884 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 1 347 100$00
ALVARÁS EXIGIDO(S) 1.ª Subcategoria da 1.ª categoria de empreiteiros de obras públicas e da categoria única de industriais de construção civil e da classe correspondente ao valor da proposta apresentda.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS:
LOCAL: Paços do Concelho da Câmara Municipal do Seixal
Serviço de Secretaria Central
ÚLTIMO DIA E HORA: Até às 12 horas do 30.º dia após publicação do anúncio no "Diário da República"

O Local do acto público do concurso terá lugar na Sala de Sessões na 1.ª sexta-feira seguinte ao termo do prazo de apresentação das propostas pelas 15 horas.

O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos, nos Serviços de Engenharia Arquitectura e Planeamento.

Seixal, 1 de Agosto de 1985
O Presidente da Câmara
(Ilegível)

Câmara Municipal do Seixal

VILA DO SEIXAL

CONCURSO PÚBLICO PARA ARREMATAÇÃO DA EMPREITADA DE Execução do Nó Rodoviário de Corroios — 1.ª fase (Cruzamento da E.N. 10 — Vale de Milhaços e Quinta do Rouxinol)

PREÇO BASE ..... 6 791 000$00
CAUÇÃO PROVISÓRIA ..... 169 775$00
ALVARÁS EXIGIDO(S) 1.ª Sucategoria da 4.ª categoria de empreiteiros de obras públicas e da classe correspondente ao valor da proposta apresentda.

LOCAL, DIA E HORA LIMITE PARA ENTREGA DAS PROPOSTAS:
LOCAL: Paços do Concelho da Câmara Municipal do Seixal
Serviço de Secretaria Central
ÚLTIMO DIA E HORA: Até às 12 horas do 30.º dia após publicação do anúncio no "Diário da República"

O Local do acto público do concurso terá lugar na Sala de Sessões na 1.ª sexta-feira seguinte ao termo do prazo de apresentação das propostas pelas 15 horas.

O processo desta empreitada pode ser examinado durante as horas de expediente dos serviços públicos, nos Serviços de Engenharia Arquitectura e Planeamento.

Seixal, 1 de Agosto de 1985
O Presidente da Câmara
(Ilegível)

Câmara Municipal do Seixal

Perto de Coimbra, com muito para contar

Casas Novas: morte do capão traz à memória D. Afonso Henriques

O jogo do galo arrebatou ontem, a escassos quilómetros de Coimbra, as atenções dos assistentes aos festejos de Casas Novas, uma aldeia de casas velhas do histórico termo da ladeira criado há oito séculos por D. Afonso Henriques próximo daquela cidade para enfrentar as investidas dos mouros.

Tratou-se de um passatempo em que os inscritos tentavam matar à primeira paulada, de olhos rigorosamente vendados, capões protegidos no subsolo de onde apenas emergiam as cabeças das aves, perplexas e carcarejantes.

Tarefa nada fácil, mas que — quando bem conseguida — dava direito a palmas e aos despojos do «atrevimento»: carne ainda da soboroda, sem hormonas nem arca frigorífica.

Esta, a grande particularidade dos festejos repetidos anualmente, há séculos, em honra de um Santo António, de menino Jesus ao colo, orago da capela do lugar.

Em torno da aldeia de Casas Novas, muitas outras existem com nomes que denunciam uma persistente ocupação mourisca da região: chamam-se Alvorge, Aljazede, Alcalamouque, Alcabideque, Alfafar e um não mais acabar de topónimos em «Al» que se vão distanciando das cercanias.

Casas Novas, assim se chama a povoação, talvez por contraste a outra localidade em que as habitações são ainda mais antigas e seguramente coevas da gesta da reconquista cristã.

O jogo do galo é tradicional deste burgo do termo da ladeira, povoado por gente que se imiscuiu nas contendas políticas entre Afonso Henriques e sua mãe, D. Teresa, e que o fundador da nacionalidade libertou dos cárceres na condição de ir radicar-se numa região desertificada pelos contantes recontros entre muçulmanos e cristãos.

Ritual único

Não foi apenas o jogo do galo, fulcro dos festejos e de que apenas se sabe — sem que se lhe conheçam as origens e o significado — que vem dos princípios dos tempos, que preencheu estes festejos plenos de costumes tradicionais.

Na véspera da festa, o professor jubilado da Universidade de Coimbra, Salvador Dias Arnaut, especialista em história medieval portuguesa, contou à Anop o que se passou consigo há dezenas de anos, numa visita de estudo que fez ao lugar.

«Subi a escada de acesso a um casal com os maiorais da terra postados em guarda de honra, de jaleca ao ombro e suas mulheres circunspectas e caladas como eles. Lá no último degrau — continua o catedrático — estava a dona da casa que me abriu a porta com um exagerado baraulhar da chave na fechadura».

Salvador Dias Arnaut, que foi médico «João Semana» na região antes de se ter doutorado em letras, asseverou à Anop «nunca ter visto um ritual destes em parte alguma» e que só depois de bem cumprido ele pôde entabular conversa amena e explicar ao que ia.

Descendente de presidiários de há oito séculos e meio, a gente de Casas Novas está hoje perfeitamente redimida dos crimes políticos e de delito comum dos ancestrais, podendo considerar-se sítio de gente boa e de mulheres bonitas.

Missa e sermão do santo padroeiro

Ainda hoje os historiadores cogitam se não terá sido por ali algures, que o Cristo das cinco chagas apareceu a D. Afonso Henriques num célebre fossado da ladeira (em vez de campo de Ourique), quadro que inspira a feitura do escudo nacional.

Lá se radica, seguramente, a lenda dos dois irmãos ferreiros com oficinas estabelecidas nos vizinhos montes de Melo e Germanelo, emergindo, simétricos, como seios hirtos de virgem gigante adormecida no vale do Rabaçal, que dá nome a óptimo queijo agora em maré de promoção com apoio da CEE.

Também por lá existem ainda oliveiras milenárias enxertadas nos zambujeiros surgidos do terreno em que, segundo a lenda, o cabo do martelo dos ferreiros, que o arremessavam um ao outro, pegou de estaca nos montes áridos.

Os juízes da festa de Casas Novas disseram à Anop que não esquecesse de lembrar que, além do jogo do galo, houve também missa, sermão do santo padroeiro, bailaricos e outras diversões.

Claro que tinha de ser assim numa genuína festa de aldeia muito portuguesa, onde também não faltou a «quermesse».

Para esta não houve dificuldades em obter «fogaças» (ofertas), porque as raparigas do lugar, alegando que «os tocadores estão cada vez mais caros», o fizeram no timbre de voz mais português que fonetistas e filólogos conhecem em Portugal.

Autarcas, sindicalistas, médicos, advogados lançam apelo

Solidariedade com Lisnave recolhe apoios em Setúbal

Muitas centenas de autarcas, sindicalistas, advogados, artistas, médicos, professores e simples cidadãos dos mais diversos quadrantes do distrito de Setúbal assinaram já um texto apelando ao cumprimento da legalidade na Lisnave e solidarizando-se com os trabalhadores daquela empresa e com todos os outros «atingidos pelos males dos salários em atraso e do desemprego».

Os subscritores de tal documento apelam ainda à opinião pública para que os acompanhem nessa atitude.

É o seguinte o texto-apelo:

«A situação imposta aos mais de cinco mil trabalhadores é motivo para sérias e reflectidas preocupações e apreensões para todos quantos se batem pela justiça social e pela dignificação do Homem.

Ao cabo de quase três anos de incumprimento no pagamento dos salários e de permanente instabilidade de emprego não é possível descortinar, nas várias medidas adoptadas pelos responsáveis da empresa e governamentais qualquer uma susceptível de solucionar os graves problemas existentes.

À instabilidade e degradação social impostas pelo não pagamento de salários juntaram-se a ilegalidade e a crise económica, artificial e deliberadamente criada como forma de tentar justificar a situação hoje existente.

São os chamados defensores dos direitos humanos do estado de direito e dos mais altos valores morais e sociais, confirmando a sua hipocrisia nem mais torpedeia tais valores.

Quando as leis do Estado estabelecem mecanismos e preceitos para o apoio desse mesmo Estado às empresas em dificuldades, quando essas mesmas leis definem esses apoios para a manutenção ou criação dos postos de trabalho é, no mínimo, absurdo que se condicionem os mesmos à verificação de centenas de despedimentos ou seja: não só não se cumprem as leis como se procura inverter o seu sentido promovendo a ilegalidade da lei.

Num distrito martirizado como o de Setúbal, num país depauperado e atravessado por graves dificuldades, o mínimo que se impunha seria o correcto e integral aproveitamento dos cursos próprios e de todo o aparelho produtivo subordinando estes à elevação do nível cultural, material e social do homem.

A realização de tais objectivos, para além de exigir um esforço convergente de todos, prossupõe, entre outros, a eliminação do flagelo dos salários em atraso e do desemprego como condição base para o empenhamento necessário e indispensável dos trabalhadores.

Governo prepara novos esquemas

Seguros também vão entrar na vida das pensões sociais

O aumento do número de pensionistas nos últimos anos terá de originar novos esquemas de segurança social, ou pelo menos de implicar algumas mudanças no sector. A manutenção do actual quadro de segurança social implicaria um aumento das contribuições das empresas até 50 por cento dos salários, na perspectiva de finais deste século.

Não parece ser essa nem a vontade nem a determinação do Estado, de acordo com declarações prestadas à ANOP pelo presidente do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social. Ao falar, com efeito, sobre a criação de fundos de pensões — a maior alteração a introduzir no actual esquema de segurança social —, fundos esses autónomos e de iniciativa particular que, geridos por seguradoras do ramo de vida virão consagrar esquemas complementares da segurança social oficial, o presidente do Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social (IGFSS) apontou a necessidade de, face ao aumento do número de pensionistas nos últimos anos, regulamentar a lei de segurança social que prevê já a criação de esquemas complementares, de iniciativa particular.

«Na base da criação dos fundos está uma mudança de atitude ideológica face às tarefas tradicionais do Estado», considera Mira Amaral, sublinhando que o diploma consagra um esquema de capitalização, por oposição ao esquema distributivo que caracteriza a segurança social estatal.

«Os fundos vão capitalizando as suas receitas, para num futuro mais ou menos imediato procederem ao pagamento das prestações de reforma, velhice e invalidez», acrescentou.

O presidente do IGFSS salientou que, dada a constituição dos fundos (obrigações, acções, depósitos em instituições de crédito ou documentos comprovativos de empréstimos aos beneficiários do fundo) permite-se a participação do mercado na satisfação de necessidades sociais.

Os contribuintes dos fundos de pensões poderão ser trabalhadores subordinados, indivíduos vinculados laboral ou profissionalmente a um interesse comum ou entidades profissionais, não podendo ter na sua composição mais de dez elementos.

Instado a comentar qual a garantia que os particulares têm de vir a receber as pensões, Mira Amaral salientou que o decreto-lei que autoriza a criação dos fundos permite a sua aplicação em termos económicos, assegurando a diversificação da carteira, ao prever que no activo do fundo apenas 10 por cento estejam representados por acções e obrigações na mesma sociedade, 20 por cento em acções de sociedades anónimas e 20 por cento de empréstimos.

Criar novas formas para actuais necessidades

O presidente do Instituto de Gestão Financeira da segurança Social (IGFSS) acrescentou que os direitos dos particulares estão salvaguardados, dado que «o diploma prevê que» em caso de falência, dissolução ou mudança do depositário, os valores dos fundos serão transferidos para outra entidade com conhecimento do Instituto de Seguros de Portugal», entidade competente para coordenar e fiscalizar o funcionamento dos fundos.

Mira Amaral defendeu a necessidade de reformular a orientação seguida na segurança social, acrescentando que «O Estado não pode mais ser o Estado-Previdência, que cobre todas as necessidades sociais», sendo necessário criar novas formas de satisfação dessas necessidades.»

«A admissão de esquemas complementares, através do recurso à iniciativa dos particulares, não significa ainda a liberalização da segurança social, mas sim a consagração de um sistema de base voluntarista que não diminui em nada a segurança social estatal, mais assenta no pressuposto de que o Estado deve assegurar uma prestação-base e o cidadão, se desejar uma prestação superior, deve pagar antecipadamente para usufruir desse benefício», acrescentou.

Mira Amaral salientou que a criação dos fundos de pensões se insere no âmbito do pacote legislativo recentemente publicado, o qual autorizou a criação de fundos de investimento imobiliário e mobiliário e cujo objectivo é «a dinamização do mercado de capitais.»

Mira Amaral informa que em 1983 existiam 1,8 milhões de pensionistas e que a maior parte deles beneficia de pensões de velhice, «apesar das pensões de invalidez terem ainda em Portugal um peso mais elevado do que nos restantes países europeus.

Em Portugal existe cerca de um pensionista por dois activos, situação que os restantes países da Europa prevêm apenas para o ano 2.010, a não serem alterados os esquemas tradicionais de segurança social», acrescentrou.

Mira Amaral frisou a necessidade de controlar a atribuição de pensões de invalidez, cujo peso no orçamento da Segurança Social ainda é bastante elevado.

Fonte da Direcção-Geral de Segurança Social disse à ANOP que em 1983, as pensões de reforma, velhice e invalidez absorveram 67,6 por cento do orçamento da Segurança Social (cerca de 300 milhões de contos), enquanto nos países comunitários essa percentagem é de cerca de 48 por cento.

A mesma fonte confirmou que na generalidade dos países da CEE o Estado assegura uma prestação base que se aproxima à pensão mínima em Portugal, calculada em função dos salários dos cinco melhores anos dos últimos dez, encontrando-se também consagrados esquemas complementares de iniciativa particular.

ESPECIAL FÉRIAS/85

HOTEL DO PARQUE — VIANA DO CASTELO

Sabemos que você precisa mesmo de umas férias tranquilas. 7 dias 9450.00 p/pessoa em quarto duplo no mês de Outubro, 12 250.00 em Agosto e 10 850.00 em Setembro, é a possibilidade que o Hotel do Parque, pensando em si, lhe oferece no sossegado ambiente das suas 4 estrelas, 2 piscinas climatizadas no coração do Alto Minho, além de agradáveis surpresas. (Pequeno sup. para ocupação quarto individual).

Peça-nos p.f. programa detalhado 'Especial Férias-85' por escrito C.P. 4900, através do telefone 24151/5, telex 3211 ou no seu habitual agente de viagens.

Com destaque para os "enlatados"

No mês de Julho: Inspecção Económica apreendeu mais de 20 mil contos

A inspecção económica apreendeu 22.000 contos de mercadorias no mês de Julho, anunciou à Anop o director-geral deste organismo. Leonardo de Matos afirmou que durante o mês passado «a actividade da Direcção-Geral de Inspecção Económica incidiu prioritariamente sobre a área da saúde pública e da economia».

Quanto à saúde do consumidor, a inspecção económica privilegiou a actuação ao nível da verificação dos produtos, sua característica e estado higieno-sanitário.

No domínio da economia, as brigadas da fiscalização acompanharam os preços dos bens de consumo nos diferentes estádios da comercialização, bem como as estruturas de custos.

O total de agentes económicos inspeccionados no mês de Julho elevou-se a 13.021, tendo sido vistoriados cerca de seis mil estabelecimentos.

Até 31 de Julho, segundo dados oficiais, a fiscalização visitou 668 comerciantes ambulantes e 483 mercados e feiras englobando 6450 vendedores.

Leonardo de Matos referiu à ANOP ter-se constatado ao longo do mês, através dos indicadores apurados «uma forte incidência qualitativa em matéria de economia e de saúde pública, respectivamente com 300 e 600 processos-crime.

Quanto à actividade desenvolvida no mês de Julho, houve um aumento das contra-ordenações: 2246 processos instaurados, contra 1800 respeitantes à média do primeiro semestre do ano.

As inspecções a estabelecimentos foram no mês passado inferiores à média do último semestre, que se cifrou em 6717 unidades.

Primeiro semestre: 295 processos-crime

Da actividade da inspecção económica, no mês de Julho, ressaltam os seguintes números: o valor global dos processos- crime foi de 295, enquanto que a média do primeiro semestre atingiu os 360 e os processos sumários registados foram 44 e 33, respectivamente.

Em termos de investigação e instrução processoal concluíram-se 303 processos, quando a média do semestre não ultrapassou os 284.

Entre as mercadorias apreendidas destaca-se o vinho, a carne, o pescado, os ovos e sobretudo os enlatados, facto este que Leonardo de Matos sublinhou, referindo «ter-se verificado aparecerem no mercado situações de embalagens sem qualidade, avariadas e enferrujadas, contaminando os alimentos e pondo em perigo a saúde pública».

O director-geral da Inspecção Económica considerou «muito significativa a acção fiscalizadora em termos de qualidade de produtos», salientando que dos cerca de 300 processos-crime 235 são por especulação e 65 por outras fraudes.

No caso dos processos relativos à saúde pública, adiantou, por matança clandestina registaram-se 14, quanto a alimentos compostos para animais 18, bens alimentares 17, e outros não especificados 11.

O valor das mercadorias destruídas ascendeu a 2700 contos e as devolvidas ao proprietário elevaram-se a 8100 contos.

"Portuguesa radicada na Bélgica diz-se agredida pela PSP"

Na reportagem sob o título «Portuguesa radicada na Bélgica diz-se agredida pela PSD», da autoria do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, publicada no «DL» da passada sexta-feira, um lapso técnico tornou praticamente ilegível um dos períodos, pelo que face à delicadeza do tema abordado, iremos transcrevê-lo na íntegra. Escreveu Manuel Geraldo: «A razão principal, em nosso entender, do adiar do julgamento, reside no facto de estar em causa a análise de um processo, envolvendo um cidadão estrangeiro (que já requereu o apoio da Embaixada da Bélgica em Lisboa) e a sua companheira. Porque isto de entrar para a CEE não subentende apenas a análise de «dossiers» económicos. Diz também respeito à aplicação da Justiça, matéria para a qual a sensibilidade do Conselho da Europa (e do Tribunal Internacional dos Direitos do Homem) está particularmente motivada. E em que as provas até agora dadas, não têm sido nada abonatórias para a imagem de Portugal.

Professora assassinada e outra alvo de sevícias

Uma professora primária, Maria do Carmo Tiago de Melo, de 38 anos, foi morta a tiros de caçadeira, no Fundão, e uma outra docente, Maria da Conceição dos Santos, de 34 anos, foi encontrada, inanimada, com o cabelo rapado e sinais de violência nos órgãos sexuais e em todo o corpo, na residência do marido, de quem estava separada, também localizada naquela vila do distrito de Castelo Branco.

No primeiro caso, os disparos terão sido efectuados pelo marido da vítima, António Luís Marcelo de Brito, de 40 anos, igualmente professor primário, que, segundo vizinhos, estava, ultimamente, transformado num «alcoólico inveterado». Relativamente à violência cometida sobre Maria da Conceição, há anos radicada em Cannes (França), terá sido praticada pelo marido, de apelido Pluciano que a terá atraído a Portugal, a pretexto de que pretendia resolver umas partilhas relacionadas com umas propriedades que possuem em comum.

Próximo da Guarda e na RFA

Dez mortos em automóveis conduzidos por emigrantes

Dez portugueses perderam a vida no último fim-de-semana em dois acidentes de viação, com automóveis conduzidos por emigrantes, ocorridos nas proximidades da Guarda e no Norte da Alemanha Federal, junto à fronteira com a Holanda.

Na Guarda, um automóvel conduzido por António Carmelo Brás, de 24 anos, emigrante em França, despistou-se e foi chocar contra uma árvore, tendo morrido com ele os quatro sobrinhos que o acompanhavam: Nuno Manuel Gomes da Silva, de doze anos, Marta Sofia Brás Gomes da Silva, de sete anos, Rui Miguel Gomes da Silva, de treze, e Susana Maria Brás de Carvalho, de dez.

No acidente na RFA, o automóvel guiado por Carlos Alberto Lino Fernando, de 46 anos, natural de Lisboa e residente naquele país, saiu da sua faixa de rodagem numa curva e foi embater frontalmente num autocarro de turistas. No automóvel, para além do condutor seguiam ainda a sua mulher, Maria Manuela Fonseca Pires Fernandes, de 45 anos, os dois filhos de ambos (Anabela Pires Fernandes, de 20 anos e Mónica Pires Fernandes, de oito) e um amigo do casal, Mário José Pinto Pedro, de 17 anos, que tiveram todos morte imediata. Dos vinte ocupantes do autocarro, treze ficaram feridos.

Povoação salva por aviões "C-130"

Incêndio na serra do Caramulo ameaçou Rádio Clube das Beiras

Três ocorrências a merecerem especial registo na onda de incêndios que, no último fim-de-semana, continuaram a desvastar extensas áreas de mato e de florestas um pouco por todo o País: em Monchique, onde a serra do mesmo nome ardeu vários dias, o comandante dos bombeiros locais sofreu um grave ataque cardíaco, nas proximidades de Castanheira de Pêra, a povoação de Amiosa só foi salva das chamas devido à acção de seis aviões «C-130», da base da Lousã, e em Coimbra, as duas corporações da cidade não puderam comemorar o «Dia do Bombeiro», pelo facto de estarem mobilizadas para o combate ao fogo que alastrava na floresta em volta do aeródromo de Cernache.

Esta manhã, um incêndio de grandes proporções lavrava no viveiro florestal da Serra do Caramulo, perto de Tondela, estando a destruir uma extensa área de eucaliptos. As chamas, que puseram em perigo as antenas do centro emissor do Rádio Clube das Beiras, estavam a ser combatidas pelos bombeiros de Vale de Besteiros, Tondela, Santa Comba Dão e Mortágua, com um efectivo total de cerca de uma centena de elementos.

Um informador dos Bombeiros Voluntários do Vale de Besteiros disse que foi solicitada a intervenção dos meios aéreos do aeródromo de Viseu, que não puderam actuar devido à difícil visibilidade, adiantando que posteriormente foram deslocadas para a zona três brigadas helitransportadas.

As chamas, que chegaram a ameaçar a povoação de Pedronhe, arredores do Caramulo, estavam a deslocar-se em direcção à Estrada Nacional que liga o Caramulo à povoação de Campo de Besteiros.

Por outro lado, um sinistro de menores proporções, cuja frente se situava em Asnelas, no perímetro florestal de Viseu, e que consumiu uma área superior a 10 hectares, foi combatido pelos Bombeiros Municipais e Voluntários de Viseu auxiliados pelos meios aéreos do Aeródromo local.

MUNDO DE ARTIGO

Mário Castrim

A galhofa

Eu cá, quando for (querescida) crexida o que quero ser é lucutoura purque todos os dias vestem um vestido novo e purque estão sempre muito bem dispostas e purque dizem coisas muito engraçadas. À dias uma disse assim senhor espetador, espero que fique connosco até à uma da manhã e o meu pai disse assim ò, ò, eu se pudesse ainda ficava até mais tarde e a mãe disse assim tem mas é juízo omem e comessaram a rir na galhofa e eu não sabia porquê mas também ri purque a gente em família é assim, gosta de rir uns com os outros.
(Maria Manuela, 9 anos)

Já não quero ser ministro

Eu antigamente, quer dizer, aqui há anos o que eu gostava mais de ser era ministro, porque é uma pessoa importante, porque aparece muitas vezes na televisão e porque andam sempre a viajar. Mas agora já não estou muito caído para aí porque logo que um ministro aparece na televisão o meu pai começa a gritar «vai-te embora, malandro» e outras coisas do mesmo género ou pior e então eu acho que não compensa e já não quero ser.
(Carlos Alberto, 10 anos)

Imagens de Pompeia

O programa que eu até hoje mais gostei de ver na televisão foi «Os Últimos Dias de Pompeia». Aquelas imagens de arquivo da RTP eram maravilhosas.
(Carla Vanda, 9 anos)

Um OVNI

A minha redacção é sobre os Ovnis. Senhora professora: há quem diga que os ovnis não existem. Isso é que existem. A televisão ainda há dias mostrou um.
Foi uma bomba que caiu do céu e destruiu uma cidade chamada Nagasaki. Eles até disseram «a bomba caiu», «a bomba arrasou» a cidade e matou setenta mil pessoas».
Até hoje não se sabe quem atirou a bomba, porque se soubessem o Telejornal tinha dito, se o Telejornal só disse que «a bomba caiu», é porque a bomba caiu do céu, com certeza mandada por seres extraterrestres muito maus.
Eu faço colecção de livros sobre os mistérios dos ovnis e sei que há muitos outros planetas com vida inteligente. Eu acredito nos ovnis. A prova que os ovnis existem, está na bomba de Nagazaki: segundo o Telejornal, foi um ovni. **Fim.**
(José Paulo, 10 anos)

Seareiros tiveram feira em Vila Franca de Xira

Melão: o fruto doce de uma vida amarga

Nuno Ribeiro

Pelo quinto ano consecutivo o jardim municipal de Vila Franca de Xira foi o palco da Feira do Melão. Trinta e cinco seareiros da Companhia das Lezírias expuseram os seus frutos e concorreram para o título de produtor do melhor melão. Mas, a honra do prémio não pode esconder as dificuldades: ele é o fruto doce de uma vida amarga.

«Nós não queremos só fazer melão, mas encostam-nos à parede e obrigam-nos a estar parados», desabafa Manuel Lopes Moreira, membro da Comissão de Seareiros e expositor na feira. Em causa está a situação que se vive nas terras da Companhia das Lezírias. Por isso, repete por diversas vezes: «O Conselho de Gerência da Companhia das Lezírias devia aqui vir ver estes melões». Seria a «prova dos nove» do trabalho realizado pelos seareiros dos campos ribatejanos, apesar das terras salgadas, das rendas altas, da falta de ajuda técnica e financeira.

Falar de melão em Vila Franca, capital do concelho maior produtor do País, é, também, falar destes problemas. Consciente do facto, a câmara decidiu promover, desde há cinco anos, este certame. Não apenas para comercializar o fruto, nem só para criar novos hábitos turísticos. «É uma ideia de aproximar o produtor e o consumidor», sublinha Álvaro Dinis, do departamento de economia e turismo da edilidade, organismo que tem, a seu cargo, a organização da Feira do Melão. É o diálogo e esclarecimento entre os dois principais elos de uma cadeia que a distância e os intermediários tornam desconhecidos.

«Semeei quatro vezes para uma colheita»

«Os seareiros da Companhia das Lezírias pagaram, no ano passado, cinco mil contos e, este ano, vão pagar rendas à volta de 12 mil», explica Manuel Moreira. Os hectares que trabalha estão situados na Murraceira onde, indica, 90 por cento dos seareiros não vão ter dinheiro para pagar a renda. «Não vamos ter meio quilo por cova, mas para aí 400 gramas... a terra está cansada».

Por não haver um sistema de drenagem, «este ano semeei quatro vezes para ter uma colheita; eles (Companhia das Lezírias) tão-pouco abriram uma vala. Por isso, sublinha, «até se admiram como em certas terras nós conseguimos fazer folhas verdes, quando eles nem conseguem tirar um bago de centeio». «Na lezíria estão a fazer searas secas e não fazem regadio», acusa.

Este problema motivou a luta dos seareiros para que a companhia lhes atribuísse melhores terras. «Fizemos força para alcançar terras melhores, que não fossem salgadiças», recorda Armando Exposta Cunha, da comissão. Ganha em parte esta luta, as rendas aumentaram. «Terras de primeira passaram de 18 para 40 contos de campanha, período de seis meses, e as de segunda subiram para 30 contos».

Por isso, vomo refere Manuel Moreira, «cerca de 90 por cento dos seareiros são operários agrícolas que, de Abril a Agosto, fazem melão e, depois, trabalham por conta de outrem».

No entanto, outro problema afecta a lezíria: o subarrendamento. «Há grandes rendeiros que alugam terras à Companhia das Lezírias e que, por sua vez, subalugam aos seareiros». O preço passa, então, de 2700 escudos o hectar — custo do arrendamento — a verbas que, por vezes, atingem os 100 co tos por hectar no subarrendamento. «E, para irmos para lá, temos de pagar adiantado», sublinha Manuel Moreira, que considera esta situação como «uma campanha antecipada».

«Um prestígio depois de horas de trabalho»

Para além dos problemas com a Companhia das Lezírias, os seareiros tiveram que «forçar» ao tabelamento, recorrendo, mesmo, a manifestações e a um corte da recta do Cabo.

A perspectiva da liberalização do preço esteve durante muito tempo, no seu horizonte. «De que é que valia co eçarmos a vender a cinquenta escudos o quilo para, depois, per falta de escoamento, sermos forçados a vender a 15?».

À pergunta, Armando Cunha dá, de imediato, a resposta: «a tabela é sempre uma segurança em relação aos intermediários». O preço fixo «é bom para o produtor e para o consumidor», Sintetiza. Depois de «um jogo de empurra» entre os Ministérios da Agricultura e Comércio e Turismo que, alternadamente, apresentavam entraves ao tabelamento, foi publicado a 9 de Agosto no «Diário da República» o preço de venda ao intermediário: 24 escudos por quilo. Se esta batalha foi ganha, os seareiros queixam-se ainda da falta de apoio técnico do Ministério da Agricultura e dos serviços regionais do MAP. «O apoio que nos dão é através do IFADAP, o crédito bonificado de 29,5 por cento e que, na prática, ultrapassa os 30 por cento», refere Manuel Moreira.

As dificuldades económicas levam a diversos problemas. «Há máquinas que são compradas a crédito e que têm de ser vendidas ao desbarato», os seareiros lamentam, ainda, que as garantias dadas pelo Fundo Fomento da Exportação «não sirvam para nada». Perdida uma tradição de muitos anos, só há pouco a produção de melão começou a ser exportada, atingindo, no entanto, cota pouco significativa, se comparada com as 70 mil toneladas que a Espanha coloca em vários mercados, nomeadamente em Inglaterra e na Alemanha Federal.

Apesar das dificuldades, a Feira de Melão é sempre bem-vinda pelos produtores. «É um prestígio depois de tantas horas de trabalho».

Uma nova espécie de seareiros

A falta de incentivos estende-se também aos novos agricultores. «Quem pode ser estimulado para pagar 100 contos e, depois de seis meses de trabalho, deixar a terra preparada e adubada para a Companhia das Lezírias ter grandes colheitas?», interrogam.

No entanto, há jovens agricultores interessados, sublinha Manuel Monteiro que refere estar a aparecer também uma nova espécie de seareiros: «são os desempregados de outros sectores que voltam à terra».

Ali, no jardim Municipal de Vila Franca de Xira, na V Feira do Melão, repete-se, a história contada por Alves Redol nos «Avieiros»: *«espalhavam-se pelos meloais a carregar fruta, passando-a de mão para mão até aos saveiros. Verão nos campos é Inverno no rio, e há que procurar pão de qualquer maneira, pois as safras do sável já não davam como antes para o ano todo. (...) Foi por isso que as mulheres se meteram na lezíria à ceifa do trigo e noutros trabalhos. Esqueceram tradições para se voltarem para a vida, mais dura em cada dia»*.

Tal como então, a necessidade leva a que as tradições sejam esquecidas, ultrapassadas pela urgência de um quotidiano difícil. Do Inverno do rio e da tempestade da era industrial, para a árdua tarefa no meloal, o percurso é determinado pelo mesmo: a sobrevivência.

«Se calhar não faço para a renda...»

Sinais deste drama existem, bem visíveis, nas alamedas do jardim municipal de Vila Franca de Xira, convertidas no passado fim-de-semana, em expositores da produção do melão.

A 30 escudos o quilo, preço estabelecido para venda ao público entre a comissão de seareiros e a organização do certame, toneladas de melão dão um colorido novo e um odor doce ao parque à beira rio.

Tubos de ferro, «forrados» com placas de madeira, e como toldo uma cobertura de folhas de eucalipto, formam os «stands». Pendurado, um cartaz marca a letra azul a presença de um seareiro e a variedade da sua produção: do branco ao amarelo, passando pelo tendral, espécies várias do mesmo produto, sabores diferentes que, os olhares entendidos, as passagens de mão e os dedos dos compradores procuram escolher.

Todas as conversas têm como tema o fruto doce de um trabalho amargo e árduo que é Rei. Feita a escolha, para o transporte do eleito escolhem-se os mais variados processos. Em equilíbrio instável, braços como tentáculos, um homem transporta três grandes melões. Outro, de maior bolsa ou apetite, parte para casa, cabaz na mão, com os «amarelos» a prometerem sabores inesquecíveis.

Para os seareiros é a festa, a ser coroada com a eleição do melhor melão, atendendo às características que marcam a diferença e estabelecem uma hierarquia: aspecto exterior, grau brix e características gustativas.

Depois de conhecidas as dificuldades, o sabor amargo que o fruto doce tem para quem o cultiva, não se deve estranhar o lamento de uma mulher, sem a malícia dos feirantes: «se calhar este ano não faço para a renda».

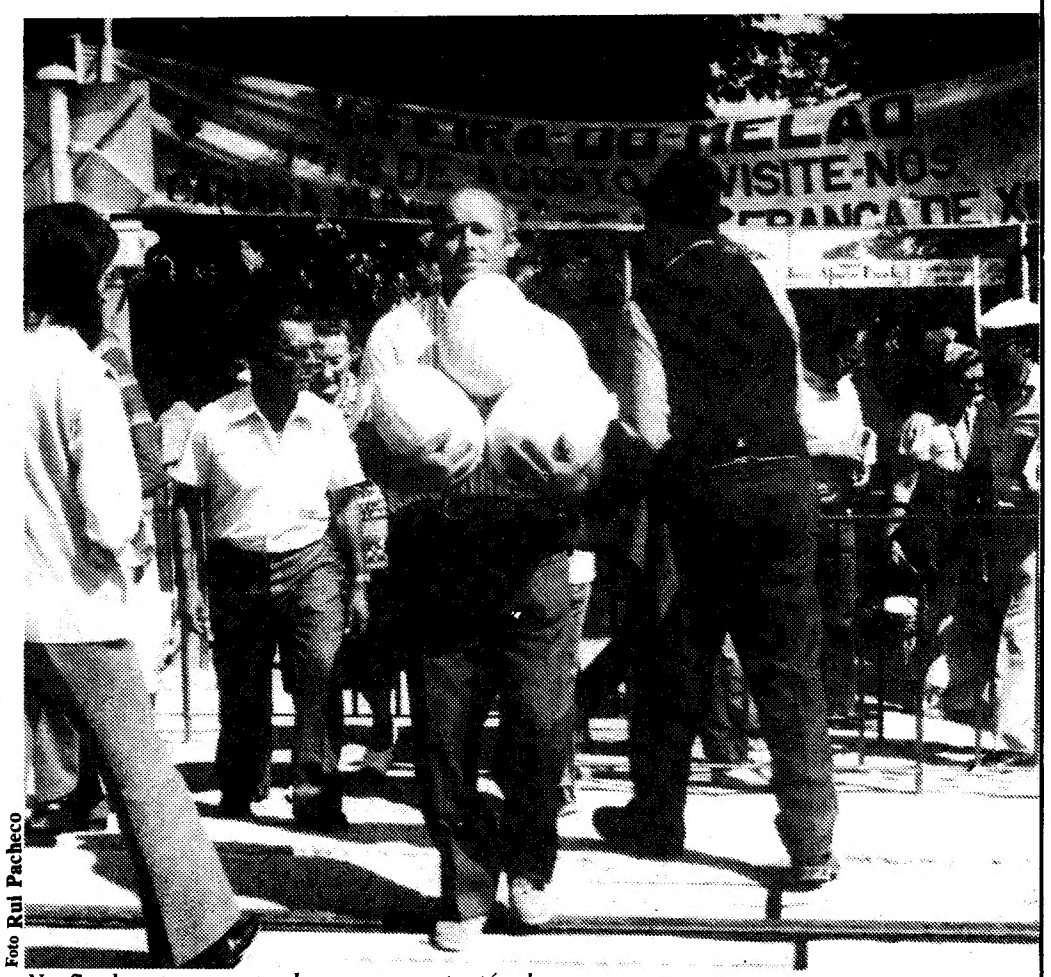


Foto Rui Pacheco

No final, o transporte: braços como tentáculos

Foto Rui Pacheco

Num recanto do jardim: a primeira talhada

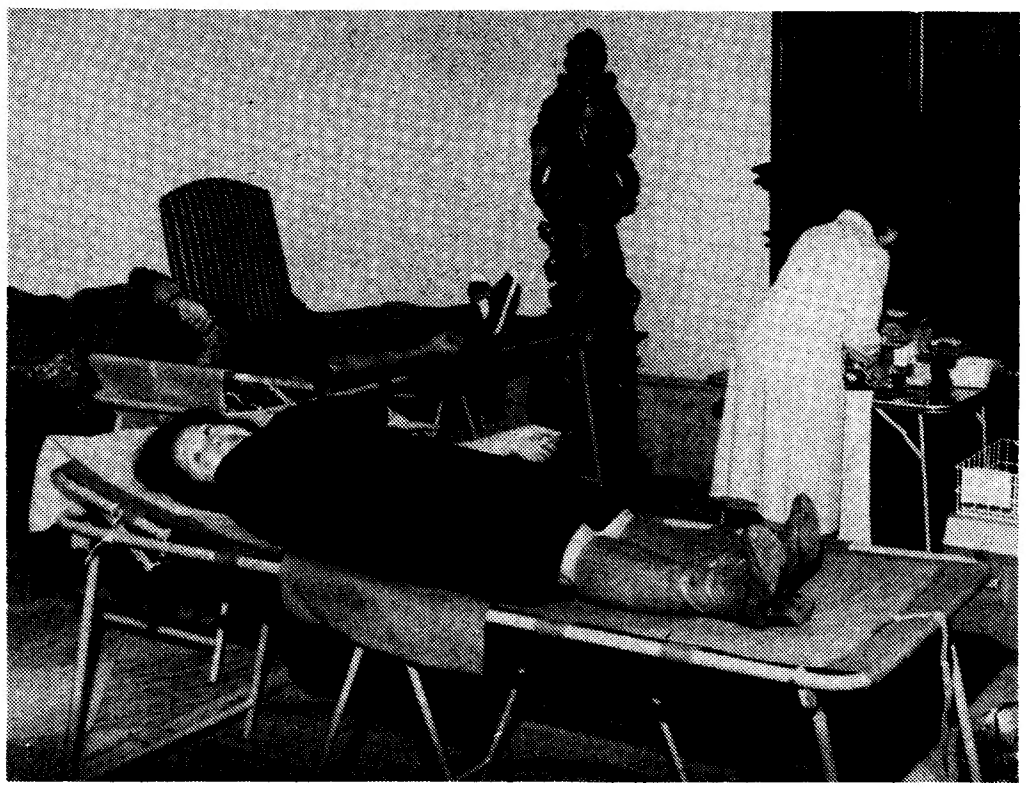
Os premiados

Ontem à tarde foram atribuídos os prémios do Concurso de Qualidade do Melão, coroando deste modo, a V Feira do Melão. Divididos em três espécies, os frutos foram apreciados por júri que ditou a seguinte classificação. Na variedade «branca», o melão colocado em primeiro lugar é da lavra de António Capitão. No «amarelo» o prémio foi atribuído a Ildério Pedrosa Martins e, por fim, no «tendral», João Grilo Lopes levou para casa a honra de um primeiro lugar.

Análises feitas aos primeiros mil

Testes aos dadores de sangue não deram sinais de SIDA

Nos primeiros mil testes realizados pelo Instituto Nacional de Sangue aos dadores não foi obtido nenhum resultado positivo de SIDA, afirmou esta manhã ao «DL» o dr. Pedro Franco, do INS. Aquele clínico precisou que os testes já entraram na segunda milena mas que, dada a especificidade dos dadores de sangue em Portugal, as transfusões não devem ser encaradas com preocupação pela população.



Transfusões ainda não são motivo de preocupações

«Cerca de 90 por cento dos nossos dadores são benévolos e o que fica é pouco e está adstrito a centros privados que eliminam os grupos de risco». Deste modo, e considerando ser possível que indivíduos dos «grupos de risco» se dirijam aos bancos de sangue, os resultados apurados, que o director do Instituto Nacional de Sangue considera «já começarem a ser significativos, mas ainda não suficientes», não provocam alarme.

A SIDA em Portugal, continuou o dr. Pedro Franco, não encontra um meio cultural e social favorável à sua propagação.

Por outro lado, a dr.ª Laura Aires, coordenadora do grupo de trabalho constituído por diversos organismos para tratar do caso do Sindroma de Imunodeficiência Adquirida-Instituto Ricardo Jorge, Instituto Nacional de Sangue, Instituto Nacional de Saúde, Direcções-Gerais dos Cuidados de Saúde Primários e Hospitais, e a Lusotransplante, organismo que coordena as transplantações de órgãos no nosso país — afirmou-nos não poder adiantar qual o número de casos, não confirmando notícias, entretanto veiculadas pela Imprensa, de que já se teriam registado em Portugal quatro mortos.

O grupo de trabalho, criado no passado mês de Julho, está ainda a estabelecer uma estratégia de ataque ao problema, sendo previsível que em princípios de Setembro sejam divulgados os primeiros resultados e conselhos. A constituição deste grupo foi ditada pela necessidade de acautelar a saúde pública e como sublinhou o dr. Pedro Franco, são estes organismos oficiais que dão as informações à Organização Mundial de Saúde. Daí que, de acordo com aquele responsável, nos apareçam estatísticas do estrangeiro com números contraditórios com base em informações de organismos não creditados para o efeito.

MARROCOS
EXCURSÕES DE LUXO
AUTOPULLMAN COM AR CONDICIONADO ★ SERVIÇO DE GUIA
HOTÉIS DE 1.ª ★★★★ E DE LUXO

CIRCUITO DAS CIDADES IMPERIAIS
Visitando: TÂNGER • CEUTA • RABAT • CASABLANCA • MARRACKECH • KENIFRA • FEZ • MEKNÉS • TETOUAN • CEUTA • SEVILHA
9 DIAS 5, 19 E 28/9 — PENSÃO COMPLETA ..... 58000$

GIBRALTAR - TÂNGER - CEUTA
Visitando: SEVILHA • ALGECIRAS • TÂNGER • CEUTA • ZAFRA
5 DIAS — 7 E 21/9 — PENSÃO COMPLETA ..... 29000$

RESERVAS E INFORMAÇÕES
AVIC
LISBOA
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
1000 LISBOA
TELEFS: 52 11 16/7 – 57 29 70
ESTAMOS ABERTOS A HORA DO ALMOÇO

MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-1846/85

FORNECIMENTO DE VIATURAS TIPO «AMBULÂNCIA»

Recebem-se propostas até às 9.30 horas do dia 3 de Setembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16, as respectivas condições.

Serviços de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 8 de Agosto de 1985.

O Chefe do Serviço

Ilídio Luís de Sousa

Menos comboios do e para o Algarve

Paralisação dos barcos da CP provoca «bichas» no Barreiro e engarrafamentos na ponte

Os passageiros da Linha do Algarve que esta tarde saíam de Faro e estações seguintes, no Algarve e no Alentejo, com destino a Lisboa, poderão viajar até ao Barreiro e aqui apanhar barco, pouco depois das zero horas de hoje, para o Terreiro do Paço. Viajarão no primeiro «ferry», depois da greve de 48 horas que paralisou completamente as ligações fluviais Terreiro do Paço-Barreiro e vice-versa, afectando dezenas de milhares de pessoas, em particular hoje, causando «bichas» na RN do Barreiro e engarrafando o trânsito na Ponte 25 de Abril.

Desde 12 do corrente que a Federação dos Sindicatos Ferroviários está em luta com o Conselho de Gerência da CP, exigindo que este apresente uma proposta de regulamento de carreiras que reponha o equilíbrio até agora existente entre as diversas profissões, segundo um dirigente sindical. É esse o objectivo das greves em curso na CP, inserindo-se a dos serviços fluviais Terreiro do Paço-Barreiro e a dos motoristas de autocarros da CP das ligações Viseu/Aveiro nesse quadro e no calendário aprovado pela Federação. Às zero horas de hoje — pouco antes do recomeço das ligações fluviais entre Lisboa e Barreiro —, e também por um período de 48 horas, entrarão em greve a nível nacional os trabalhadores de renovação da via e obras, exploração florestal, serviços de topografia e motoristas de ligeiros e pesados dos Caminhos de Ferro Portugueses, se bem que a sua influência na circulação dos comboios não seja vital.

A greve na ligação fluvial Lisboa-Barreiro levou ao cancelamanto de quatro circulações ferroviárias entre o Barreiro e o Algarve, problema que a CP em parte obviou com a organização de dois comboios especiais, ontem e hoje, entre Lisboa e Faro, de manhã e à tarde, com transbordo no Setil (Linha do Norte). O último partirá às 17h10 de hoje de Santa Apolónia, ainda via Setil, para Faro, onde deverá chegar às 23 horas e 54. Ao mesmo tempo, sairá de Faro um comboio que virá em direcção ao Barreiro, onde chegará às 23h54. Os seus passageiros aguardarão onze minutos pelo primeiro barco, depois da greve de 48 horas, entre o Barreiro e o Terreiro do Peço, desembarcadndo aqui às 00h35.

Grandes «bichas» no Barreiro

A situação que hoje se viveu entre o Terreiro do Paço e o Barreiro, e vice-versa, foi idêntica à de ontem: não houve ligações fluviais e, portanto, quem quis viajar entre os dois pontos, teve que optar pelas poucas alternativas ao seu dispor, sobretudo pela que passou pela Ponte 25 de Abril. Aos passageiros da linha Lisboa-Algarve, como atrás se disse, a solução encontrada pela CP foi a circulação de dois comboios especiais saídos de Santa Apolónia, e outros tantos em sentido contrário (saídos de Faro), por dia, ontem e hoje.

Os passageiros saídos do Sul ou nessa direcção, dirigindo-se para o Algarve a partir do Barreiro ou para esta cidade, vindos do Algarve, mudaram de comboio na estação do Pinheiro, perto de Alcácer do Sal, para o Setil. Houve ontem saída de comboios da estação do Barreiro para Pinheiro, sem ligação (obviamente) com o Terreiro do Paço, assim como esta manhã, prevendo-se outra para a tarde.

Mas se ontem foi possível à CP minimizar a situação sem problemas de maior para os seus passageiros, a solução ensaiada para hoje não disfarçou os efeitos da greve de 48 horas nas ligações fluviais Terreiro do Paço-Barreiro, apesar da colaboração da RN que entre o Barreiro e Cacilhas (e vice-versa), pôs esta manhã trinta autocarros ao dispor dos habituais utentes da CP ao preço de 175 escudos por viagem. A «frota» da RN, contudo, esteve longe de corresponder às necessidades imediatas, formando-se por isso inúmeras «bichas».

As greves dos cerca de duzentos trabalhadores das ligações Terreiro do Paço-Barreiro e dos 65 motoristas da CP entre Viseu e Aveiro afectaram dezenas de milhares de pessoas: os primeiros fazem 110 ligações diárias entre os dois pontos (cada barco transporta mil e quinhentos, e por vezes até mais, passageiros por dia); os segundos, vão de Viseu a Aveiro 53 vezes por ida e também liga Nelas a Viseu e Pocinho a Miranda do Douro (e Linha do Sabor). Afectados foram ainda os passageiros provenientes do Alentejo, sobretudo de Praias-Sado para cima, na direcção de Lisboa. Todos eles tiveram de apanhar hoje os autocarros da RN em serviço especial entre o Barreiro e Cacilhas. À tarde será o mesmo, mas em sentido contrário.

As paralisações, como atrás referimos, visam exigir do conselho de gerência da CP a revogação do regulamento de carreiras actualmente em vigor, ou seeja, repor o equilíbrio profissional até agora existente.

Atletismo

Pódio europeu para soviéticos

O campeonato da Europa de atletismo foi dominado pelo confronto entre a RDA e a União Soviética e, após 12 anos, a URSS voltou a ocupar o lugar central do pódio no torneio másculino enquanto e no sector feminino há uma década que não venciam a Taça da Europa. Agora resta aguardar qual o comportamento destes fortes conjuntos na Taça do Mundo, a realizar brevemente em Camberra.

Pág. 15

Saucedo está no solo, Bento com a bola, José Luís de atalaia e Bastos Lopes na protecção. Terá havido «penalty»?

Futebol: «Cidade de Lisboa»

Benfica vence torneio sem taça

Durante três sessões nocturnas, decorreu nos palcos de Alvalade e da Luz a 4.ª edição do Torneio Internacional «Cidade de Lisboa» em futebol com a participação do Benfica, Sporting e do campeão irlandês Shamrock Rovers. Com alguma surpresa e natural desencanto, para os adeptos sportinguistas, os irlandeses ao marcarem no minuto inaugural quebraram o ritmo da turma de Manuel José à qual faltaram soluções para evitar a derrota. No dia imediato calhava ao Benfica não ir além dum «nulo» a zero, para ontem, no confronto entre os rivais lisboetas, o triunfo caber ao Benfica por marca tangencial de 2-1. Regulamentarmente (?) taça para o Benfica só que os organizadores se esqueceram de encomendar o troféu...

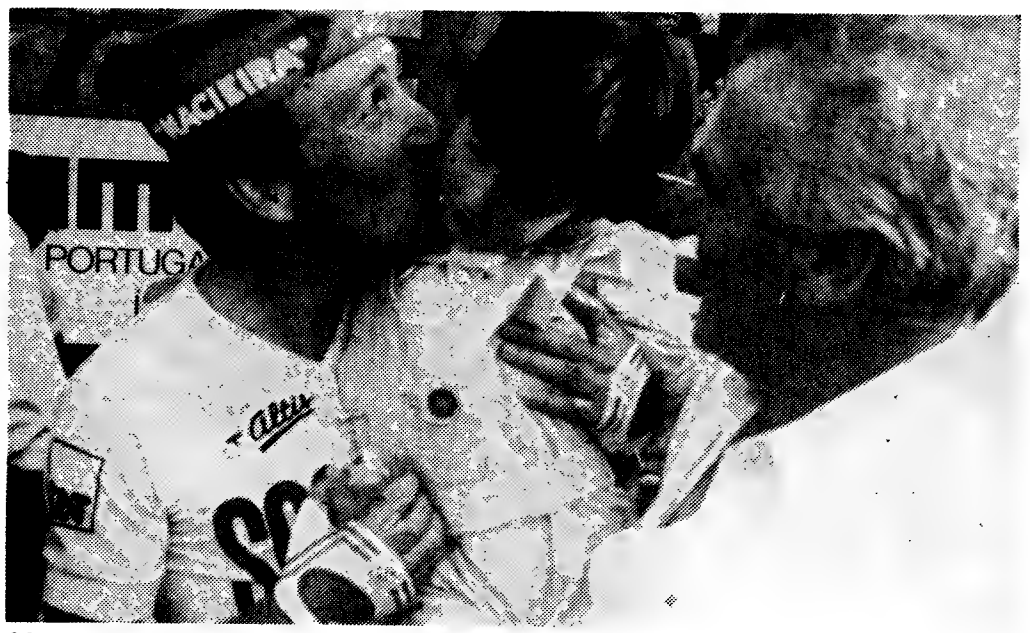
Pág. 15

Fórmula Um

Prost e Alboreto no «ponto zero»

Pág. 15

D Desporto



Marco, a filhinha (Isabel Alexandra) e o técnico Emídio Pinto

Do vencedor para vencido: a palavra de amizade e apreço

Marco implanta marco na história da pedalada

Neves de Sousa

enviado especial do «DL»

Tudo está bem, quando acaba bem: no pódio ficam (realmente) os melhores ciclistas concorrentes a esta «Volta a Portugal» e, para já, os parabéns mais elogiosos a Marco Chagas, Eduardo Correia e Venceslau Fernandes, esse trio de ouro que somente baixou bandeira depois de cumprir (com suor e lágrimas) todo o horário. Confirmaram amplamente o valor que os credita como grandes atletas em qualquer competição ciclística e revalidaram (se preciso fosse) os créditos que os mantém na fila cimeira de uma modalidade-espectáculo que, pelo menos uma vez em cada ano, está na boca do Povo durante duas dilatadas semanas.

Aplausos são igualmente extensivos a Manuel Zeferino, que andou em pézinhos de lã mas chegou a afrontar os colegas que podiam imaginar que a turma vimaranense teria escassa força para defender as pretensões do nosso «profissional ibérico». Fernando Fernandes (um antigo campeão nacional), Manuel Cunha (pretendido pelos espanhóis da «Teka») e o moço sportinguista António Pinto igualmente tornaram a mostrar capacidade e talento, força e vontade, profissionalismo e alegria para atingirem o cume da bandeira, enquanto Adelino Teixeira se apresentou em forma física alquebrada, facilitando a aproximação classificativa de quatro mosqueteiros que (urgentemente) pedem passagem para os mais altos voos: José Santiago, José Passos, Fernando Carvalho e Manuel Vilar, vá lá alargar-se mais o quadro até Luís Domingos, Manuel Gomes e José Poeira. Os dois «leões» marcaram muito em cima Manuel Cunha, não o deixando colocar pé em ramo verde: e, como lugar-tenente para qualquer falha, lá esteve também António Alves, que era assim a modos que a sombra negra do lousanense. Em seguida, face à momentânea falência de Adelino Teixeira, tocou a hora da mocidade: o novo rei da escalada (Santiago, do Gulpilhares) a provar que é já figura imprescindível em qualquer cartaz ciclista, José Passos e Manuel Vilar brilhando, não somente como homens-às-ordens do chefe Venceslau mas, muito especialmente, catapultando a Ajacto para uma posição que parecia destinada a ser ocupada pelo Bombarralense, afinal a enorme desilusão da corrida, não foram esporádicos êxitos em etapas discutidas ao «sprint» e a

Continua na pág. 12

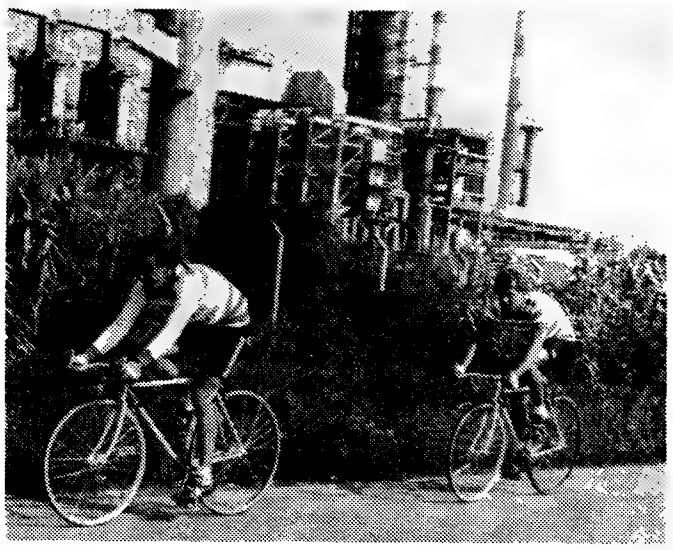
«Lau»: travar aos 40? Longe disso

47ª VOLTA A PORTUGAL

Relógio e montanha escoll

Continuação da pág. 11

belíssima prova de Fernando Carvalho, o filho de Alberto Carvalho (que, nos bons velhos tempos em que Jorge Lara reunira um bloco de eleição no Académico do Porto, prepondera-va no lote o excepcionalíssimo Ribeiro da Silva) já marcara posição no ciclismo adulto. Ora aqui está um bom sucessor: Fernando Carvalho foi, até hoje, o ciclista que mais embolsou numa única etapa voltista: aconteceu há dois anos, para Oliveira do Bairro, quando o herdeiro de Alberto ganhou uma motorizada, uma mobília, vários outros prémios utilitários e cerca de 200 contos por uma corrida matinal. Quanto ao lousanense Luís Domingos, tentou que a sua formação desse luta mais directa à prevista e assustadora pré-hegemonia sportinguista, o mesmo acontecendo com o resistente Manuel Gomes (que conseguiu limpar um nadinha do negrume que quase envolveu totalmente uma formação boavisteira que não rendeu qualquer mérito ou fruto para a colectividade do Bessa, já que foi formada e treinada sobre o joelho) enquanto José Poeira (que representou o Pinheiro de Loures antes de saltar para o Lousa) era o menino bonito do meu saudoso companheiro Adolfo Rodrigues, um bom homem que está já longe e, ao lado de outros dois amantes do ciclismo que subitamente nos deixaram (Alberto Oliveira e Domingos Ferreira) abandonaram, que deixaram na longa caravana ciclista n.º 47 o vazio imenso das suas ausências.



Eduardo Correia e Marco Chagas ensaiaram as «cabras» momentos antes do contra-relógio

Mas, voltando a falar dos ciclistas, registe-se a persistência de Alexandre Rua, a mocidade de Jorge Corvo, o apelo da noiva (bem cumprido) para que José Marques terminasse a corrida, a confirmação de Jacinto Paulinho em plano de regularidade e a quase abdicação de Belmiro Silva, já a sentir demasiados momentos de colapso.

Para além dos vinte mais cotados, surgem-nos o ainda esperançoso José Martins, a dupla verde Leal-Xavier (prejudicada pela função de aguadeira, a que ficou entregue a partir do instante em que Emídio Pinto passou a dispor de um mínimo de dois homens capazes de triunfo final), os foguetes efémeros de Raul Terebentino, os longos (e proveitosos) «sprints» de Carlos Santos (que só não vence a última meta-volante e com ela o saboroso prémio derradeiro por desclassificação outorgada drasticamente por um júri com mil olhos assentes para determinadas figuras e venda no rosto para uma larga legião de outros símbolos), António Alves marcando à zona e ao homem Manuel Cunha (um flibusteiro que os «leões» tinham de colocar sob custódia) e José Amaro, a cumprir a última corrida por etapas de uma muito bonita carreira. E como teria sido belo exemplo de companheirismo os demais integrantes do pelotão terem autorizado que Amaro levasse até ao fim o esforço que estava desenvolvendo para triunfar na chegada a Matosinhos...

Ficou depois um fosso de diferentes cambiantes: o sul-africano Ernest Bezuidenhout (mouro para todo o trabalho na Ajacto), Benjamim Carvalho (a quem ninguém permitiu asas para tornar a voos rasantes), os vimaranenses Manuel Abreu e Joaquim Fonseca dando uma certa alegria ao dirigente António Domingos, o olhanense Gaspar Gonçalves mais regular que António Fernandes (mas o mano de Venceslau a acarretar para o Bombarral o fraco lenitivo de sucessos velozes sobre o derradeiro risco branco) outro conjunto de jovens que já erguem cabeça e sabem para onde correm (João Paulo, António Araújo, Paulo Silva, até o britânico Cyr Theakston, que faz tapeçarias, tem noiva algarvia e por cá vai ficar morando até a vida tomar rumo melhor).

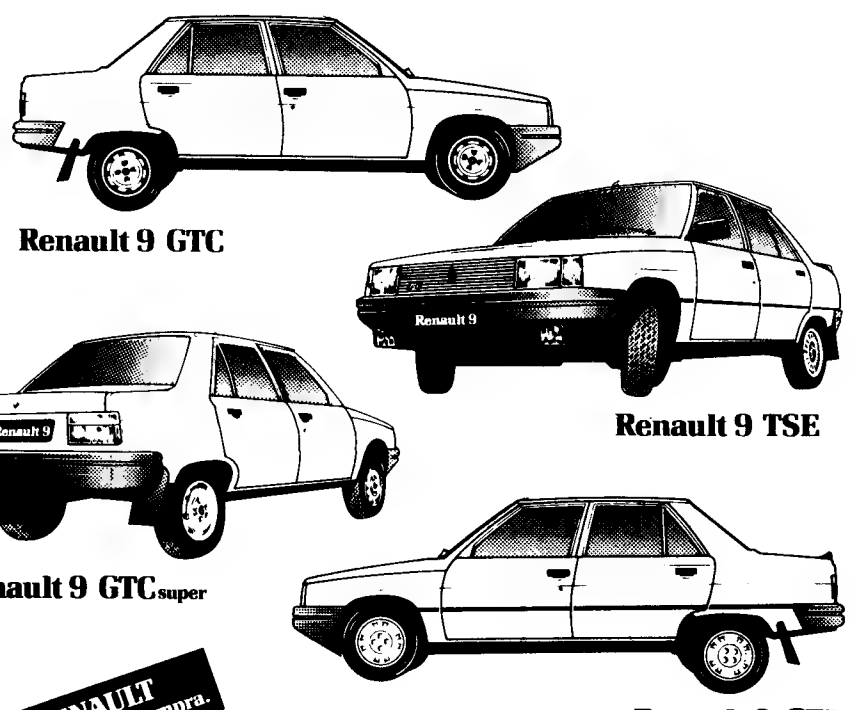
Armindo Terebentino encheu o folar até acima: sempre que lhe cheirava uma meta bem tocada de Donas Marias, aí ia ele: só numa manhã, em menos de trinta quilómetros, enfiou na carteira vinte seis contos e picos. Bernardo de Sousa quedou-se pela mediania, mas quanto a João Santos chegou a ser vedeta no contra-relógio que fez cair o pano sobre a «Volta». Manuel Martins precisa de emprego: a Câmara Municipal de Fafe não dá uma ajuda? José Fernandes vai continuar trabalhando na oficina de bicicletas do mano «Lau», o brasileiro Renato Ferraro regressa pronto ao pátrio lar, Carlos Marta está a longos metros da sua validade antiga, Anselmo Costa fez número pelo Boavista, Carlos Pereira deu nota de inconformismo na apressada selecção nortenha, Luciano Soares deu o tom de juventude a um Tavira onde também Constâncio Reis pode escrever história futura, Fernando Maia foi o carregador de pianos da Ajacto, Américo Silva (para além de ganhar a etapa que conduziu a Matosinhos) esteve sempre rodeado do calor da noiva (Lygia), mais dos tios e da priminha, todos saídos de Manique (Cascais) para incentivarem o moço, Eugénio Passos e José Montiero, Paulo Duque Silva e Rau Matias, Duarte Ferreira e o por vezes fulgurante Manuel Garcez

João Roque: «foi uma excelente oportunidade para testar novos valores. Para além de Joaquim Gomes, creio que o meu filho João Santos pode chegar longe»

O enviado especial
do "Diário de Lisboa"
viaja num automóvel RENAULT 9

Foi num magnífico Renault R 9 GTC Super (matrícula IJ-18-26) que efectuámos a Volta a Portugal, acompanhados por Eugénio Queirós e Malacó (nossos companheiros da «Gazeta dos Desportos», encarregados das reportagens para aquele trissemanário desportivo). Na outra imagem: António Vieira, o homem que, nas salas de Imprensa tanto facilitou a ligação entre os «voltistas» e as redacções dos diferentes órgãos de Comunicação Social que cobriram a competição

RENAULT 9
AUTO-AFIRMAÇÃO



Crédito RENAULT
As melhores condições de compra.

Uma gama completa de quatro versões com os aperfeiçoamentos tecnológicos mais recentes.
Tracção à frente e suspensão com as quatro rodas independentes para maior precisão e segurança na condução.
Elevadas performances com grande economia. Bancos monotraço para uma posição de conforto ideal, aumentando o espaço nos lugares traseiros.
Elevado nível de equipamento.
Posição acessível aos comandos.
Boa visibilidade dos instrumentos indicadores luminosos.
Suspensão reforçada e confortável que atenua a irregularidade dos pisos.
Amplo espaço para bagagens.

RENAULT

TACÓGRAFO KI
A MEMÓRIA IMPAR

É um aparelho que regista tudo o q viatura durante o seu trajecto, nome tempo de paragens, km percorridos, co etc.
Fornecidos pela Soc. de Lubrificante

olheram os reis

foram até onde permitia o diapasão que media as suas forças, embora o representante do Alcoa (clube onde o pai foi fundador e é, de momento, presidente, tesoureiro e dominador comum em todos os blocos) tenha fixado o nome em proezas curiosas.

Resta dizer que também concluiram a prova outros seis aventureiros: Luís Cruz, o tavirense António Pinto, os olhanenses Edgar Pereira e José Barbosa, Hermínio Gorgulho e Adriano Pedro. Quer dizer: dois seniores B, enquadrando um trinvirato de algarvios, com tal em veterano que defendeu as cores de uma agremiação exclusivamente concebida e arregimentada para estar presente nesta «Volta».

Este é o ciclismo que temos: tão depressa tocado pela esperança como pela abdicação, envolto no mesmo manto em que se confunde o sonho com o abandono.

Recordar

Mas, recordemos como se passou a dupla rodada de sábado. De manhã, Benjamim Carvalho e José Amaro, José Poeira e Fernando Carvalho a tudo tentarem para serem os melhores em Matosinhos: ganharia Amércio Silva que, entre os beijinhos da família, nos dizia:

— Esperava fazer uma «Volta» melhor, mas antes do descanso (Peso da Régua) **perdi muito tempo. Queria tanto a camisola da Juventude e, afinal vejo-a de longe!**

Venceslau ainda acreditava naquilo que ele considerava «um milagre»:

— Nunca se pode afirmar nada: e tudo pode ser ainda possível. Mas, estou muito satisfeito: o ciclismo ainda continua a arrastar multidões. Andei com a camisola amarela durante oito dias e isso pôs-me numa tensão nervosa enorme. Alterou todos os meus planos: por isso não sei o que poderá suceder.

Eduardo Correia:

— Tentarei fazer o melhor que puder mas, muito sinceramente, creio que o Marco é quem tem as maiores possibilidades de desbancar o Venceslau.

Passa por mim Joaquim [illegible]te, o antigo campeão que é, agora, proprietário de lojas de bicicletas e produtor da «Etiel». Com grande entusiasmo cita:

— Fixe bem este nome: chama-se Amílcar Nunes, tem 17 anos, mora em Chaves e vai ser o maior ciclista da próxima «Volta». Com idade de júnior, já lhe atirei com dez contos mensais para ajudar à sua preparação e estou, todas as semanas, a acompanhá-lo. Vai fazer furor, pode crer!

Desabafo do «dopado»

McIntosh abandonava, já não correria, o contra-relógio:

— Foi indecente o que me fizeram. Não tomei nenhum produto proíbido e, se o fiz, copiei, exactamente, o mesmo que Venceslau e outros colegas tomaram, diariamente. Mas, compreendo a organização, ou lá quem quer que fosse: era preciso encontrar um bode expiatório para o facto de todas as análises serem dadas como negativas, e, então, era eu o sul-africano, que estava mais à mão de semear. Nunca mais cá volto!

Eduardo Correia e Marco Chagas treinavam com bicicletas especiais: as tais «cabras», em que o ciclista vai com a cabeça entre o guiador virado para o céu em máquinas com a roda da frente mais curta que a parceira. Ajudariam ao êxito?

Confissões últimas

Depois, veio o fascinante epílogo da «Volta»: «Lau» imparavelmente derrotado por um par de **leões**, mas a não ficar KO:

— Palavra de honra: já esperava esta vitória do Marco Chagas, mas dei o máximo do meu esforço para corresponder à muita e boa gente que sempre me amparou. Ele esperou o momento de desferiu o golpe: foi inteligente e, como sabe que no contrá-relógio eu costumo fraquejar, aproveitou bem. O meu terceiro lugar está certo: penso que é óptima classificação para um homem de 40 anos, que teve a sorte de encontrar, na equipa da Ajacto, um suporte formidável.

Venceslau continuou:

— Marco é um enorme ciclista, foi o melhor, ganhou com toda a naturalidade. Cá no íntimo, eu já esperava que fôsse ele ou o Eduardo Correia: souberam defender-se no terreno e, na Senhora da Graça, marca-ram-me a um palmo. Quando me distanciei, o director da corrida pôs o carro ao meu lado e não deixou ninguém tocar-me mas não procedeu assim com toda a gente...

«Bem: isto agora já não interessa. Neste momento, só estou interessado em recompor-me do esforço (a «amarela» tinha um peso enorme), voltar às minhas energias antigas e, em seguida, deitar contas ao futuro, pensar no que irei fazer. Não estou amargurado de modo algum. Até me sinto muito feliz. Um abraço ao público: e se não consegui fazer melhor que no ano passado foi porque não me foi possível. Numa verdade: os meus adversários foram agora muito superiores.

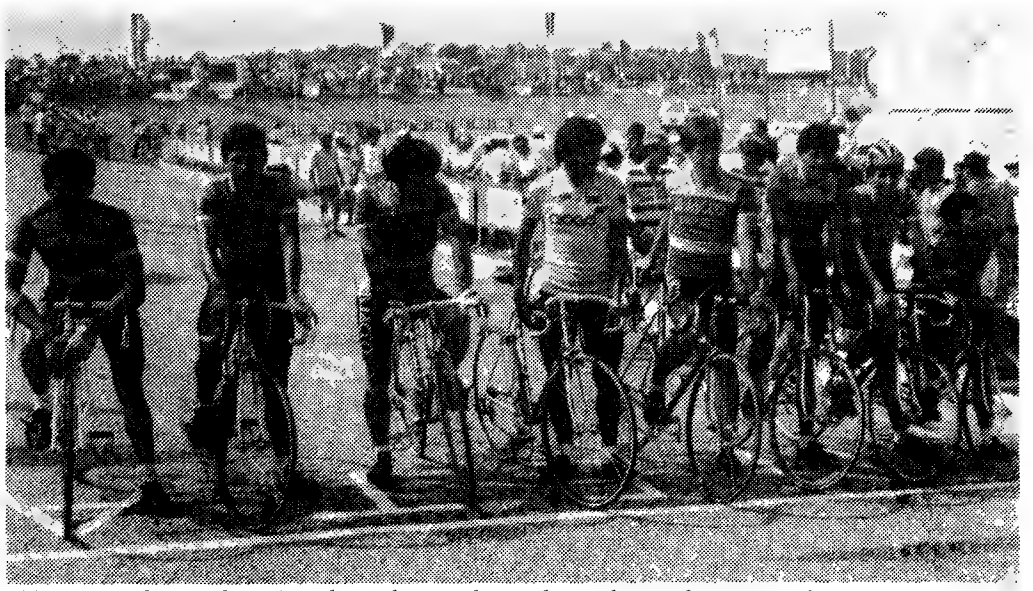
●

Matosinhos pagou umas largas centenas de contos para ter o «clou» da festa: mas foi uma alegria compartilhada por largo meio milhão de espectadores. Américo Silva contemplava «Lau»:

— Para nós, é um incentivo. Vendo um homem que podia ser meu pai ganhar a «Volta» é coisa para lhe tirar o chapéu...

Emídio Pinto era a imagem rasgada da alegria sem fim:

— Eu não lhe dizia, eu não lhe dizia? O Marco nunca me enganou, o Marco nunca me enganava...



Ajacto: suplantando o Bombarralense e batendo-se de igual para igual com os profissionais do Lousa, chegou a perturbar o Sporting

Chorava e ria, ao mesmo tempo. **«O Marco tem uma classe àparte: não dormiu bem esta noite, sempre a pensar no que podia acontecer mas, vai-se a ver, zumba: limpou tudo! Só me falhou o António Pinto: no resto, o Sporting cumpriu o que eu prometera a João Rocha. Agora já posso abandonar o ciclismo...**

Marco Chagas passeava em ombros, a filha e a mulher num abraço comum, toda a gente querendo tocar a camisola cor de sol:

— Estou, como se calcula, muito contente. Os meus parabéns à organização, aos ciclistas, às equipas, a todos os Órgãos de Comunicação Social que deram prestígio a esta prova-rainha do nosso ciclismo. E agora, meus amigos: já moro ao lado do meu saudoso mestre Joaquim Agostinho e de Alves Barbosa. Venci três «Voltas» como eles e, tal e qual como aconteceu com Agostinho, perdi duas por acção de laboratórios que foram mais papistas que o Papa. Neste instante, podem acreditar, vou começar a preparar-me para ficar ímpar na história voltista: a edição 48 terá neste rapaz um concorrente do primeiro ao último minuto.

Amanhã: que ciclismo bate à porta?

A nossa equipa de reportagem
VIAJA COM
Mobil®

Alexandre Rua: ainda excelente «sprinter»

...AFO KINZLE
...RIA IMPARCIAL

...a tudo o que acontece com uma ...ecto, nomeadamente velocidades ...corridos, consumo de combustível, ...

...Lubrificantes Ingleses.

ser dono do tempo
é privilégio do ar condicionado
pode ser o seu privilégio

FNAC

SOMOS O AR CONDICIONADO

Fábrica Nacional de Ar Condicionado
Tel. 218 33 67 70 — Telex 18276 ARFNAC P
CLIMANORTE — PORTO — Tel. 69 31 45 - 69 41 09
CLIMACENTRO — LISBOA — Tel. 714 08 39 - 714 08 28
CLIMASUL — PORTIMÃO — Tel. 24 373 - 26 048 - Telex 57355 CLIMAS P

47.ª VOLTA A PORTUGAL

Quem fica para a história

Marco Chagas: e já podiam ser cinco vitórias

14.ª Etapa
Valença-Matosinhos (126 km)

		H	M	S
1.º	Américo Silva (Bombarralense/Case)	3	2	59
2.º	Manuel Cunha (Lousa/Trin./Akai/Altis)	3	3	1
3.º	Alexandre Rua (Sporting/Raposeira)		mt	
4.º	Manuel Gomes (Boavista F.C./Tianica)		mt	
5.º	Eduardo Correia (Sporting/Raposeira)		mt	

Todos os demais concorrentes, excepto:

59.º	Raul Matias (Sl. Centro-Nordesfer)	3	3	26
60.º	Bernardo Sousa (Guimarães/Maria José Abreu)	3	3	32
61.º	José Barbosa (Olhanense/FB/Algarve)		mt	
62.º	Constâncio Reis (Tavira/Macal Minarelli)		mt	
63.º	Joaquim Fonseca (Guimarães/Maria José Abreu)	3	3	45

Contra-relógio da 15.ª e última etapa
Matosinhos-Matosinhos (23 km)

		H	M	S
1.º	Marco Chagas (Sporting/Raposeira)		31	9
2.º	Manuel Zeferino (Guimarães/Maria José Abreu)		31	27
3.º	Eduardo Correia (Sporting/Raposeira)		31	34
4.º	João Santos (Bombarralense/Case)		31	52
5.º	Fernando Carvalho (Bombarralense/Case)		31	54
6.º	Fernando Fernandes (Sporting/Raposeira)		31	55
7.º	Manuel Cunha (Lousa/Trin./Akai/Altis)		31	59
8.º	Carlos Santos (Sporting/Raposeira)		32	28
9.º	Cayr Theakston (Algarve/T. Iberius/F. Paco)		mt	
10.º	José Santiago (Sl. Norte/Conser. Belamar)		32	46
11.º	António Pinto (Sporting/Raposeira)		32	49
12.º	José Passos (Ajacto/Morphy Richards)		32	50
13.º	Alexandre Rua (Sporting/Raposeira)		32	55
14.º	Manuel Vilar (Ajacto/Morphy Richards)		33	1
15.º	Luís Domingos (Lousa/Trinar./Akai/Altis)		33	5
16.º	Belmiro Silva (Bombarralense/Case)		33	7
17.º	Adelino Teixeira (Lousa/Trinar./Akai/Altis)		33	8
18.º	Jorge Corvo (Tavira/Macal Minarelli)		33	11
19.º	Venceslau Fernandes (Ajacto/Morphy Richards)		33	13
20.º	José Xavier (Sporting/Raposeira)		33	16
21.º	Américo Silva (Bombarralense/Case)		33	20
22.º	António Fernandes (Bombarralense/Case)		33	24
23.º	António Araújo (Ajacto/Morphy Richards)		33	28
24.º	José Poeira (Lousa/Trinar./Akai/Altis)		33	33
25.º	Alberto Leal (Sporting/Raposeira)		33	34
26.º	José Amaro (Bombarralense/Case)		mt	
27.º	José Martins (Guimarães/Maria José Abreu)		33	39
28.º	Jacinto Paulinho (Lousa/Trinar.Akai/Altis)		33	41
29.º	Carlos Marta (Lousa/Trinar./Akai/Altis)		33	42
30.º	António Alves (Sporting/Raposeira)		33	51
31.º	Joaquim Fonseca (Guimarães/Maria José Abreu)		33	52
32.º	José Marques (Tavira/Macal Minarelli)		33	54
33.º	Raul Matias (Sl. Centro-Nordesfer)		34	6
34.º	José Fernandes (Ajacto/Morphy Richards)		34	15
35.º	Duarte Ferreira (Boavista F.C./Tianica)		34	16
36.º	Manuel Abreu (Guimarães/Maria José Abreu)		34	20
37.º	Anselmo Costa (Boavista F.C./Tianica)		34	22
38.º	João Paulo (Lousa/Trinar./Akai/Altis)		34	25
39.º	Armindo Terebentino (Bombarralense/Case)		34	31
40.º	Manuel Martins (Guimarães/Maria José Abreu)		mt	
41.º	Manuel Gomes (Boavista F.C./Tianica)		34	33
42.º	Benjamim Carvalho (Lousa/Trinan./Akai/Altis)		34	34
43.º	Raul Terebentino (Olhanense/FB/Algarve)		34	42
44.º	Ernest Bezuidenhouf (Ajacto/Morphy Richards)		34	43
45.º	Manuel Garcês (Alfena)		34	52
46.º	P.C. Silva (Sl. Centro/Nordesfer)		35	3
47.º	Fernando Maia (Ajacto/Morphy Richards)		35	11
48.º	Constâncio Reis (Tavira/Macal Minarelli)		35	17
49.º	Eugénio Passos (Tavira/Macal Minarelli)		35	20
50.º	Paulo Duque da Silva (Sl. Centro/Nordesfer)		35	21
51.º	Luciano Soares (Tavira/Macal Minarelli)		35	24
52.º	Gaspar Gonçalves (Olhanense/FB/Algarve)		35	30
53.º	Renato Ferraro (Guimarães/Maria José Abreu)		35	41
54.º	H. Gorgulho (Sl. Centro-Nordesfer)		35	47
55.º	Luís Cruz (Sl. Centro-Nordesfer)		mt	
56.º	Carlos Pereira (Sl. Norte-Conservas Belamar)		36	24
57.º	Edgar Pereira (Olhanense/FB/Algarve)		36	30
58.º	Bernardo Sousa (Guimarães/Maria José Abreu)		36	35
59.º	António Pinto (Tavira/Macal Minarelli)		mt	
60.º	José Monteiro (Costa Lavos/RTC/Yophil)		36	38
61.º	José Barbosa (Olhanense/FB/Algarve)		36	55
62.º	Adriano Pedro (Costa Lavos-RTC/Yophil)		37	32

Não alinhou Robert Roy McIntosh (Ajacto/Morphy Richards).

Tabela Geral Final

		H	M	S
1.º	Marco Chagas (Sporting/Raposeira)	51	47	26
2.º	Eduardo Correia (Sporting/Raposeira)	a		55
3.º	V. Fernandes (Ajacto/Morphy Richards)	a	1	22
4.º	Manuel Zeferino (Guimarães/Maria José Abreu)	a	1	44
5.º	Fernando Fernandes (Sporting/Raposeira)	a	2	43
6.º	Manuel Cunha (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	3	38
7.º	António Pinto (Sporting/Raposeira)	a	3	48
8.º	Adelino Teixeira (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	3	57
9.º	José Santiago (Sl. Norte/Cons. Belamar)	a	4	02
10.º	José Passos (Ajacto/Morphy Richards)	a	4	16
11.º	Fernando Carvalho (Bombarralense/Case)	a	5	08
12.º	Manuel Vilar (Ajacto/Morphy Richards)	a	7	29
13.º	Luís Domingos (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	8	26
14.º	Manuel Gomes (Boavista FC/Tianica)	a	9	05
15.º	José Poeira (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	9	39
16.º	Alexandre Rua (Sporting/Raposeira)	a	9	43
17.º	Jorge Corvo (Tavira/Macal Minarelli)	a	10	10
18.º	José Marques (Tavira/Macal Minarelli)	a	10	14
19.º	Jacinto Paulinho (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	10	40
20.º	Belmiro Silva (Bombarralense/Case)	a	11	13
21.º	José Martins (Guimarães/Maria José Abreu)	a	14	55
22.º	Alberto Leal (Sporting/Raposeira)	a	16	08
23.º	José Xavier (Sporting/Raposeira)	a	16	26
24.º	Raul Terebentino (Olhanense/FB/Algarve)	a	17	55
25.º	Carlos Santos (Sporting/Raposeira)	a	19	38
26.º	António Alves (Sporting/Raposeira)	a	19	46
27.º	José Amaro (Bombarralense/Case)	a	19	52
28.º	Ernest Bezuidenhouf (Ajacto/Morphy Richards)	a	20	15
29.º	Benjamim Carvalho (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	21	36
30.º	Manuel Abreu (Guimarães/Maria José Abreu)	a	23	29
31.º	Joaquim Fonseca (Guimarães/Maria José Abreu)	a	23	55
32.º	Gaspar Gonçalves (Olhanense/FB/Algarve)	a	24	53
33.º	António Fernandes (Bombarralense/Case)	a	29	23
34.º	João Paulo (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	32	16
35.º	António Araújo (Ajacto/Morphy Richards)	a	33	15
36.º	P.C. Silva (Sl. Centro/Nordesfer)	a	36	05
37.º	Cayr Theakston (Algarve/T. Iberius/F. Paco)	a	39	06
38.º	Armindo Terebentino (Bombarralense/Case)	a	39	50
39.º	Bernardo de Sousa (Guimarães/Maria José Abreu)	a	42	23
40.º	João Santos (Bombarralense/Case)	a	44	05
41.º	Manuel Martins (Guimarães/Maria José Abreu)	a	46	16
42.º	José Fernandes (Ajacto/Morphy Richards)	a	46	58
43.º	Renato Ferraro (Guimarães/Maria José Abreu)	a	47	27
44.º	Carlos Marta (Lousa/Trin./Akai/Altis)	a	48	55
45.º	Anselmo Costa (Boavista F.C./Tianica)	a	51	35
46.º	Carlos Pereira (Sl. Norte/Cons. Belamar)	a	52	00
47.º	Luciano Soares (Tavira/Macal Minarelli)	a	52	46
48.º	Fernando Maia (Ajacto/Morphy Richards)	a	55	29
49.º	Américo Silva (Bombarralense/Case)	a	58	45
50.º	Eugénio Passos (Tavira/Macal Minarelli)	1	07	16
51.º	Constâncio Reis (Tavira/Macal Minarelli)	1	10	27
52.º	José Monteiro (C. Lavos/RTC/Yophil)	1	15	08
53.º	Paulo D. Silva (Sl. Centro/Nordesfer)	1	20	52
54.º	Raul Matias (Sl. Centro/Nordesfer)	1	24	37
55.º	Duarte Ferreira (Boavista F.C./Tianica)	1	28	28
56.º	Manuel Garcês (Alfena)	1	30	23
57.º	Luís Cruz (Sl. Centro/Nordesfer)	1	30	29
58.º	António Pinto (Tavira/Macal Minarelli)	1	30	53
59.º	Edgar Pereira (Olhanense/FB/Algarve)	1	33	47
60.º	José Barbosa (Olhanense/FB/Algarve)	1	49	49
61.º	H. Gorgulho (Sl. Centro/Nordesfer)	1	50	45
62.º	Adriano Pedro (C. Lavos/RTC/Yophil)	2	10	30

Santiago, Carlos Santos, António Pinto e Marco Chagas: o pódio

Por Equipas

		H	M	S
1.º	Sporting/Raposeira	155	23	40
2.º	Lousa/Trinaranjus/Akai/Altis	155	35	13
3.º	Ajacto/Morphy Richards	155	35	13
4.º	Bombarralense/Case	155	45	44
5.º	Guimarães/Maria José Abreu	155	53	10
6.º	Tavira/Macal Minarelli	156	15	48
7.º	Olhanense/FB/Algarve	157	01	14
8.º	Boavista F.C./Tianica	157	29	14
9.º	Selecção Centro/Nordesfer	157	44	40

Por Pontos

1.º Carlos Santos (Sporting/Raposeira), 57; 2.º António Fernandes (Bombarralense/Case), 41; 3.º Alexandre Rua (Sporting/Raposeira), 32; 4.º Marco Chagas (Sporting/Raposeira), 25; 5.º António Pinto (Tavira/Macal Minarell), 23.

Montanha

1.º José Santiago (Sl. Norte/Conser. Belamar), 65; 2.º Venceslau Fernandes (Ajacto/Morphy Richards), 37; 3.º Armindo Terebentino (Bombarralense/Case), 30; 4.º Américo Silva (Bombarralense/Case), 30; 5.º João Paulo (Lousa/Trinaranjus/Akai/Altis), 28.

Metas-Volantes

1.º António Pinto (Tavira/Macal Minarelli), 18; 2.º Manuel Garcês (Alfena), 16; 3.º Carlos Santos (Sporting/Raposeira), 15; 4.º Luís Cruz (Sl. Centro/Nordesfer), 10; 5.º António Alves (Sporting/Raposeira), 8.

Combinado

1.º Marco Chagas (Sporting/Raposeira), 11; 2.º Venceslau Fernandes (Ajacto/Morphy Richards), 11; 3.º José Santiago (Sl. Norte/Conserv. Belamar), 17; 4.º Fernando Carvalho (Bombarralense/Case), 27; 5.º Alexandre Rua (Sporting/Raposeira), 33.

Prémio Amabilidade
(Troféu «Idalino de Freitas»)

1.º Marco Chagas (Sporting/Raposeira), 124.

Prémio Juventude

1.º José Santiago (Sl. Norte/Belamar); 2.º Jorge Corvo (Tavira/Macal Minarelli); 3.º Manuel Abreu (Vitória S.C./Maria José Abreu); 4.º António Araújo (Ajacto/Morphy Richards); 5.º Paulo C. Silva (Selecção Centro/Nordesfer).

Média geral final da «Volta»: 36 277 km/h — p/1875 km.

Média geral final do «camisola amarela»: 36 203 km/h — p/1875 km.

Américo Vieira: o «homem que venceu o álcool» apareceu, aos 36 anos, na Figueira da Foz, ao lado de Marco Chagas

Duas grandes revelações: Joaquim Santiago (Gulpilhares/Altis) que foi «rei da montanha» e esteve incluído na Selecção do Norte e o também muito jovem Joaquim Gomes (Carnide) que, pela Selecção do Centro, chegou a dar água pela barba aos mais cotados, acabando por desistir por se ter alimentado deficientemente a partir de Manteigas. Ao moço do Carnide, o nosso enviado especial Neves de Sousa ajuda a vestir a camisola branca que (na altura) indicava Gomes como «leader» do prémio da Juventude.

Torneio «Cidade de Lisboa»

Não houve taça... sobrou o futebol

Surpreendemente a equipa irlandesa do Shamrock, que este ano esteve presente na 4.ª edição do Torneio Internacional «Cidade de Lisboa» organizado pelo Benfica e Sporting com o patrocínio da autarquia da capital, chegou a Alvalade e impôs uma derrota ao seu primeiro opositor e no dia imediato foi à Luz e não consentiu ao Benfica mais do que um «nulo» sem golos. Ficara portanto próximo de levar a taça que afinal não existia porque os três presidentes (Martins, Rocha e Abecasis) não tiveram tempo para reunir e decidir a sua compra. Um caso insólito. Como seria se o troféu fosse conquistado pelos nosso visitantes? Adiante...

A história do encontro que opôs benfiquistas aos irlandeses resume-se na falta de soluções da turma visitante e na carência de objectividade dos avançados do Benfica. Como consequência resultou o «zero-zero» que define a dinâmica do encontro. Isto aconteceu no sábado porque no domingo encontraram-se no palco da Luz os dois rivais lisboetas com ambições distintas. O Sporting já se encontrava arredado do triunfo do torneio enquanto o Benfica teria de vencer por margem superior a um golo e, como o resultado foi de 2-1, houve necessidade de recorrer à marcação de grandes penalidades tendo aí triunfado o Sporting por 5-4 já que Bento não conseguiu iludir o seu colega Vítor Damas. Foi decidido atribuir o troféu (o tal que não existe ainda) ao Benfica, apenas porque no dizer do dirigente Júlio Borges transformou mais um «penalty» (sete) do que o Shamrock Rovers (seis) e ainda porque o seu ataque foi o mais realizador. Refira-se de que nos três encontros o Benfica marcou dois golos e Sporting e Shamrock apenas acertaram uma vez no alvo.

●

Por via de outras taças, mais reais e mais valiosas (a de ontem não eixste, nem a câmara nem Rocha & Martins sabem dela...) andam alguns campeonatos europeus, incluindo o francês, mais adiantados. Na CEE é assim, dizem. As coisas são preparadinhas a tempo e horas. Mas, como já **conseguimos**, diz-se, entrar no grupo, haja esperança, que habilidade e conversa não nos falta.

O jogo final do torneio mostrou-nos um pouco de tudo isso. Sem rotina, sem «onzes» ainda bem definidos, «encarnados» e «leões» tacteiam, a uma semana do começo do campeonato, a equipa certa, o sistema adequado. Ontem, na Luz, a primeira parte leonina deu algumas indicações. Defesa segura, com Damas apoiado por um quarteto de respeito (Gabriel, confiante, Venâncio, seguro, Morato, dominador e Fernando Mendes, veloz) e um meio-campo mais coeso (Sousa e Litos actuaram melhor que contra os irlandeses) a equipa leonina pôde, na primeira meia hora, fazer um golo e desperdiçar dois feitos por Saucedo e Jordão.

As entradas, depois do intervalo, de Manuel Fernandes e Virgílio, nada adiantaram, pelo contrário, pareceram contrariar o estilo de jogo do primeiro período, quando as jogadas pareciam já ensaiadas e mais objectivas. Mas, também, faltou a força, também Forb, continua lento e Saucedo e Jordão estão, ainda, sem pernas para os 90 minutos. Xavier, pontapé-canhão, marcou o golo e parece querer segurar o lugar, à frente dos dois centrais. Mas, sejamos claros, para uma equipa ambiciosa e com o campeonato e o Feyenord à perna, as coisas estão, ainda, verdes...

Quanto ao Benfica, vencedor feliz do torneio, a vida não corre melhor. Se a vitória (2-1) de ontem, frente ao rival maior, satisfez, minimamente, os «índios» do terceiro anel, a verdade é que Mortimor anda apreensivo. Foram dois golos desgarrados, não justificados por futebol colectivo, eficaz ou organizado. É que não falta, apenas, ao Benfica, um bom avançado. A defesa e o meio-campo também não dão garantias. No primeiro caso, se os laterais, Pietra e Álvaro, parecem em forma, os centrais são lentos e complicados. No miolo, Carlos Manuel lembra o aforismo de que «uma andorinha não faz a Primavera». Apesar da qualidade de Shéu e da boa vontade de Nunes. São dois jogadores lentos e não encontraram, ainda, o esquema certo ou complementar da velocidade e rasgos de Carlos Manuel.

Na frente, Manniche pode ser útil, mas falta-lhe um companheiro rápido e rematador, de pequena área. Será Rui Águas? Mortimor não parece acreditar, pois só ontem o fez jogar escassos minutos.

Diamantino constrói, com superior talento, jogadas de golo e aparece, por vezes, em condições de visar a baliza. Mas não é homem da pequena área. Precisa de espaço para jogar e fazer jogar. Um avançado, um médio e um central, eis três carências importantes, pensamos, do clube encarnado, para a nova temporada. Veremos, domingo próximo, nas Antas. E que a equipa de Artur Jorge não anda a brincar aos torneios nem aos terceiros anéis e tem gente de sobra, e qualidade, para todas as zonas.

EA

Fernando Mendes escapa-se a Diamantino

Ficha:
Sob arbitragem de **Vítor Correia**, de Lisboa, as equipas alinharam:

Benfica: Bento: Pietra, Oliveira, Bastos Lopes (Rui Águas, aos 74m), Álvaro, José Luís (Veloso, aos 70m), Carlos Manuel, Shéu, Nunes, Manniche e Diamantino.

Sporting: Damas; Gabriel, Venâncio, Morato, Fernando Mendes, Litos (Manuel Fernandes, aos 60m), Carlos Xavier, Sousa (Virgílio, aos 60m), Forbs, Saucedo e Jordão.

Ao intervalo: 1-1. Golos: Carlos Xavier (14m), Pietra (16) e Manniche (68).

Disciplina: Cartão amarelo para Diamantino (41m), Carlos Manuel (43) e Shéu (70). Assistência: 30 mil pessoas.

Colunáveis

Gomes: homenagem esta tarde

Fernando Gomes, o mais certeiro rematador do futebol europeu vai receber esta tarde (17 horas) na Cervejaria Trindade, em Lisboa, o troféu «Estádio de Prata» instituído pelo nosso colega «Gazeta dos Desportos» com o patrocínio da cerveja Sagres. Este artístico objecto de arte, no valor de 200 contos, premeia o jogador mais regular e mais disciplinado. O «DL» lá estará para abraçar o distinguido e aplaudir e felicitar os autores da iniciativa.

[redacted]

Fórmula um: «GP» da Áustria

Prost «agarra» Alboreto

O francês Alain Prost, em McLaren, venceu o Grande Prémio da Áustria de Fórmula Um, alcançando a sua quarta vitória desta época — e juntou-se ao italiano Michele Alboreto na liderança do «Mundial» de Pilotos.

Prost, 30 anos, obteve a sua 20.ª vitória como piloto de Fórmula Um, ganhando no Circuito de Oesterreichring, com uma hora, 20 minutos, 12,583 segundos, totalizando, agora, 50 pontos no comando do «Mundial».

O brasileiro **Ayrton Senna**, em Lotus, que não pontuava desde a sua vitória no Grande Prémio de Portugal, terminou na segunda posição, com 1.20.42,585, seguido do Ferrari do italiano Michele Alboreto, que esteve envolvido numa série de pequenas colisões no início da prova.

O campeão mundial, **Niki Lauda**, que anunciou já a sua retirada, no final da presente época, acabou por ver o seu sonho de, finalmente, ganhar um grande prémio em casa, desfeito a 13 voltas do fim, após o seu McLaren ter parado por falta de pressão no turbo. «Perdi, totalmente, a pressão e o motor não funcionou mais», disse Lauda, que abandonou a prova numa altura em que comandava o Grande Prémio da Áustria, com cinco segundos de vantagem em relação ao seu companheiro de equipa, Prost.

Os 10 primeiros: 1.º, **Alain Prost** (França), McLaren, uma hora, 20 minutos, 12,583 seg.; 2.º, Ayrton Senna (Brasil), Lotus, 1.20.42,585; 3.º, Michele Alboreto (Itália), Ferrari, 1.20.46,939; 4.º, Stefan Johansson (Suécia), Ferrari, 1.20.51,656; 5.º, Élio de Angelis (Itália), Lotus, 1.21.34,675; 6.º, Marc Surer (Suíça) Brabham, a uma volta; 7.º, Stefan Bellof (RFA), Tyrrell, 3; 8.º, Thierry Boutsen (Bélgica), Arrows, 3; 9.º, Huub Rothengatter (Holanda), Osella, 3; 10.º, Patrick Tambay (França), Renault, 6.

Classificação actual: 1.º, Alain Prost (França) e Michele Alboreto (Itália), 50 pontos; 3.º, Élio de Angelis (Itália), 28; 4.º, Stefan Johansson (Suécia), 19; 5.º, Keke Rosberg (Finlândia), 18; 6.º, Ayrton Senna (Brasil), 15; 7.º, Nelson Piquet (Brasil), 13; 8.º, Patrick Tambay (França), 11; 9.º, Jacques Laffite (França), 10; 10.º, Thierry Boutsen (Bélgica), 9; 11.º, Nigel Mansell (Inglaterra), 6; 12.º, Niki Lauda (Áustria), 5.

Atletismo: Taça da Europa

Duplo triunfo soviético

A União Soviética venceu a Taça da Europa «A» em atletismo, tanto no torneio masculino como no feminino, concluídos ontem em Moscovo os dois dias de provas.

Na segunda posição (e nos dois torneios) classificou-se a RDA, pelo que a União Soviética e República Democrática Alemã se qualificaram para a Taça do Mundo, a disputar em Outubro, em Camberra, na Austrália.

Os atletas soviéticos concluíram esta X Taça da Europa, grupo «A», com 125 pontos, contra 113 da RDA. No torneio feminino, a URSS fez 118 pontos e a RDA 111.

No torneio masculino a França desce à segunda divisão por troca com a Espanha, enquanto na competição feminina a Itália é relegada para o grupo «B», ascendendo a França.

Classificações finais: **Homens:** 1.º, União Soviética, 125 pontos; 2.º, República Democrática Alemã, 113; 3.º, República Federal da Alemanha, 91; 4.º, Grã-Bretanha, 89; 5.º, Polónia, 85; 6.º, Checoslováquia, 79; 7.º, Itália, 71; 8.º, França, 67.

Mulheres: 1.º, União Soviética, 118 pontos; 2.º, República Democrática Alemã, 111; 3.º, Grã-Bretanha, 67; 4.º, Bulgária, 65; 5.º, Checoslováquia, 62; 6.º, Polónia, 60; 7.º, República Federal da Alemanha, 57; 8.º, Itália, 35.

A prova foi assinalada pelos fracos resultados conseguidos à excepção das participações da inglesa **Zola Budo** e do italiano **Alberto Cova.**

Budo, ganhou a prova dos 3000 metros com 8 minutos, 35.32 segundos, o que constitui novo recorde da Grã-Bretanha, enquanto Cova demonstrando a sua classe ganhou nos 10 000 metros com o tempo de 28.51.46. **Estou muito contente por ter ganho aqui** — referiu Budd — **fisicamente tenho estado bem durante a época, embora necessitado de mais provas para conseguir a situação ideal.**

No último dia de provas o inglês Stephen ganhou nos 1500 metros conquistando assim a única vitória do dia para a Grã-Bretanha mas com o tempo de 3.43.71 o que significa ter ficado a 14 segundos do seu recorde mundial obtido em Julho em Nice, França.

Nenhum recorde mundial e europeu foi alcançado na última jornada, tendo apenas sido melhoradas marcas nacionais da União Soviética e Grã-Bretanha.

Campos e Leitão fracassam em Berna

João Campos e António Leitão não conseguiram melhor do que o 5.º e 8.º lugares, respectivamente, na prova dos 3000 metros, do «meeting» internacional de Berna que se realizou sexta-feira à noite em Berna.

João Campos realizou o tempo de 7.51.69 minutos, enquanto António Leitão fez 7.52.81, sendo vencedor da prova o norte-americano Doug Padilla, com o tempo de 7.47.22 minutos.

Belgas pretendem portugueses

Fernando Mamede, Ezequiel Canário e António Leitão são pretendidos pelos organizadores do «meeting» internacional de atletismo Vandamme, em Bruxellas, disse à Anop um elemento da organização.

Elementos deste torneio de atletismo vão deslocar-se na próxima quarta-feira a Zurique, onde decorre o grande prémio local, para tentar a participação, no fim do mês de Agosto, em Bruxelas, pelo menos de Canário e Leitão, uma vez que se considera difícil obter o concurso de Mamede.

No «meeting» de Vandamme incluem-se as provas de 5000 e 10 000 metros.

Portugueses nas universíadas

Treze atletas de três modalidades (atletismo, natação e ténis) partiram ontem para o Japão onde vão representar Portugal nas «universíadas» de Kobe, de 24 de Agosto a 4 de Setembro.

A deslocação da equipa portuguesa é subsidiada pela Direcção-Geral de Desportos (Gabinete de Alta Competição) e Direcção-Geral do Ensino Superior.

A composição da delegação portuguesa é a seguinte:

Dirigentes: António Miranda Ferreira, Cipriano Pereira Alegre e Carlos Paula Cardoso em representação, respectivamente, da Academia de Lisboa, Academia do Porto e da Secretaria de Estado do Ensino Superior.

Treinadores: Abreu Matos (atletismo), Shintaro Yokochi (natação) e Santos Costa (ténis).

Atletismo: João Campos, 1500, 5000 e 10 000 mil metros; Joaquim Silva, 1500, 5000 e 10 000; Rafael Marques, 5000 e 10 000; Luís Horta, 5000 e 10 000; Paulo Corvelo, 100, 200 e 400 metros; José Leitão, comprimento e triplo e Carlos Cunha, dardo. **Natação:** Alexandre Yokochi, 100 e 200 metros bruços, Vasco de Sousa, 100 livres, bruços e mariposa; Henrique Villaret, 100 e 200 livres e 100 mariposa; Paulo Frischnekt, 100 livres e mariposa e Teresa Figueiras, 100 livres e costas. **Teńis:** José Santiago.

Quadros portugueses são os mais mal pagos

Os quadros portugueses são os mais mal pagos da Europa, o que motiva o seu êxodo crescente para o estrangeiro — revela um estudo cujas conclusões foram divulgadas pela NP.

Esse estudo, baseado no levantamento anual de remunerações dos quadros, elaborado pelo «Executive Compensation Service» (ECS) da multinacional Wyatt, selecciona, para a análise comparativa, além de Portugal, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha e Itália.

Para Portugal, a amostra do estudo do ECS engloba 100 empresas com uma média de facturação de 8 milhões de contos e empregando, em média, cerca de 2000 trabalhadores.

Da relação entre a remuneração bruta e o custo de vida, conclui o estudo que Portugal ocupa uma posição desfavorável, relativamente aos outros países, nos quais o poder de compra foi reforçado, com referência para a Espanha que recuperou em 1983 e 1984 e para a Alemanha e Inglaterra que ocupam uma posição de destaque.

Comparando, também, a incidência fiscal e outros descontos obrigatórios, é notória a fortíssima carga fiscal portuguesa que ultrapassa os 50 por cento para o rendimento, de um casal com dois filhos, superior a 5200 contos.

Resultou, também, deste estudo a conclusão de que o leque salarial dos quadros médios e superiores portugueses, que abrange um conjunto relativamente extenso de funções, tem uma pequeníssima abertura que vai de 1031 a 1920 contos anuais.

Lucros do BNU: 130 mil contos

O Banco Nacional Ultramarino teve um lucro líquido de 130,6 mil contos no exercício de 1984, afirma-se no relatório e contas daquela instituição de crédito.

O documento indica que o crédito concedido o ano passado ascendeu a 197,2 milhões de contos, mais 38,6 por cento do que o valor registado em 1983, correspondente a 142,2 milhões de contos.

Os depósitos totais durante o exercício de 1984 atingiram os 288,4 milhões de contos, montante que se traduz num aumento de 12,59 por cento relativamente a 1983, ano em que o seu valor foi de 256,1 milhões de contos.

Quanto aos depósitos à ordem, o relatório e contas do Banco Nacional Ultramarino salienta que atingiram os 75,3 milhões de contos no ano passado, mais 19,75 por cento do que em 1983, quando não ultrapassaram os 63 milhões de contos.

Os depósitos a prazo ascenderam a 204,3 milhões de contos, 9,25 por cento mais que em 1983, ano em que o seu valor se cifrou em 187,1 milhões de contos.

As despesas com o pessoal elevaram-se a 6,6 milhões de contos em 1984, o que traduz um aumento de 22,25 por cento face a 1983.

COTAÇÕES — CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	57$55	63$55
ALEMANHA FED (marco)	59$05	60$15
ÁUSTRIA (xelim)	8$35	8$55
BÉLGICA (franco)	2$750	2$950
BRASIL (cruzeiro)	$010	$020
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120$80	122$80
(notas de 5 a 1000)	121$30	123$30
DINAMARCA (coroa)	16$30	16$70
ESPANHA (peseta)	$953	1$073
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	162$65	164$65
(notas de 5 a 1000)	163$15	165$15
FINLÂNDIA (marka)	27$75	28$35
FRANÇA (franco)	19$30	20$00
HOLANDA (florim)	52$50	53$50
IRLANDA (libra)	184$35	185$35
ITÁLIA (lira)	$080	$090
JAPÃO (iene)	$663	$698
NORUEGA (coroa)	20$00	20$50
REINO UNIDO (libra)	229$40	233$40
SUÉCIA (coroa)	19$80	20$40
SUÍÇA (franco)	72$05	73$15
VENEZUELA (bolívar)	9$75	10$75

Observações:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Pela primeira vez desde 1974

Trabalhadores ficam com menos de metade da riqueza nacional

Os encargos totais com os trabalhadores por conta de outrém atingiram em 1984 47,8 por cento do rendimento nacional bruto, a taxa mais baixa registada desde Abril de 1974, revelou a CGTP-Intersindical num estudo ontem divulgado.

A centralrefere que o governo PS-PSD «impõe aos trabalhadores a menor fatia da riqueza nacional» e que «pela primeira vez desde Abril de 1974 esta atingiu uma taxa inferior a 50 por cento do rendimento nacional».

O estudo da CGTP-Intersindical sobre a evolução dos salários nos últimos 12 anos refere que «de acordo com as previsões do Departamento Central de Planeamento do Ministério das Finanças e do Plano, tal situação deve agravar-se em 1985.

A central explica o agravamento da situação em 1985 tendo em conta que «os aumentos salariais médios têm sido inferiores à própria revisão oficial dos aumentos de preços (23,24 por cento) e que esta tem sido sistematicamente inferior à real».

A CGTP-Intersindical afirma que se a análise se limitar aos trabalhadores por conta de outrém apenas do sector produtivo e se não se considerarem as contribuições patronais para a segurança social, a gravidade da situação é maior, «pois verificam-se após 1977 valores sistematicamente inferiores aos de 1974, tendo-se registado pela primeira vez em 1984 um valor inferior a 30 por cento».

Conjuntura industrial mantem-se estagnada

No terceiro bimestre de 1985 (Maio/Junho) não se verificaram alterações na conjuntura industrial e as perspectivas de curto prazo apontam para a estagnação — segundo o inquérito de conjuntura da Confederação da Indústria Portuguesa (CIP).

A CIP afirma que o inquérito revelou uma estagnação na procura externa, que foi compensada por ajustamentos ao nível dos preços e assinala a baixa utilização da capacidade instalada com uma maioria de empresas a aproveitar a sua capacidade abaixo dos 70 por cento e outras entre os 70 e 90 por cento.

Sublinha que as intenções de investimento se mantêm recessivas uma vez que 65 por cento dos empresários consultados consideram a conjuntura envolvente «má» e 14 por cento classificam-na de «péssima».

A situação financeira corrente é considerada «má» por 44 por cento dos industriais inquiridos, que apontam como principais condicionantes a incompatibilidade entre os prazos de pagamento e de recebimento, a superação dos resultados acumulados e as dificuldades na obtenção de crédito.

Perto de metade dos empresários (45 por cento) refere dificuldades com a adesão europeia sobretudo ao nível da concorrência internacional, da actual estrutura de custos de produção e da inexistência de financiamentos para racionalização do processo produtivo por forma a suprir as carências de tecnologia ainda existentes.

Relativamente às indústrias extractivas, o inquérito de conjuntura da CIP aponta uma evolução favorável da facturação global e diz que todas as empresas referem que a utilização do potencial instalado está entre os 70 e os 90 por cento no bimestre Maio/Junho.

Acrescenta que a situação financeira corrente é considerada «má» por metade das empresas do sector inquiridas e mantêm-se recessivas as intenções de investimento.

Considera-se em condições de fazer face à adesão à CEE 83 por cento dos empresários do sector mineiro.

Situação «péssima» na construção civil

A CIP refere que a facturação global das indústrias transformadoras se manteve embora a procura externa tenha registado uma ligeira quebra, sobretudo ao nível das exportações para mercados tradicionais.

Refere que 32 por cento das empresas acusou «acentuada subutilização» da capacidade instalada (abaixo dos 70 por cento) e apenas 14 por cento refere plena utilização.

Na indústria transformadora, 41 por cento considera a situação financeira corrente «má» e as intenções de investimento voltaram a regredir.

Declarou não estar em condições de competir com a CEE 43 por cento dos empresários inquiridos.

A CIP assinala que 57 por cento das empresas de construção civil e obras públicas inquiridas apresentaram no bimestre Maio/Junho diminuição da facturação e as restantes estagnação.

Mais de dois terços (69 por cento) dos empresários do sector acusaram acentuada subutilização (menos de 70 por cento) da capacidade instalada e os restantes um aproveitamento entre os 70 e os 90 por cento da sua capacidade.

As empresas referem que houve agravamento da situação financeira corrente.

A conjuntura envolvente é considerada «péssima» por 67 por cento das empresas de construção e obras públicas inquiridas e as intenções de investimento voltaram a regredir.

UDP critica pormulgação da «lei das rendas»

«A promulgação da lei das rendas vem confirmar que Eanes não resiste às pressões da direita e dá aval à política do governo e de todos os que especulam com a miséria do povo pobre», afirma a UDP num comunicado hoje tornado público pela sua Comissão Eleitoral.

De acorto com aquele partido, «o governo PS/PSD agrava brutalmente o cancro social que são as condições de habitação no nosso país ao fazer passar a lei das rendas, que passará à história com a «lei das barracas».

A aplicação desta lei — sublinha o documento — «vem trazer mais miséria e fará subir em flecha o número de barracas e bairros de lata e é também uma bofetada na demagogia sem vergonha do governo e dos que, como Almeida Santos, prometem acabar com as barracas».

A promulgação da lei pelo Presidente da República ainda não foi tornada pública oficialmente mas todas as fontes coincidem em dar como certa a sua aprovação pelo general Eanes. A posição oficial do presidente deverá ser divulgada nos próximos dias.

Banco de Portugal lança mais bilhetes do tesouro

O Banco de Portugal lança, hoje, 10 milhões de contos de bilhetes do tesouro com títulos acima dos 50 contos e com um prazo de 182 dias.

De acordo com um porta-voz do Banco Central, os bilhetes do tesouro são emitidos em moldes idênticos ao do lote de quarta-feira, dia 14, à excepção do prazo que, nos primeiros cinco milhões de contos de bilhetes do tesouro foi de 91 dias.

Dia 14, os cinco milhões de contos de títulos esgotaram-se em poucas horas, apesar de parte dos bancos não terem aceitado a taxa de juro oferecida e não terem comprado.

Na venda dos bilhetes, o Banco de Portugal põe os títulos à disposição das instituições financeiras e aguarda propostas de juro, embora estabeleça um limite máximo para o juro a pagar.

Uma fonte do Banco de Portugal disse à ANOP que, quarta-feira, «as taxas foram baixas», dada a grande procura que os títulos tiveram nas instituições bancárias, designadamente por parte das empresas com «excessos pontuais de liquidez».

«O Banco de Portugal espera que, daqui a poucas semanas, o mercado regularize e possam ser os aforradores particulares a ter acesso aos bilhetes do tesouro» — disse a mesma fonte do Banco Central.

De acrodo com a autorização parlamentar, concedida ao Governo, os bilhetes do tesouro, a emitir até final de 1985, poderão ir até 150 milhões de contos e os investidores poderão obter taxas de juro da ordem dos 23/24 por cento, isto é, superiores ao rendimento líquido actual dos depósitos a prazo (21 por cento) — precisou o informador daquela instituição.

DOSSIER

Angola dez anos depois

Notas de uma viagem a Lubango

Carlos Gil

LUBANGO. Um Antonov 26, avião soviético de tropas, leva-me para a antiga Sá da Bandeira onde chegamos duas horas depois. Ao sobrevoar o aeroporto de Lubango para aterrar, mal se poderá adivinhar que debaixo daquele perímetro militar existe o maior potencial aéreo de Angola, construído pelos soviéticos nos últimos anos. Toda a mais sofisticada panóplia militar soviética em Angola ali se encontra no subsolo fora do alcance dos olhos e das bombas, pronta a responder eficazmente aos ataques sul-africanos.

O jovem que nos conduz ao hotel, na cidade, é um soldado estudante de engenharia responsável pelo aprovisionamento da base aérea. A cidade do Lubango fica a 5 quilómetros do aeroporto, é uma cidade moderna e bonita, mais fresca que Luanda, com um clima temperado que no Inverno chega a atingir os 6 graus positivos. Avenidas largas, bordadas com árvores floridas, acácias vermelhas, dão à cidade uma fisionomia alegre que contrasta com a situação de guerra que se vive na região.

No Grande Hotel da Huila não há quartos disponíveis e não tenho outro remédio que esperar o dia todo para saber onde irei dormir. Ao menos posso almoçar e jantar no hotel e gozar à tarde as delícias da piscina que fica no meio de um quadrado feito pelos blocos do edifício de construção colonial.

Ao jantar, as mesas do restaurante enchem-se de militares fardados de camuflado, mas desarmados. Uma boa parte são assessores soviéticos, sem as divisas que lhes poderiam definir o seu grau hierárquico. Comigo está agora uma equipa de televisão sueca e um jornalista norueguês. O «cameramen» sueco é de origem polaca e fala russo com fluência. No final do jantar este dirige-se a uma mesa de soviéticos a quem dirige algumas perguntas.

Perante a «ousadia» que resultou, nós acercamo-nos do grupo. As perguntas são ousadas mas esbarram apenas com sorrisos e respostas vagas. Resumidamente ficamos apenas a saber que se sentem bem em Angola. Os meus colegas nórdicos já antes tinham demonstrado uma superobsessão por tudo que era soviéticos e cubanos.

Quando regressávamos do local onde está instalado o Comité Provincial do Partido, onde nos deram as boas-vindas, e percorríamos a pé a avenida principal que conduz ao hotel, reparamos que um grupo de militares jogava o voleibol. Um dos jornalistas exclamou eufórico, «são cubanos a jogar, vamos ver!». E correram até eles como que pensando, «se não formos depressa desaparecem para não serem referenciados»... Nada disso se passou e até nos convidaram a jogar!

No final da noite ainda não tenho onde dormir. Mas depois oferecem-me a possibilidade de ocupar uma sala imensa onde colocaram um beliche, no lugar pertencente aos alunos das várias províncias que aqui vêm ter lições de matérias políticas. Aceito.

Resumindo, vou dormir na escola de formação política do partido MPLA. São nove horas da noite, a temperatura é agradável e chove miudinho. Estamos a 1200 metros de altitude. Acabou o jantar e não tenho outro remédio senão ir para a camarata e dormir.

Dormir? Como é possível, para quem tem o hábito das noitadas! Entro em pânico pois não trouxe comigo qualquer livro para ler. Esqueci-me em Luanda do meu «Mayombe», do Pepetela, e agora?

Desço novamente até à porta de entrada da escola onde tinha visto dois soldados das FAPLA que faziam a guarda ao edifício. As aulas no rés-do-chão ainda prosseguem. Um deles interrompe uma aula e pede ao camarada professor para me arranjar qualquer coisa para ler. Nada. Além do mais era uma aula sobre geografia.

Mas logo o outro soldado deixa o seu posto, sobe ao primeiro andar e minutos mais tarde aparece com algo para ler. Seja o que for, pois tenho que matar este vício de adormecer a ler...

Chega o Fapla com um pequeno livro de capa azul, muito coçada, isto é, com cara de muito usado. É uma obra de Engels bastante conhecida — «Do Socialismo utópico ao Socialismo Científico». O prefácio de Engels à edição inglesa tem tantas páginas quanto a obra e data de Abril de 1892.

Avanço na leitura e avanço na noite, isto é, começo a cabecear, fico-me pela página 50 e leio as últimas frases: «se até agora a verdadeira razão e a verdadeira justiça não governaram o mundo é simplesmente porque ninguém soube penetrar verdadeiramente nelas».

Hoje, ao recordar esses momentos e a obra, lembro-me daquele amigo que de França, nos anos sessenta, me mandava cartas com frases sublinhadas: «Se o marxismo tivesse aparecido há quinhentos anos, teria poupado há humanidade quinhentos anos de erros, de lutos e de sofrimentos».

Muito mais tarde esse amigo actualizou os sublinhados e dizia-me: «porque é que os políticos e intelectuais europeus que foram marxistas e hoje cheiram a sociais-democratas, afirmam que o marxismo é uma teoria ultrapassada?

Será pela mesma razão que leva um homem a falar alto quando tem medo na noite escura, pensando que assim afasta melhor os seus fantasmas?»

Problemas energéticos na ordem do dia

Alejandro Kirk, IPS

A meta do desenvolvimento dos países do Terceiro Mundo não-produtores de petróleo é «impossível», a menos que substituam o «crude» por fontes de energia autóctones mais baratas. Um estudo intitulado «Energia na Ordem do Dia» preparado por Michael Tanzer e Stephen Zorn, publicado em Nova Iorque, conclui que o pagamento da dívida externa e as importações de petróleo deixam estes países sem nenhuma possibilidade de modernizar a sua indústria e relançar a economia.

Os dois peritos antecipam também que até final do século manter-se-á a tendência para o enfraquecimento da Organização de Países Exportadores de Petróleo (OPEP), a favor das sete grandes companhias petrolíferas transnacionais.

Estas companhias conseguiram, com êxito, diversificar as suas fontes de crude no mundo e retomar a iniciativa perdida a partir de 1973, quando os países membros da OPEP começaram a controlar a sua produção petrolífera, acrescentam.

A oposição da OPEP é além disso prejudicada — acentuam — porque «do nosso ponto de vista, a estagnação da economia mundial vai provavelmente continuar nos próximos anos», o que restringirá o consumo de petróleo.

No entanto, «presentemente não há avanços tecnológicos importantes que possam ameaçar as vantagens técnicas dos combustíveis derivados do petróleo», sustenta o estudo.

OPEP em dificuldades

A OPEP abastece actualmente de «crude» 55 por cento do mercado mundial, contra 70 por centro em 1973, e depara-se com sérias dificuldades em consequência da sobreoferta existente no mercado.

O preço do petróleo atingiu o seu ponto mais alto em 1979 (34 dólares) depois da revolução iraniana, mas desde então tem vindo a sofrer sucessivas quebras e, ao que parece, a OPEP terá perdido o controlo sobre os seus próprios membros para manter a estrutura de preços.

Os autorés do estudo consideram que os Estados membros da OPEP e as companhias petrolíferas compartilham o risco de uma «derrocada» dos preços e em alguma medida juntarão os seus esforços para o evitar.

Os países exportadores de petróleo, asseguram, perderam, na última década, «uma grande oportunidade de gerar um desenvolvimento económico rápido e sem dor através da riqueza petrolífera».

Frequentemente, nestes países, volumosas verbas provenientes das exportações petrolíferas foram transferidas para o sector privado, através de enormes investimentos em obras públicas que beneficiaram empreiteiros privados e estrangeiros, mas não ajudaram ao desenvolvimento, assevera o estudo.

Segundo os autores, outras formas de transferência foram a venda de interesses estatais sob a forma de acções, ou a corrupção pura e simples.

«O facto é que, do ponto de vista do sector privado local (assim como dos seus colaboradores no país e no estrangeiro que compartilham os frutos do «esbanjamento»), quanto mais esbanjamento e inflação, melhor», acrescentam.

Os países Árabes produtores de petróleo tiveram receitas de um bilião de dólares entre 1973 e 1982, metade dos quais couberam à Arábia Saudita.

Destas receitas, segundo os autores do estudo, 65 por cento foi destinado a importação de bens e serviços, 30 por cento foi depositado em bancos estrangeiros e 5 por cento foram destinados à cooperação com outros países do Terceiro Mundo.

Os seus modelos de desenvolvimento, geralmente orientados para a industrialização com base no petróleo, impediram-nos de poupar energia, ao passo que a escassez de divisas os obrigou a contrair enormes dívidas, das quais uma boa parte foi destinada à importação de energia.

Desenvolver os próprios recursos

Actualmente, as compras de petróleo e o pagamento da dívida externa «deixa virtualmente nada para a importação dos bens de capital necessários à modernização da economia», sublinha o estudo «Energia na Ordem do Dia».

Os autores estimam que estes Estados deveriam independentizar-se no círculo energético estabelecido pelas companhias petrolíferas e desenvolver os seus próprios recuros: petróleo, hidroelectricidade, carvão, gás, energia solar e outros.

Do ponto de vista dos autores do estudo, esta alternativa é além disso a única possível para relançar a economia e enfrentar um processo de desenvolvimento.

Hoje, como ontem, a dificuldade é a mesma, concluem. As principais companhias petrolíferas: Exxon, Dutch-Shell, British Petroleum, Texaco, Standard of California, Mobil e Gulf (esta última comprada o ano passado pela Standar of California), constituem a mais importante força económica e política do mundo.

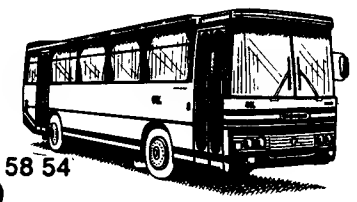
Segundo o estudo, esta força está intimamente ligada aos governos dos seus países de origem — Estados Unidos e Grã-Bretanha — que, como o demonstra a experiência da OPEP, não estão dispostos a perder para sempre o controlo nem o milionário negócio da energia.

expressos RN

EXPRESSO LISBOA-MONÇÃO
HORÁRIO

A	A	B	LOCALIDADE		A	A	C
08.30	08.45	19.21	P MONÇÃO	C	19.50	20.00	08.35
	09.03		VALENÇA			19.33	
	09.30		V. N. CERVEIRA			19.16	
	09.51		CAMINHA			18.55	
	10.02		V. P. ÂNCORA			18.44	
	10.18		VIANA DO CASTELO			18.29	
	10.37		ESPOSENDE			18.09	
	11.05		PÓVOA DE VARZIM			17.41	
08.47		19.32	MOREIRA		19.39		08.26
09.21		20.06	ARCOS DE VALDEVEZ		19.05		07.50
09.26		20.11	PONTE DA BARCA		19.00		07.45
10.10		20.55	C BRAGA	P	18.15		07.00
10.30		21.30	P V. N. FAMALICÃO	C	18.00		06.30
10.56		21.56			17.35		06.05
11.50	11.45	22.45	C PORTO	P	16.45	17.00	05.15
12.15	12.15	22.45	P ÁGUEDA	C	16.30	16.30	05.10
—	—	23.45			—	—	04.11
14.00	14.00	00.35	C COIMBRA	P	14.45	14.45	03.20
14.15	14.15	00.45	P LEIRIA	C	14.30	14.30	03.15
—	—	01.50			—	—	02.11
17.15	17.15	04.00	C LISBOA	P	11.30	11.30	23.55

A — Excepto Sábados, Domingos e Feriados.
B — Aos Domingos ou Segundas-Feiras se for feriado
C — Às Sextas-Feiras Se coincidir com feriado antecipa para Quinta-Feira.



PARA MAIS INFORMAÇÕES

Telefones 72 58 07 / 72 58 32 / 72 58 54
(Dias úteis das 8.00 às 20.00 h.)

E-01/84

RN RODOVIÁRIA NACIONAL

Outro escândalo na RFA

Mais subornos e fraude fiscal

O semanário alemão federal «Der Spiegel» noticia que vários membros do Governo da Alemanha Federal estão envolvidos num novo escândalo de subornos e fraude fiscal, desta vez relacionado com grandes companhias de seguros.

Na sua edição que foi posta à venda hoje, o semanário afirma que a Procuradoria-Geral investiga actividades das companhias de seguros e as suas contribuições ilegais, ao que parece a mais de uma centena de políticos, entre os quais a maioria dos ministros do Governo de Helmut Kohl.

Um porta-voz da Procuradoria confirmou que estão a ser investigadas «várias companhias de seguros e associações do ramo por suspeita de fraude fiscal», mas recusou comentar a informação do «der Spiegel» e revelar a indentidade dos políticos que estão sujeitos a investigação.

Depois do escândalo «Flick» e do caso das doações das grandes firmas farmacêuticas, a Procuradoria Alemã abriu vários processos de investigação sobre a presumível fraude fiscal das direcções das companhias de seguros, para o que conseguiu o apoio dos principais partidos alemães.

O «Der Spiegel» anuncia que entre os investigados figuram o presidente da Associação Geral da Economia Seguradora Alemã (GDV), Georg Buechner, o seu gerente, Hans-Joachim Wilke e os ex-chefes da Seguradora Mecklenburg, Hermann Stech, e da Associação de Seguradoras de Vida, Karl-Heinzssel.

Entre as doações mais significativas, o semanário alemão destaca uma de 250 000 marcos (cerca de 16 500 contos) depositada na conta do Partido Democrata Cristão no «Dresdner Bank» de Dortmund e movimentada pelo ministro de Estado na Chancelaria, Friedrich Vogel, pouco antes das últimas eleições gerais.

A doação negociada por Wessel e Wilke envolveu 50 candidatos ao Parlamento, entre eles o actual ministro para as relações Interalemãs, Heinrich Windelen, o secretário de Estado Parlamento, Ottfried Hennig e o próprio Vogel.

O «Der Spiegel» anuncia que «contrariamente aos deveres estabelecidos, Vogel não incluiu a doação no relatório oficial que os democratas cristãos entregaram ao presidente do Parlamento com o balanço de 1983 para que este o enviasse para publicação».

Nas listas de doações ilegais das companhias de seguros aparecem também o chefe do grupo parlamentar liberal Mischnick (20 000 marcos), o vice-presidente do Parlamento, o social-cristão Stuecklen (10 000 marcos), o secretário-geral dos Liberais, Helmut Haussman (também 10 000 marcos), e o ex-ministro do Trabalho social-democrata Erbert Ehrenberg (10 000 marcos).

Além disso, os investigadores encontraram uma nota na qual se afirma que o chefe da oposição social-democrata, Hans-Jochen Vogel, recebeu uma doação de 30 000 marcos para o seu Partido, embora Vogel tenha afirmado que a transferência se realizou sem o seu conhecimento e que a quantia foi incluída no balanço do SPD de 1983.

Mais mortos e presos na África do Sul

Poderes de emergência falharam

— *reconhece a rádio oficial*

A Polícia sul-africana matou dois negros e deteve o número recorde de 152 pessoas em 24 horas, enquanto líderes negros avisaram que muitos brancos morrerão na luta para derrubar o governo de minoria branca.

A violência nas cidades negras e o aviso do proibido Congresso Nacional Africano surgiram dois dias depois de o presidente Pieter Botha, num discurso em Durban, não ter anunciado, como se esperava, alterações significativas no sistema de «apartheid».

Por sua vez, a rádio oficial sul-africana admitiu que o estado de emergência imposto há um mês fracassou no objectivo de reduzir a violência que já fez mais de 620 vítimas nos últimos 19 meses.

Num comentário que frequentemente fornece pistas para actos governativos em preparação, a rádio da África do Sul afirmou: «As pessoas comuns continuam a ver as suas casas pilhadas e incendiadas, continuam a ser impedidas de apanharem um autocarro ou fazerem as suas compras, ainda se arriscam diariamente a serem um alvo arbitrariamente escolhido para um espancamento ou um assassínio em público.

A rádio declarou que a violência não foi claramente reduzida e que a protecção das pessoas prevista na lei contínua a não ser adequada, porque os comportamentos à margem dela não foram punidos.

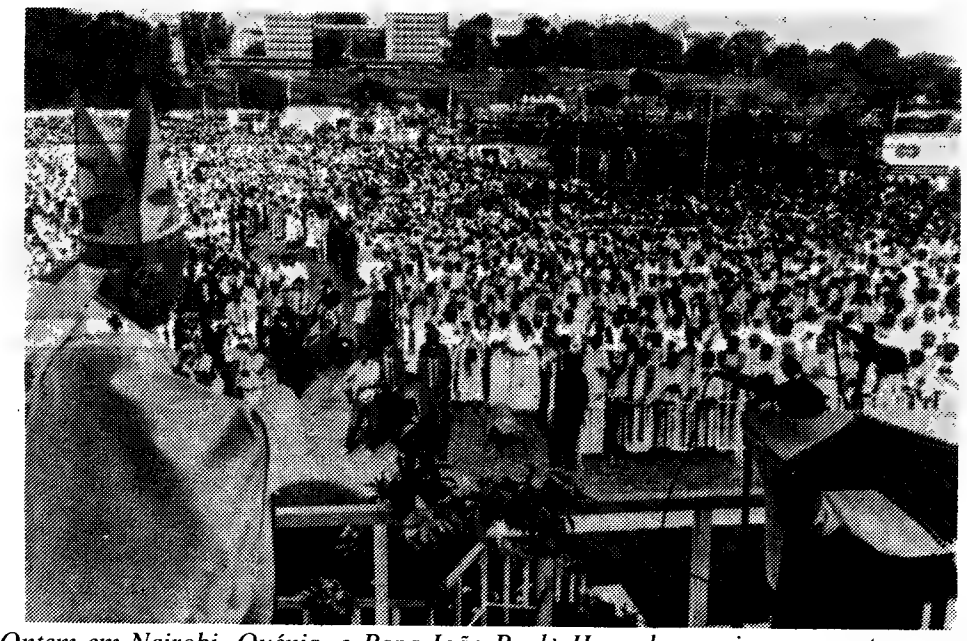
A sede da Polícia em Pretória noticiava entretanto que tumultos voltaram a registar-se durante a noite e que a Polícia antimotins disparou armas automáticas e balas de borracha contra negros que efectuavam uma manifestação ilegal num bairro segregado da Província do Cabo.

O comentário da rádio foi transmitido três horas antes de nove dirigentes religiosos se encontrarem com o presidente Pieter Botha, em Pretória, para debater a situação de violência.

O Prémio Nobel da Paz, bispo Desmond Tutu, rejeitou um convite para se juntar ao grupo, liderado pelo arcebispo anglicano da Cidade do Cabo, Philipp Russell.

Por último, a Reserva Federal dos EUA informou ontem que os bancos norte-americanos estão a restringir em volume e em quantidade os empréstimos à África do Sul, depois do aumento registado nos últimos quatro anos.

A preocupação pelo futuro político e a recessão económica que actualmente sofre o país são os factores que levaram ao anúncio de medidas mais restritivas para o governo, empresas e bancos sul-africanos.



Ontem em Nairobi, Quénia, o Papa João Paulo II condenou vigorosamente o «apartheid». Na telefoto NZ/«DL»: João Paulo II celebrando uma missa naquela capital africana

Nova explosão em Beirute

— *30 mortos*

Pelo menos 30 pessoas foram mortas, hoje, devido a uma violenta explosão no sector muçulmano de Beirute Ocidental, anunciou a rádio estatal libanesa.

Entretanto, fogo de milícias rivais assolou, ontem, Beirute e as colinas sobranceiras, enquanto líderes muçulmanos condenaram a explosão, no sábado, de um carro armadilhado que provocou a morte a 48 pessoas.

A rádio cristã Voz do Líbano afirmou que duas pessoas foram mortas e uma ficou ferida quando duas granadas caíram em Beirute Oriental e em aldeias cristãs nas colinas sobranceiras.

O bombardeamento, que diminuiu de intensidade a meio da manhã, deu origem a um incêndio na cidade cristã de Hadath, acrescentou a rádio.

A rádio drusa afirmou que milicianos cristãos responderam com fogo de artilharia pesada e com lança-rockets numa «barragem indiscriminada contra áreas residenciais das colinas».

Entretanto, equipas de socorro continuam a remover destroços provocados pela explosão de sábado num supermercado no subúrbio cristão de Jal Al-Dib, onde um carro, armadilhado com 250 quilogramas de explosivos, explodiu, provocando a morte a 48 pessoas e ferindo muitas outras.

Líderes muçulmanos e clérigos culparam Israel por uma onda de explosões com carros armadilhados, que provocaram, este ano, a morte de 200 pessoas, no sector cristão de Beirute Oriental e na parte ocidental da cidade, controlada por muçulmanos.

Na quarta-feira, também devido a uma explosão, 13 pessoas morreram e 122 ficaram feridas em Beirute Oriental.

Missão falhada

O enviado especial norte-americano, Richard Murphy, terminou uma viagem ao Médio Oriente sem conseguir um acordo sobre as propostas conversações tripartidas EUA, Jordânia e Palestinos.

A Jordânia propôs esse encontro, mas, aparentemente, Washington ainda não aceitou a ideia.

França decreta bloqueio a Muroroa

O presidente francês, François Mitterrand, deu ontem ordens às Forças Armadas para impedirem quaisquer navios ou aviões de se aproximarem do atol de Muroroa, no Pacífico, onde a França realiza testes nucleares.

A decisão tem lugar na altura em que fontes políticas dão como certa o afastamento do ministro da Defesa, Charles Hernu, na sequência do alegado envolvimento dos Serviços Secretos Franceses no afundamento do navio Rainbon Warrior, da organização ecologista internacional Greenpeace.

O navio encontrava-se na Nova Zelândia prestes a zarpar para Mururoa (a fim de protestar contra os testes nucleares franceses, quando se afundou em consequência de uma mina colocada no casco e de que resultou a morte de um dos seus tripulantes, o fotógrafo português naturalizado holandês, Fernando Pereira.

Naufrágio na China – 300 mortos

Trezentas pessoas morreram quando um barco superlotado que navegava num rio chinês se voltou e se afundou — soube-se hoje em Pequim.

O barco tinha mais de 300 passageiros a bordo quando saiu domingo da ilha Scenic Taiyang, no rio Songhua, na pronvíncia de Heilongjiang, perto da fronteira soviética.

O acidente resultou de os passageiros se terem reunido em detemrinado local da embarcação para presenciarem uma luta que entretanto tinha surgido a bordo, o que alterou o equilíbrio do barco.

Apenas alguns passageiros que se encontravam na coberta superior se conseguiram salvar.

Depois do desastre no Japão

Jumbos ingleses serão testados

Todos os 32 Jumbos (Boeing 747) britânicos irão ser submetidos a testes às suas áreas de cauda e às câmaras de pressão até ao final da próxima semana, anunciou a companhia aérea British Airways.

O Departamento de Aviação Civil britânico ordenou os testes mediante um conselho da Boeing, surgido na sequência da queda na passada segunda-feira de um Jumbo da Japan Air Lines, na qual morreram 520 das 524 pessoas que seguiam a bordo.

Os investigadores japoneses indicaram ter referenciado falhas na câmara de pressão como uma das possíveis causas do acidente, o mais grave envolvendo um único aparelho em toda a história da aviação.

Por outro lado, uma equipa britânica que investiga a queda do Boeing 747 da Air Índia, há dois meses, no mar da Irlanda levantou sábado a hipótese da causa ter sido um defeito da estrutura da cauda do jumbo.

Geoffrey Wilkinson, chefe da equipa convidada pelo governo indiano para analisar as caixas negras do avião, disse não haver provas de que uma bomba tivesse explodido a bordo do aparelho, e que o estrondo que se ouve na gravação poderá ter sido causado por outras forças destrutivas tais como um raio ou descompressão explosiva.

Por sua vez a agência noticiosa nipónica JIJI informou que a Japan Air Lines (JAL) e a Boeing sabiam pelo menos desde Janeiro de 1984 que três Jumbos similares ao caído na semana passada apresentavam sinais de fadiga de material.

A agência nipónica, que não atribui fonte para a notícia, diz que funcionários da JAL notificaram a Boeing em Janeiro e Fevereiro do ano passado que tinham sido detectadas fendas na fuselagem de três Jumbos 747 comprados em 1974, pouco depois da compra do 747 que teve o acidente na semana passada.

A JAL acusa a Boeing de responsabilidade pelas fendas e afirma que a fábrica usou rebites que não se ajustavam durante a montagem dos aparelhos em questão, segundo a JIJI.

A Boeing, por seu lado, atribui as fendas à manutenção de uma pressão de cabina muito alta – o que a JAL faria para dar aos seus passageiros um voo mais confortável — e advertiu de que o tempo de vida dos aviões seria por isso reduzido.

Entretanto, os dois lados concordaram em substituir as partes da fuselagem que apresentavam fendas e em reforçar a carcaça dos aviões a partir do interior.

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pelo Quarto Juízo-Primeira Secção do Tribunal do Trabalho de Lisboa, correm seus termos uns Autos de Acção com processo Sumário registados sob o número de ordem 4/82, em que é Autor-Capitolina Maria Martins Graça Pereira, residente na Quinta do Lameiro, Rua C-Torre 3-Porteira, Rebelva-2775 Carcavelos e Réu-Sinia-Sociedade Geral de Investimentos para o Comércio e Indústria SARL e Outros com morada em Avenida António Augusto de Aguiar, 148-7.º C 1000 Lisboa, cuja morada é a última conhecida, e neles correm éditos de trinta dias, citando a Ré acima identificada a qual tem o prazo de oito dias decorridos os dos éditos, a contar da última publicação para contestar a acção referida, sob pena de, não o fazendo, ser condenada no pedido.

O Duplicado da Petição Inicial ficará ao dispor da Ré nesta Secção de processos.

Para constar se passou o presente anúncio que vai ser devidamente publicado.

Lisboa e Quarto Juízo-Primeira Secção do Tribunal do Trabalho aos vinte e oito dias do mês de Junho de mil novecentos e oitenta e cinco.

O Juíz de Direito,
a) SOUSA PRATES

O Escrivão-Adjunto,
a) António Gabriel de Oliveira Peniche

«DL» — 19/8/85 — 1.ª Pub.

MUNICÍPIO DE LISBOA

EDITAL N.º 87/85

«HASTA PÚBLICA PARA ATRIBUIÇÃO DO DIREITO DE OCUPAR ESPAÇOS PÚBLICOS DESTINADOS À EXPLORAÇÃO DE UMA ESPLANADA NA PRAÇA AFONSO DE ALBUQUERQUE».

Faz-se saber que no dia 9 de Setembro de 1985, pelas 09,30 horas, terá lugar na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171/C, a Hasta Pública acima referida, cujo processo é o n.º 14/85/HP.

O Programa de Concurso e as Condições serão publicadas em Diário Municipal e o processo encontra-se patente todos os dias úteis na Repartição citada no parágrafo anterior bem como na Direcção dos Serviços de Espaços Verdes — Divisão de Zonas de Recreio, sita na Rua da Vila Correia n.º 17/A, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Paços do Concelho de Lisboa, 29 de Julho de 1985

O Presidente,
Por Delegação
O Vereador,
(Alberto Seguro Dias)

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Proposta do Instituto Damião de Góis

Vem aí associação para defesa da língua do mundo lusófono

A criação de uma associação de direito privado com vista à defesa da língua do munfo lusófono é proposta por um estudo do Instituto Damião de Góis que conclui estar o português a perder terreno como veículo de comunicação.

O trabalho do IDG foi realizado pelo Núcleo de Estudos Sociais sob a responsabilidade de José Matos Pereira e faz parte de um programa de investigação aplicado à sociedade portuguesa face às novas tecnologias.

Intitulado «Projecto Sobre Língua Portuguesa — o português científico e técnico», o estudo, a que a ANOP teve acesso, lembra que a fala e escrita lusas estarão entre as primeiras línguas do mundo do dealbar do século XXI, uma vez que se prevê o crescimento demográfico dos seus locutores.

«Mas não basta confiar na evolução demográfica dos países de língua portuguesa», faz notar o trabalho de José Matos Pereira, «para garantir que o português tenha uma função de primeiro plano entre as principais línguas do mundo.»

O autor justifica a afirmação, sublinhando que a ascensão e decadência de uma língua dependem da evolução positiva ou negativa do número dos seus locutores, mas que a importância que tiver como veículo de comunicação depende também da importância política e económica dos espaços e mercados que utiliza, das organizações que a usam oficialmente e da sua capacidade para exprimir novos conceitos científicos, técnicos e culturais.

Chamando a atenção para o facto de o português fundamental ter cerca de 2217 palavras e o português científico e técnico mais ou menos 400 000 palavras — das quais 50 000 estarão banalizadas por diversos estratos de um português intermédio —, o estudo agora concluído pelo IDG constata que «a língua portuguesa perde todos os dias a sua capacidade de continuar a ser um veículo de comunicação actual e um elo vivo das comunidades de cultura portuguesa».

Tal perda, de acordo com o trabalho de José Matos Pereira, deve-se à circunstância de a maior parte dos vocábulos e conceitos que cada dia são oferecidos pelas agências e pelas técnicas de ponta serem difundidos nas línguas em que foram produzidos.

«A defesa da língua passa pela necessidade de um rápido confronto e endogenização de toda a terminologia necessária à comunicação moderna» — defende o trabalho a que a ANOP teve acesso, sublinhando que tal objectivo escapa às organizações tradicionais, uma vez que estas estão orientadas para acordos ortográficos ou para a manutenção da pureza linguística.

«Enquanto os dicionários vulgares contêm alguns milhares de palavras, dicionários oriundos do estrangeiro e relativos a apenas algumas técnicas contêm dezenas de milhares de termos» — afirma o estudo.

Apresentando cerca de uma dezena de levantamentos parcelares feitos nos sectores onde as lacunas operacionais da língua portuguesa são notórias, o trabalho de José Matos Pereira indica que é no sector das comunicações que se irão sentir nos próximos anos os maiores problemas relacionados com o português como factor de identidade nacional.

«Não é preciso falar de satélites geoestacionários difusores de programas de rádio e televisão para sentirmos a nossa impotência económica e tecnológica de defender eficazmente a língua» — justifica o trabalho.

Tal impotência já se verifica nos canais de rádio e televisão que dominamos e resulta no mínimo da nossa incapacidade de tradução e dobragem a baixo custo — acrescenta.

«Noutros países, quer a tradução assistida por computador, quer os esforços de se vir a conseguir a tradução automática, quer ainda o estudo do reconhecimento da palavfa, seu tratamento e síntese por computador, são pontos considerados vitais para que se possa tirar partido de toda a informação mundial sem ter de abdicar de a receber na língua própria e portanto de abdicar progressivamente da identidade nacional» — sublinha Matos Pereira.

O estudo apresenta ainda pequenos relatórios, dando nomeadamente conta do estado da arte da linguística informatizada, dos esforços de criação de bancos terminológicos, da criação de ficheiros normalizados, de comunicações a congressos em temas de linguística informatizada, de trabalhos laboratoriais e teses de doutoramento em que os problemas da língua e da inteligência artificial se tocam e interpenetram.

É por outro lado passado em revista o programa da Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica relativo à promoção e fixação de terminologia científica e técnica, faz-se o levantamento das comissões técnicas de normalização de vocabulário, é recordado um texto sobre informática jurídica e gestão judicial, e lembram-se as organizações internacionais de língua oficial portuguesa e os programas da União Latina.

Por último o estudo desenvolve aspectos relacionados com a adesão de Portugal à CEE e suas consequências do ponto de vista da língua e do português técnico e científico.

De acordo com as conclusões do trabalho do IDG, a solução mais ampla e definitiva para os problemas que constata seria a criação de um acordo internacional, envolvendo à partida todos ou pelo menos alguns dos estados de língua portuguesa e que teria a função primordial de se ocupar de um sistema de defesa activa da escrita e fala lusas.

Mas a multiplicidade de ciências e técnicas que este organismo pan-lusófono exigiria implica — de acordo com as conclusões do estudo — o risco de que se venha a tornar inoperacional a médio prazo.

Por esta razão o trabalho do IDG propõe como solução provisória a criação de uma associação de direito privado português, que poderia ser lançada e fundada numa conferência restrita de entidades vocacionadas, empenhadas e com recursos.

«Caberia ao Instituto Damião de Góis — lê-se no estudo — no quadro da presidência da República e eventualmente com o patrocínio de outros órgãos de soberania convocar a conferência e dar um exemplo do caminho a seguir».

Para o efeito, à data da convocação o IDG deveria ter já — considera José Matos Pereira — uma base de dados terminológica, pelo menos com carácter experimental, um pequeno serviço de difusão que mostrasse a utilidade de a ele recorrerem os principais utentes, e um serviço de relações públicas capaz de negociar novos protocolos.

A associação poderia colaborar com organizações internacionais como a União Latina, que se propõe através de um dos seus programas intervir nesta área, ou com as comunidades europeias, que previsivelmente virão a necessitar de inúmera tecnologia portuguesa.

O estudo do IDG apresenta em anexo um inventário de dicionários científicos e técnicos realizados em Portugal e que contem 629 espécies distribuídas por 226 sectores do conhecimento: da Filosofia à Navegação Marítima, da Antropologia à Electrónica, da Fundição à Poesia, do Automóvel ao Cobre, da Informática à Geografia e ao Cinema.

O inventário, feito em cerca de 60 livrarias e mais de 20 bibliotecas do país, veio mostrar — segundo as conclusões do estudo — que para efeitos da criação de uma base de dados de terminologia, uma só obra bastaria para a sua estrutura base, com aproximadamente 250 000 termos.

Os 79,5 por cento das espécies referenciadas são oriundas de Portugal ou do Brasil e apenas 20,5 por cento foram editadas fora do espaço de língua portuguesa.

«A terminologia recente e muito especializada encontra-se dispersa e é a que está menos sob o nosso controlo» — conclui o trabalho do núcleo de Estudos Sociais do Instituto Damião de Góis.

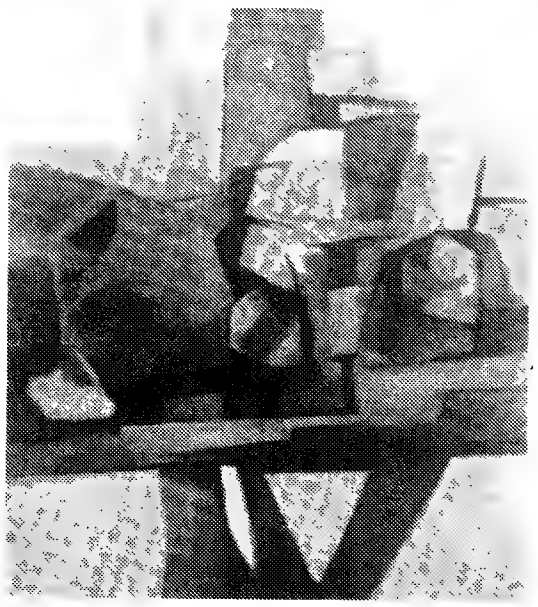
Estudos de Economia

O presente fascículo (vol. V, n.º 3, Abril/Junho de 1985) da revista ESTUDOS DE ECONOMIA, publica artigos de A.P. Thirlwall («International borrowing, debt and development»), de António Gouvêa Portela («Taxonomia e estruturas»), de Carlos Bastien («O economista Araújo Correia»), de Isabel Rodrigo («As estatísticas e o trabalho feminino»). João Estêvão e Mário Bairrada organizaram uma interessante antologia: «Algumas teses sobre a crise actual». Os textos antologiados são dos economistas: Ernest Mandel, Immanuel Wallenstein, Samir Amim, Giovanni Arrighi, A. Gunder Frank, Christian Palloix, Robert Boyer, Jacques Mistral.

Na secção «Comunicação-/Notas de Actualidade» publica colaboração de Ana Maria Dias, Graça Leão Fernandes, António Mil-Homens, Illona Kovács, José Martins Barata, Manuela Silva. As «Recensões», são assinadas por Judite Correia Sarmento («Economia Portuguesa», de Carlos Pimenta) e Carlos A.S. Coelho («The Limits of Eurpean Integration»), de Paul Taylor).

A revista tem como director a professora Manuela Silva. É editada pelo Instituto Superior de Economia (ISE).

ROTEIRO CULTURAL



Uma das obras de Rogério de Freitas, exposta no Casino do Luso

Exposições

• Até ao próximo dia 30 está patente ao público na Galeria do Casino do Luso uma exposição de pintura de **Rogério de Freitas.** Autodidacta, Rogério de Freitas nasceu em 1910. Ficcionista, dramaturgo e pintor, dedicou-se também ao jornalismo e à edição, tendo ainda sido director da Galeria de Arte Prisma 73. Dos seus livros destacam-se os romances «Tempo de Angústia», e «Memória Destruída». Viveu em Paris de 1928 a 1939, onde foi aluno de André Lothe e realizou a sua primeira exposição individual. Mais tarde foi chefe da revista «Eva», redactor da «Vida Mundial Ilustrada» e director do «Século Ilustrado». Em 1976 é nomeado Director-Geral dos Espectáculos, sendo depois Superintendente da Companhia Nacional de Bailado e actualmente é responsável pela Galeria Almada Negreiros do Ministério da Cultura. O Artista participou em diversas exposições individuais e colectivas, entre as qaais se destaca, em 1938 «II Salon de l'Art Mural» em Paris; em 1974 «Escritores e Pintores», EM Lisboa e já este ano expôs na Galeria Astolfi, em Cascais.

• No Museu Tavares Júnior, em Castelo Branco, está aberta ao público uma exposição de fotografia retrospectiva de 25 anos de actividade de **Aníbal Sequeira.** O fotógrafo participou em mais de 1200 exposições nacionais e internacionais, realizadas por todo o mundo. Obteve mais de 3000 admissões, tendo-lhe sido atribuídos cerca de 500 prémios, destacando-se entre eles medalhas de ouro e bronze na Bienal de Zadar (Jugoslávia), Paraíba (Brasil) e Lanciano .Itália).

• Termina hoje a exposição de pintura «naif» de **Albino José Moreira,** no Casino do Estoril. A mostra, que pode ainda ser visitada das 15 às 24 horas, é composta por 90 trabalhos, que vão desde a história da sua vida às romarias de Maia, às cozinhas dos lavradores e aos barcos rabelos descendo o rio Douro.

• Sob o título **Em Agosto numa de alegria e cor,** 16 artistas expõem um total de 46 quadros, que vão do desenho à serigrafia. Os artistas são Aniceto, Camacho, H. Mourato, Helena Sá, Jorge Duarte, Justino Alves, Lam, Laura Cesana, Miguel Yeco, Molina, Osório, Palmeira, Rogérit de Freitas, Ruivo, Vítor Belém e Zé Penicheiro. A exposição pode ser vista das 14.30 às 19.30 horas, no DITEC — Espaço Arte.

Cinema

• O «III Ciclo de Cinema em Noites de Verão» prossegue hoje no Jardim de Silves, pelas 21.30 horas, com a projecção da comédia realizada pelo francês Jean Giraut, **O Gendarme em Férias.** O filme tem nos principais papéis os actores Louis de Funés e Jean Lafebvre. Este ciclo é organizado pelo Racal Clube, com o apoio da Câmara Municipal de Silves.

Musica

• Depois de ter terminado no fim-de-semana o «XI Festival de Música da Costa do Estoril», nem por isso deixou de haver música pelo País. E assim, temos hoje dois festivais que continuam. Nas Ruínas do Carmo, em Lisboa, a **Orquestra Sinfónica da RDP** dá um concerto às 21.30 horas, integrado nas comemorações dos 60 anos de rádio em Portugal, do 10.º aniversário da RDP e do Ano Europeu da Música.

• O outro é o **I Festival de Música Barroca de Vila Real,** que hoje tem lugar na Igreja da Cumeira (Santa Marta de Penaguião), onde o Orpheus Britannicus Amsterdam, sob a direcção de Roderick Shaw, interpreta, em instrumentos originais, Madrigais de Monte Verdi, Ferrabosco, Phillippe de Monte, Orlando Lasso, Byrd, Morley, Gibbons e Tomkins.

CINEMAS

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
4.ª Semana

Alfa 2

DESAPARECIDO EM COMBATE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h
16.ª Semana

Alfa 3

A VINGANÇA DE PORKY'S
(para maiores de 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h
4.ª Semana

Alfa Club

— T. 763319

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
28.ª Semana

Apolo 70

A OCASIÃO DA ROSA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h
2.ª Semana

Ávila

— T. 539930

O TURNO DA NOITE (Comédia)
(não acons. men. 18 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

AMOR ENTRE MULHERES
(interd. a men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
3.ª Semana

Berna

— T. 776098

REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana

Caleidoscópio

— T. 795093

A CAIXINHA DE SURPRESAS
(para todos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana

Capitólio

— T. 372358

PRAZERES CLANDESTINOS
(para maiores de 18 anos)
15, 17, 19, 21 e 23 h

Castil

— T. 530194

POLICE ACADEMY 2 — «A PRIMEIRA MISSÃO»
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h
4.ª Semana

Cinebloco

— T. 556824

OS AMANTES DE MARIA
(para maiores de 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
28.ª Semana

CRUZEIRO PARA O INFERNO
24 horas

Cine Camões

OS SALTEADORES DE ATLANTIS
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

Uma cena do filme "O Eclipse" realizado por Michelangelo Atonioni, com Monica Vitti e Alain Delon

Cine 222

— T. 579460

AVENTURA É AVENTURA
(para maiores de 13 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

O SANTO EM ACÇÃO
24 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anusha

LOUCAMENTE APAIXONADO
(para maiores de 6 anos)
16 e e 21.45 h

Estúdio Sheza

A FORÇA DO PODER
(para maiores de 18 anos)
1530 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

CHINATOWN
(não acons. men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

O HOMEM DO RIO NEVADA
(para maiores de 16 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

JOY — MULHER DE LUXO
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

AMANHECER VIOLENTO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
2.ª Semana

Estúdio

— T. 555134

GENTE GIRA
(para maiores de 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h
38.ª Semana

Estudio ACS

— T. 887255

O TESS
(interd. a men. 13 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O FIM-DE-SEMANA DE OSTERMAN
(para maiores de 16 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 24 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Sala 2

A REUNIAO DA CLASSE
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Sala 3

BABY — O SEGREDO DA FLORESTA PERDIDA
(para maiores de 6 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

Forum Picoas

— T. 541037

Auditório 1

OLHOS ASSASSINOS
(interd. a men. 18 anos)
21.30 h

Auditório 2

LUÍS DA BAVIERA
(inted. a men. 14 anos)
21.30 h

Gemini

— T. 734009

O XERIFE QUEBRA-OSSOS
(não acons. men. 13 anos)
14, 16.30,19 e 21.30

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

A REVOLTA DOS TARADOS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24 h

Sala 2

AMADEUS
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Império

— T. 555134

LAWRENCE DA ARÁBIA
(para maiores de 10 anos)
14.45, 18.15 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(para maiores de 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

ALTA ANSIEDADE
(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.45 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

ELECTRIC DREAMS — AMOR É MÚSICA
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Montecarlo

— T. 681117

A FÚRIA DE HONG-KONG
(interd. a men. 13 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

A MINHA PROFESSORRA
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Nimas

— T. 574362

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

TRINITÁ (O Cowboy Insolente)
(não acons. men. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30

Olímpia

— T. 325309

HOLLYWOOD PORNO
(interd. men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14 h
Filme pornográfico

Pathé

— 821933

PROFISSÃO MULHER
(para maiores de 18 anos)
14, 16.30 e 21.30 h

OS CÃES
(para maiores de 16 anos)
24 h

Politeama

— T. 326305

MULHERES DE PRAZER DOS CAMPOS NAZIS
(interd. a men. 18 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Promotora

— T. 637180

O EXTERMINADOR
(interd. a men. 18 anos)
15.15 e 21.30 h

Quarteto

— T. 771378

Sala 1

O ECLIPSE
(para maiores de 18 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

O CARTEIRO TOCA SEMPRE DUAS VEZES
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 2

LARANJA MECÂNICA
(interd. a men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 e 23.30 h

Sala 3

CORRIDA CONTRA A MORTE
(para maiores de 16 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

SEXO LOUCO
(para maiores de 18 anos)
23.30 h

Sala 4

SALÓ OU OS 120 DIAS DE SODOMA
(interd. a men. 18 anos)
14,30, 16.45, 19 e 21.15 e 23.30 h

Quinteto

— T. 573407

DINER, ADEUS AMIGOS
(para maiores de 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

A CIDADE DAS MULHERES
(não acons. men. 13 anos)
24 h

Restelo

— T. 610375

VENTOS DE VIOLÊNCIA
(para maiores de 18 anos)
15.30 e 21.30 h

Roma

— T. 889192

AMANHECER VIOLENTO
(para maiores de 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
2.ª Semana

Roxy

— T. 548560

O SOLDADO
(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

— T. 579144

Sala 1

SILKAWOOD — REACÇÃO EM CADEIA
(para maiores de 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

STARMAN — O HOMEM DAS ESTRELAS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

Sala 3

A FLAUTA MÁGICA
(para maiores de 6 anos)
15.15, 18.15 e 21.15 h

7.ª Arte

— T. 730715

EXCALIBUR
(interd. a men. 13 anos)
14.30, 17, 19.15, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

PERVERSA SEDUÇÃO
(para maiores 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h
2.ª Semana

Terminal

— T. 371573

POLICE ACADEMY 2 (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

A VINGANÇA DE PORKY's
(para maiores de 12 anos)
14, 16,30, 19 e 21.30 h
4.ª Semana

Turim

— T. 706666

TERRA SANGRENTA
(para maiores de 16 anos)
15, 17.30 e 21.45 h

OS MALUCOS EM HONG-KONG
(não acons. men. 13 anos)
24 h

Vox

— T. 880808

POLICE ACADEMY 2 — (A PRIMEIRA MISSÃO)
(para maiores de 12 anos)
15, 18.15 e 21.30 h
4.ª Semana

Xenon

— T. 368480

A REVOLTA DOS MARADOS
(para maiores de 12 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

O IMPÉRIO DOS SENTIDOS
(interd. a men. 18 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

BASKET-MUSIC
(não acons. men. 18 anos)
24 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio Lido — «O Rio», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
AMADORA — Cine-Teatro — «Jesus Cristo Superstar», às 21.30 (maiores de 6 anos)
AMADORA — Cine Plaza — «Os Amantes de Maria», às 15.30 e 21.30 (para maiores de 16 anos) — «A Escola do Dever», às 24
AMADORA — Babilónia — «Academia de Polícia 2 — A Primeira Missão», às 14, 16.30, 19 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CACÉM — Cinestúdio Flores — «Gente Gira», às 15 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «O Caçador de Tubarões», às 24
MEM MARTINS — Chaby — «Aventureiros do Fim do Mundo às 15.30 e 21.30 (maiores de 16 anos)
SINTRA — Carlos Manuel — «O Caça Polícias», às 21.30 (maiores de 12 anos)

Linha de Cascais

CASINO — «Desaparecido em Combate», às 18.15 e 21.15 (maiores de 12 anos) — «Festival Tom & Jerry», matinée às 15.30 (para todos)
CINE-IMPALA — «Baby — O Segredo da Floresta Perdida», às 16 e 21.30 (maiores de 6 anos) — «A Grande Família», às 24 h
SPORT ALGÉS E DAFUNDO — Descanso

Outra Banda

ALMADA — Academia — «A Mulher Pública», às 15.30 e 21.30 (maiores de 12 anos) — «E a Bomba Com Todos», às 24
ALMADA — Incrível — «O Demolidor», às 15.30 e 21.30 (não acons. a men. 13 anos) — «Casais Clandestinos», às 24

Porto

ÁGUIA DE OURO — «Os Tigres de Shaolin», às 24 (interd. men. 13 anos)
BATALHA — «A Primeira Missão», às 14.15, 16.20 e 21.30 (maiores de 12 anos)
CHARLOT — «Solteiros e Tarados», às 15.15, 18 e 21.30 (maiores de 16 anos)
COLISEU — «A Vingança de Porky's», às 16.30, 18 e 21.30 (maiores de 12 anos)
FOCO — «Reacção em Cadeia», às 14 e 16.30 (maiores de 12 anos)
JÚLIO DINIZ — «Pesadelos de uma Virgem», às 15.30 e 21.30 (interdito a menores de 18 anos)
LUMIÈRE — Sala A — «Brazil, o Outro Lado do Sonho», às 15, 17.45 e 21.30 (maiores de 16 anos) — **Sala L** — «Testemunha de um Crime», às 15.15, 18 e 21.45 (maiores de 18 anos)
OLÍMPIA — «O Caso Sharon Tate», às 14.15, 16.30 e 21 (não aconselhável a menores de 13 anos)
PASSOS MANUEL — «Reacção em Cadeia», às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45 (maiores de 12 anos)
PEDRO CEM — «O Templo de Shaolin», às 15, 18.30 e 21.30 (maiores de 6 anos)
RIVOLI — «Sete Noivas para Sete Irmãos», às 15, 18.15 e 21.30 (maiores de 6 anos)
SALA BEBÉ — «O Baile», às 14.15, 16.20, 18.30 e 21.30 (maiores de 12 anos)
SÃO JOÃO — «Amanhecer Violento», às 15.30 e 21 (maiores de 16 anos)
STOP — Stop 1 — «A Mulher que Viveu duas vezes», às 14, 16.30, 19 e 21.30 (maiores de 12 anos) — **Stop 2** — «Vingança de Porky's», às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 (maiores de 12 anos)
TEATRO SÁ DA BANDEIRA — «Elas, Ele e o Sexo», às 12.30, 15, 17 e 19 (interdito a menores de 18 anos)

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE — ALVALADE - ESTADOS UNIDOS: Rio de Janeiro, Av. do Rio de Janeiro, 4-C (T. 881409); **BAIXA: Simões Pires**, R. da Prata, 115 (T. 362350); **BENFICA: União**, E. de Benfica, 592-594 (T. 700092); **CAMÕES - SANTA CATARINA: Combro**, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel**, R. de Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **LUMIAR: Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B (T. 791131); **MARQUÊS DA FRONTEIRA: Ronil**, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (T. 683438); **OLIVAIS SUL: Marta**, R. Cidade de Nampula, Edifício Paris, lote 534 (T. 333696); **RATO: Cunha**, R. da Escola Politécnica, 18 (T. 325455); **SALDANHA: Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (T. 545225); **SANTO AMARO - CALVÁRIO: Lisbonense**, R. Leão de Oliveira, 2-B (T. 637020); **SAPADORES -PAIVA COUCEIRO: Europa**, Av. General Roçadas, 27-A-B (T. 843880); **BRANDOA - AMADORA: Tavares de Matos**, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS: Monserrate**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 9811139); **PONTINHA: Pontinha**, E. de Santo Elói, 4, lote SE (T. 990220).

REFORÇO — AREEIRO -PRAÇA DE LONDRES: João XXI, Av. João XXI, 16-A (T. 886462); **BOA-HORA: Sepol**, C. da Boa-Hora, 94-A (T. 631958); **CAMPO DE OURIQUE: Elma**, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **CASTELO: Silva**, C. de Santo André, 16 (T. 862074); **CHILE: Aliança**, Av. Almirante Reis, 145-B-C (T. 570487); **FEIRA POPULAR: Santa Maria**, Av. 5 de Outubro, 283-A (T. 763016); **GRAÇA: Monte**, R. Senhora do Monte, 30-A-B (T. 867842); **LUZ - 2.ª CIRCULAR: Da Luz**, E. da Luz, 124-A (T. 723179); **MARQUÊS DE POMBAL: Branco**, Av. Duque de Loulé, 61-65 (T. 545048); **PICHELEIRA: Marluz**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **XABREGAS -MADRE DE DEUS: Conceição**, C. D. Gastão, 30-32 (T. 381279); **BURACA - AMADORA: Vaz Martins**, R. António Fero, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova**, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos**, T. das Prioras (T. 2519939).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE: Morgado**, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356). Permanente; **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A (T. 2401060). Até às 19 horas; **LARANJEIRO: Baptista Marques**, R. Boa Vontade, 17-B ((T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO: Parreira**, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO: Avenida**, Av. Alfredo da Silva, 88 (T. 2073212). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA: Nova Fátima**, E. Nacional, 244-A (T. 2040141). Até às 19 horas; **CORROIOS: Universo**, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **CRUZ DE PAU: Duarte Ramos**, R. de Bafatá, 11, loja 30, Centro Comercial Belsul. Até às 22 horas; **TORRE DA MARINHA: Alves Velho**, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO: União Mutualista**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035). Até às 22 horas; **MOITA: União Moitense**, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas; **SETÚBAL: Moreira Martins**, P. Olga Sarmento, 14 (T. 26051). Permanente; **Isabel**, L. Batalha Viso, lote 86 (T. 21677). Permanente; **Costa**, R. da Misericórdia (T. 22760). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 2101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA: Melo Almeida**, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 419697). Até às 19 horas; **TIRES: Guimarães**, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas; **ALCABIDECHE; Carvalho**, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas; **PORTO SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas; **CAXIAS: Nova**, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691). Até às 22 horas; **CARCAVELOS: Vilar**, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **SÃO DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, R. A. Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361). Até às 22 horas; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785). Permanente; **SÃO PEDRO DO ESTORIL: São Pedro**, R. 9 de Abril (T. 2683052). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Semblano**, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas; **BIRRE: Imani**, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA: Madeira**, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas; **AMOREIRA: Abrantes**, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas; **MONTE ESTORIL: Lopes**, R. Hangar, 3 (T. 260008). Até às 22 horas; **CASCAIS: Cordeiro**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 40 (T. 280170). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Jardim, Av. Conde de Oeiras, 120, Reboleira (T. 4938424). Permanente; **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (T. 4938149). Até às 22 horas; **Nunes**, E. Serra da Mira, Falagueira (T. 4937543). Até às 22 horas; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Até às 22 horas; **QUELUZ: Correia**, L. do Mercado, 3 (T. 950906). Até às 22 horas; **CAMARATE: Nova da Charneca**, R. Cidade de Lisboa, 9-A (T. 251872). Até às 19 horas; **CACÉM: Silva Duarte**, R. Elias Garcia, 167 (T. 9248120). Permanente; **MEM MARTINS: Química**, E. de Mem Martins, 285 (T. 9210012). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RINCHOA: Araújo**. Até às 22 horas; **SINTRA: Simões**, Estefânia (T. 923832). Permanente; **COLARES: Abreja** (T. 9290088).

Outras Farmácias — MOSCAVIDE: Varela, Av. de Moscavide, 44-B (T. 2518520). Permanente; **SACAVÉM: Lourenço**, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas; **LOURES: Sálvia**, Av. da República, 29 (T. 2531240). Permanente.

TEATROS

Teatro Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 2.ª a sábado, às 20.30 e 22.45. Domingos também às 16h. Descanso às 4.ªs-feiras

«AGUENTA-TE, À BRONCA», original de Carlos Coelho, Júlio César e José Guimarães. Com Carlos Coelho, Delfina Cruz, Anita Guerreiro e Júlio César.

(16 anos)

Teatro e Copos — Finalmente Club

R. da Palmeira, 36 — Tel. 37 26 52

De segunda a sábado, às 00.30

«NÃO HÁ NADA P'RA NINGUÉM». Espectáculo em travesti. Conduzido por Lydia Barloff, com interpretações de Cindy Scrash, Lydia Barloff, Ruth Briden e Vicly Batton.

Teatro Vasco Santana

Entrecampos — Tel. 768609
De terça a sábado às 21.30, domingos às 16.00

«JARDIM DE OUTONO», de Lilian Hellman. Encenação de Luzia Maria Martins. Com Carlos Mourato, Carlos Santos, Carmen Mendes, Clara Joana, Fernanda Coimbra, Fernanda Montemor e Helena Félix.

Teatro Maria Vitória

Parque Mayer — Tel. 37 17 40

(De terça a sábado, às 20.30 e 22.45; domingos, às 16.00, 20.30 e 22.45).

«NÃO BATAM MAIS NO ZEZINHO!», de Mário Zambujal, Henrique Santana e Francisco Nicholson.

ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

(De 2.ª a domingo, às 21.45. Sábados e domingos, às 21.45 e 16.00).

«FININHO MAS JEITOSINHO». Original de João Bettencour. Versão portuguesa de César Oliveira e Raul Solnado. Com Carlos Miguel, Simone de Oliveira e Filipe Ferrer. **(12 anos).**

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 607299

De terça a sábado, às 21.45, domingos às 18.00

«**SAVANNAH BAY**», de Marguerite Duras. Encenação de Filipe La Féria. Interpretação de Glicínia Quartin e Zita Duarte.

Teatro da Graça

T. de São Vicente, 11 — Tel. 87 56 26

De terça a sábado, às 22.00, sábados e domingos, às 17.00

O Grupo de Teatro Hoje apresenta a peça de Crebillon Fils **«A NOITE E O MOMENTO»**. Tradução de Manuel João Gomes, encenação de Carlos Fernando e interpretado por Teresa Madruga, Diogo Dória e Paula Bicho. Cenografia de José Manuel Castanheira e figurinos de Jasmim.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Cascais, 14 (ao Bairro Alto) — Tel. 66 15 15/66 92 05

(De terça a sábado, às 21.00; domingos às 16.00.)

«RICARDO III», de Shakespeare.

Memorial Bar

R. Gustavo de Matos Sequeira, 42-A — Tel. 66 88 91

Quartas e domingos, às 00.30

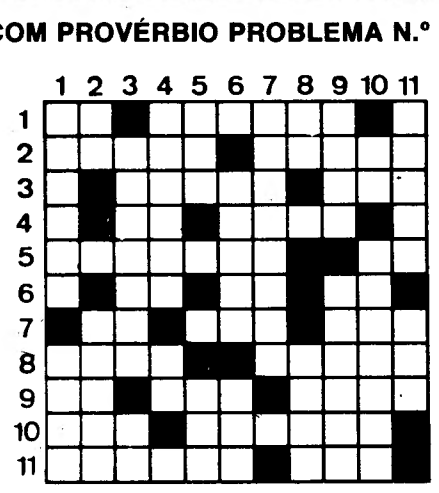
«CADA UM É COMO É», de Gonçalves Preto
Encenação de Álvaro Faria.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Preposição. Antiga moeda portuguesa equivalente a dez centavos.
2 Obrigar a. Cara.
3 Vasilha com asas. Ruído.
4 Duas consoantes desiguais. Escárnio.
5 Vagabundos. Senhor.
6 Duas vogais desiguais. Manuscrito. Ruim.
7 Tálio (s.q). Madre. Cidade do Peru.
8 Brasil (abrev). Mancha na pelo dos animais.
9 Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal. Nome de mulher. Planaltos.
10 Sigla de Central Iteligence Agency, organismo norte-americano de informação, criado em 1946 pelo presidente Truman. Respeitai.
11 Espécie de lenço usado pelos romanos para limpar a boca. Preposição e artigo (pl).



VERTICAIS:

1 Cidade da Bélgica, à beira do Mosa. Freguesia do concelho de Ferreira do Zêzere.
2 Preposição. Atraiçoar.
3 Vila e concelho do distrito de Setúbal. Autores.
4 Antiga moeda divisionária brasileira equivalente a cem réis. Pronome reflexo.
5 Agora. Tempo do verbo ir.
6 Acontecimento triste. Ferro temperado.
7 Falseassem.
8 Preposição e artigo. Registo do que se tratou numa sessão ou assembleia.
9 Cada uma das partes duras e calcificadas que forma o esqueleto dos animais. Mil vezes mil.
10 Porco. Mondais com sacho.
11 Adicionar. Colina da Suécia.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 508

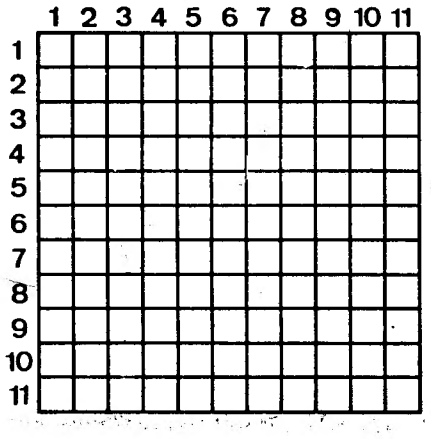
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 CLARO. COMO.	1 Cravam. ÁGUA.
2 Remoças. Dó.	2 Legas. Aferi.
3 Agás. Samora.	3 Ama. Só. Em.
4 Vã. Cãs. Ras.	4 Rosca. Árido.
5 Assa. Ata. NS.	5 Oc. Pardos.
6 Provado.	6 Assar. Ao.
7 Aa. Aí. Om.	7 Sa. Toar.
8 Aferraram.	8 Aviaram.
9 Gemido. Ro.	9 Odor. Mora.
10 Ur. Dó. Marrã.	10 Morando. Ri.
11 Airosa. Mais.	11 Assomavas.

PROVÉRBIO: Claro como água.

NOVAS MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

1 Cidade de Espanha.
2 Verbal. Artéria. Boro (s.q).
3 Víscera dupla. Vivenda.
4 Rasoira. Guarneceram de asas.
5 Ósmio (s.q.). Oferecer. Peça de vestuário para a mão como agasalho ou adorno.
6 Guardas segredo. Prefixo de negação.
7 Utensílio doméstico. Nome de peixe.
8 Carepa.
9 Rio de França. Pronome demonstrativo.
10 Outro nome de Ascânio, filho de Eneias, do qual a família Júlia prertendia descender. Ligaram.
11 Extremidades dos braços. Relativo a oásis.



VERTICAIS:

1 Isolado. Grande quantidade. Irmão de Abel.
2 Cidade de França. Cidade de Itália.
3 A ponta das vergas (náut). Cápsula que envolve as sementes.
4 Cidade de Portugal. Vantagens.
5 Artigo definido (ant). — Cingiras. Gavinha.
7 Despidas. Apelido. Fecha as asas para descer mais depressa.
8 Lugarejo. Debates.
9 Sapo do Amazonas. Apelido.
10 Despachar. Antes de Cristo.
11 O mesmo que rosmaninho. Patrão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 14 348

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Beiça. Âmago.	1 Bates. Apraz.
2 Arear. Miras.	2 Era. Alviela.
3 Tanta. Acesa.	3 Ien. Saíssem.
4 Abara.	4 Cata. SSa. Gó.
5 Sãs. Elo. Meã.	5 Árabe. Par.
6 Lãs. Sal.	6 Ala. Pará.
7 Avisa. Corem.	7 Amaro. Si.
8 Pisa. Sã.	8 Mica. Sós. Ar.
9 Res. Pás. Sãs.	9 Are. Marasmo.
10 Alegaríamos.	10 Gas. Ele. Aos.
11 Zamora. Rosa.	11 Osaca. Mossa.

Rádio

Antena Um

16.00: A gaita dos sete foles; **17.00**: Informação regional; **17.15**: Musicomania; **19.00**: Informação e música; **20.00**: Musical; **20.15**: No estúdio e no estádio; **20.30**: Música portuguesa; **21.00**: Cozinha económica; **21.30**: Noites de luar; **23.30**: Último jornal. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

16.00: Música do século XX; **16.30**: Suite, n.º 1 em lá maior, de Haendel; **16.45**: Árias de óperas, de Donizetti; **17.00**: Ciclo Beethoven; **17.42**: Música de todos os quadrantes; **18.00**: Uma poesia; **18.05**: Música vocal, de Palestrina; **18.40**: Música de tecla; **19.00**: Música, de Chopin; **19.30**: Terra viva, planeta azul; **20.00**: Música de câmara; **20.40**: «Prelúdio à Sesta de um Fauno», de Debussy; **20.50**: Antologia dos músicos portugueses; **21.25**: Transmissão directa, das ruínas do Carmo, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; **23.00**: O canto e os seus intérpretes; **24.00**: Tempo de bailado; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Tarde à portuguesa; **17.00**: Rápido das cinco; **19.00**: Musical; **20.00**: Conta corrente; **21.00**: Musical; **21.30**: Quando o telefone toca; **22.00**: Portugal e a CEE; **22.15**: Programas religiosos; **22.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Peça o que quiser; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; **16.00**: Som da frente; **17.00**: Pé de vento; **18.00**: Círculo em FM; **19.00**: Em órbita; **20.00**: Nova geração; **21.00**: usonautas; **22.00**: Blues index; **23.00**: Flauta de Pã; **24.00**: Só com gelo; **02.00**: No calor da noite. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA
Onda Média

16.00: Rua Capelo; **18.00**: Jornal das regiões; **18.30**: Transmissão do terço; **19.30**: Memorando; **20.00**: Programa da LARR; **20.30**: Do dia para a noite; **21.00**: Horizonte; **22.00**: Quando o telefone toca; **22.30**: Diário do desporto; **23.00**: Clube dos coleccionadores; **24.00**: Som de uma noite de Verão; **02.00**: Estação de serviço.

FM-Estéreo

16.00: A cor do som; **18.00**: Entre-Campos; **19.30**: Transmissão do terço; **20.00**: Serra de estrelas; **21.00**: Vista alegre; **22.00**: Oceano Pacífico; **24.00**: Último metro; **02.00**: Estação de serviço. Noticiários a todas as horas.

TELEVISÃO

«A Volta ao Mundo com Willy Fog», hoje no «Tempo dos Mais Novos»

RTP 1

18.00 — Tempo dos Mais Novos
«A Volta ao Mundo com Willy Fog».

18.35 — Notícias

18.50 — Programa da Direcção de Informação
Pequenos filmes provenientes da Comunidade Económica Europeia (Bruxelas) sobre três países membros: França, Alemanha e Grécia.

19.20 — O Mundo da Ciência
(4.º episódio): os temas a a abordar neste programa são: o uso de um infra-vermelho de Detecção Frontal num helicópteró; a mineração na Lua poderá fornecer os materiais de construção do futuro; um carro para o futuro, com um baixo coeficiente de penetração para um carro de quatro passageiros; a Boeing Aircraft testa aviões 757/767; o «Elevonic 401», um elevador moderno para a arquitectura moderna e um retrospecto da construção da histórica ponte de Brooklyn.

19.55 — O Grande Livro de Petete

20.00 — Telejornal

20.27 — Boletim Meteorológico

20.35 — Louco Amor
(Episódio n.º 32): Nanda pede a Renata que não conte a ninguém o desfalque efectuado por Luís Carlos. Cláudia conta a Luís Carlos que se encontrou com Renata em casa de Agenor. Filipe diz a Cláudia que a acha diferente para com ele desde que ele abandonou a discoteca. Isa evita o beijo de despedida que ele lhe tenta dar à porta de casa. Entretanto, Luís Carlos aguardava-o para lhe comunicar a morte do cunhado. Isa prontifica-se a fazer-lhe companhia no velório. Muriel pede a Guilherme que arranje um lugar de jornalista para Luís Carlos. Durante uma conversa com Cláudia, Márcio é interrompido por um telefonema de Renata. A pedido de Cláudia, Luciana telefona a André dizendo-lhe que lhe quer falar sobre a mulher.

21.15— A Lenda de Errol Flynn
Filme baseado na autobiografia com o mesmo título, recriando momentos da vida de um dos mais famosos, fulgurantes e intrigrantes galãs de Hollywood. Herói e aventureiro, espadachim e conquistador, Errol Flynn foi uma figura fascinante e permanece, ainda hoje, como um dos grandes símbolos e mitos do cinema da América. Romântico e sedutor, foi intérprete ideial do cinema de aventuras e seguidor fiel do tipo que Fairbanks criara. Actor limitado, embora, ele é um dos pilares da idade do ouro de Hollywood e um dos mitos mais exóticos do cinema mundial. A sua autobiografia, fascinante livro de memórias que inspirou esta produção televisiva, cedo se tornou um dos maiores «best sellers» e abarca o período de 1935 a 1943. Intérpretes: Duncan Regehn (Errol Flynn), Bárbara Hershey (Lili Damita), Hal Linden (Jack Warner) e Lee Purcell (Olívia de Havilland). Realização de Don Taylor.

23.15 — Último Jornal

RTP 2

19.30 — Desenhos Animados
«Serafim, Agente Secreto».

20.00 — Animação

20.30 — Folclore
«Rancho das Lavadeiras de Trofa»: Numa típica eira da região, o Rancho das Lavadeiras de Trofa (Santo Tirso), apresenta as suas modas e danças tradicionais. Sendo este rancho composto por lavadeiras, o motivo do programa será dado, pelo pão e o vinho, alimentos de todas as casas portuguesas — e pelos trabalhos agrícolas que levam à sua preparação, até às desfolhadas e às vindimas. Realização de A. Nazareth.

«A Lenda de Errol Flynn», na RTP 1

Mais um episódio da telenovela brasileira «Louco Amor»

20.55 — RTP/Madeira

21.40 — Uma História de Amor
3Angela é uma rapariga insegura e desajeitada, intimidada pelo fascínio do seu novo emprego numa agência de publicidade. Pam, sua patroa, é uma mulher equilibrada e sofisticada — o símbolo de uma mulher de sucesso. Principais intérpretes: Judy Parfitt, Ray Brooks, Suzzanne Burden. Realização de McMurray.

22.30 — Jornal da Noite

Amanhã

RTP-1

12.00 — Notícias
12.05 — Espaço 12/13
12.45 — Notícias
13.00 — Vila Faia
18.00 — Tempo dos mais Novos
18.35 — Notícias
18.50 — Século XX — O Mundo em Guerra
19.55 — O Grande Livro de Petete
20.00 — Telejornal
20.27 — Boletim Meteorológico
20.35 — Louco Amor
21.15 — O Corpo Humano
21.45 — Panorama
23.15 — Tudo em Família
23.45 — Último Jornal

RTP-2

19.30 — Desenhos Animados
20.00 — Videopólis
20.30 — O Mundo em Guerra — Portugal 1939/45
21.00 — Sessão das Nove — «O Homem não é um Pássaro»
22.30 — Jornal da Noite

A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VÍDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26
Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau 8-1.º LISBOA

VOCÊ TEM UM PROBLEMA DE BEBIDA?

Em Setembro vamos ter entre nós uma equipa de terapeutas especializados na recuperação integral de alcoólicos. Inscrições limitadas.
Contacte-nos já: ALCOÓLICOS ANÓNIMOS
Travesa do Corpo Santo, 32
1200 LISBOA
Telefone 896211

GRUNDIG a segurança de um grande nome
seleccionou para si...
RTP 1 — 19.20 O Mundo da Ciência
RTP 2 — 20.30 Folclore
Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

PORTE PAGO
Fundador Joaquim Manso
Director A. Ruella Ramos
Director adjunto Fernando Piteira Santos
DEPÓSITO LEGAL: 1426/82
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do "DL" na Madeira 50$00

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
04.69 **4,00 m**	10.32 **0,80 m**
17.13 **4,20 m**	23.01 **0,70 m**
Dia 20	
05.39 **4,00 m**	11.15 **0,90 m**
17.54 **4,10 m**	23.44 **0,90 m**

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

BRAGANÇA	16º
VIANA DO CASTELO	15º
VILA REAL	15º
PORTO	15º
COIMBRA	18º
CABO CARVOEIRO	18º
CASTELO BRANCO	17º
PORTALEGRE	16º
LISBOA	18º
ÉVORA	17º
BEJA	19º
FARO	21º
SAGRES	18º
PONTA DELGADA	21º
FUNCHAL	22º

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo, muito nublado no litoral a norte do cabo da Roca, durante a madrugada e princípio da manhã. Vento fraco soprando moderado de Noroeste na faixa costeira ocidental, durante a tarde. Nebliasa matinais.

Primeiro-ministro australiano reconhece soberania da Indonésia sobre Timor-Leste

O primeiro-ministro australiano, Robert Hawke, declarou ontem que o seu governo, trabalhista, reconhece a soberania da Indonésia sobre o território de Timor-Leste e que considera os seus habitantes cidadãos indonésios.

Esta foi a primeira vez que o governo trabalhista de Camberra foi além de «notar» a incorporação de Timor-Leste na Indonésia como a sua 27.ª província.

Contudo, e de acordo com afirmações feitas esta manhã ao «DL» por Abílio Araújo, representante da Fretilin em Lisboa, o porta-voz do governo australiano já fez declarações posteriores «onde se nota um certo recuo».

Segundo Abílio Araújo, que hoje mesmo telefonou para Camberra, o porta-voz governamental reafirmou publicamente que a questão de Timor-Leste é encarada pelo executivo australiano no âmbito da resolução do último Congresso do Partido Trabalhista, o qual pede ao governo para apoiar todas as iniciativas do secretário-geral da ONU com a finalidade de encontrar uma solução para o conflito de Timor-Leste.

«Evidentemente que reconhecemos que esta posição do porta-voz do governo australiano é naturalmente vaga, e no fundo não confirma nem desmente declarações do primeiro-ministro Hawke» disse ainda Abílio Araújo. «De qualquer modo é também evidente um certo recuo. E de momento o nosso comentário é apenas o seguinte: Bob Hawke é, dos membros do governo australiano, aquele que mais se bate pela continuação da política do anterior governo liberal no que a Timor-Leste respeita, posição essa que é fortemente contestada no seu próprio gabinete. Por outro lado, soubemos esta manhã que o Partido Democrático, de centro-direita, já se manifestou contra as declarações do primeiro-ministro, e para amanhã aguarda-se uma sessão polémica do Parlamento australiano, no recomeço dos seus trabalhos. E não podemos também, desde já, estranhar estas declarações atribuídas a Hawke, sabendo a Fretilin que até ao momento não houve ainda qualquer declaração do governo australiano **de jure**, sobre Timor-Leste. Há, pois, que aguardar».

A aguardar estava, por outro lado, o Ministério dos Negócios Estrangeiros português, que ao fim da manhã ainda não tinha qualquer posição sobre as declarações do primeiro-ministro australiano «uma vez que o seu teor não era conhecido oficialmente por enquanto».

Primeira vez

Bob Hawke anunciou que a Austrália reconhecia a soberania da Indonésia numa entrevista para a televisão idonésia – TVRI – que hoje será transmitida.

O anúncio do reconhecimento e a maneira como foi feito — aparentemente sem que o Conselho de Ministros fosse consultado, provocará controvérsia no seio do Partido Trabalhista australiano onde uma facção ainda apoia os direitos dos timorenses e onde a oposição ao controlo indonésio sobre Timor-Leste continua a ser um assunto emotivo.

Pouco depois da eleição do governo trabalhista em Março de 83 o ministro australiano dos Negócios Estrangeiros, William Hayden, visitou Jacarta e anunciou que o seu governo «notou» a incorporação de Timor-Leste na Indonésia. Esta expressão foi entendida como uma forma diplomática de não apoiar nem rejeitar o reconhecimento feito pelo antigo governo liberal australiano da anexação da antiga colónia portuguesa pela Indonésia.

Lamentável

O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros, Vítor Sá Machado, considerou hoje «lamentável» que, em relação a Timor-Leste, «a História torne a fazer-se contra o Direito Internacional».

Sá Machado comentava à NP a recente posição do primeiro-ministro australiano, o trabalhista Robert Hawke, de reconhecer a «autoridade soberana» da Indonésia sobre o território de Timor-Leste.

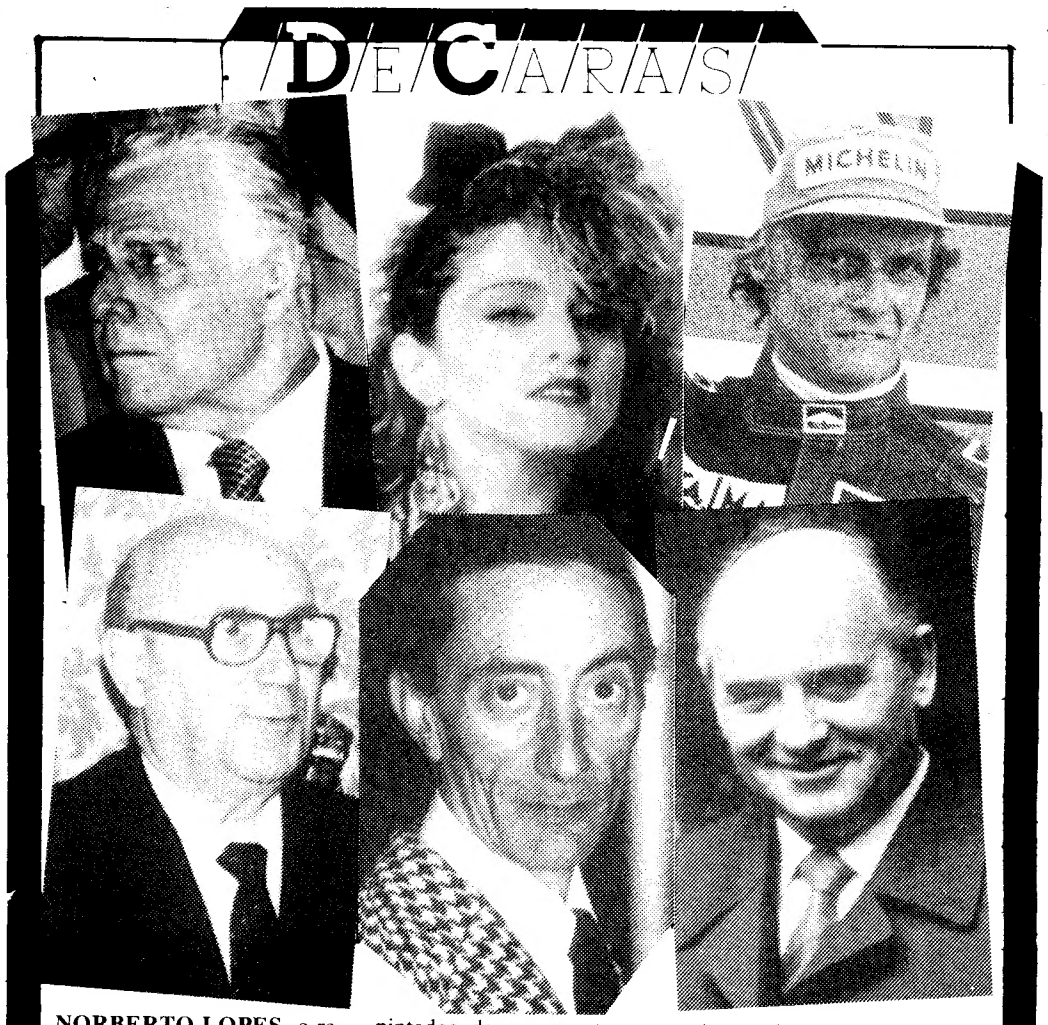
«Do ponto de vista da Austrália, essa posição dá expressão a uma situação factual já verificada» — sublinhou Sá Machado.

No entanto — acrescentou — «é lamentável que uma situação de facto esteja antes da situação de direito, embora a compreenda em termos de realidade».

Trinta feridos em Bragança quando velavam um cadáver

Em Frieiras, Bragança, trinta pessoas ficaram ontem feridas, ainda que sem gravidade, quando o soalho da sala onde velavam um cadáver abateu devido ao excesso de peso, não suportado pelas madeiras já alquebradas da velha construção. O extinto, Fernando Jorge Baltasar, que estava a ser velado por familiares e amigos, falecera no sábado num acidente de viação. Os feridos foram tratados no Hospital de Bragança.

DECARAS



NORBERTO LOPES, o repórter que já dirigiu o «DL», foi homenageado na sua terra natal, Vimioso, com a presença do ministro da Cultura, do presidente da edilidade e de um representante do Presidente da República, entre outras personalidades. Na oportunidade, Raul Rego, também ele transmontano, traçou a biografia do homenageado recordando que se trata de um «homem de paz e entendimento, mais do que polemista, repórter acima de tudo, buscando o acontecimento com fidelidade e batendo-se por essa fidelidade até no relatar das acções dos nossos adversários».

MADONNA, a cantora «rock» norte-americana casou com o actor Sean Penn, em Malibu (Los Angeles), na presença de uma multidão de celebridades e de jornalistas. A noiva tentou desesperadamente manter sigilo da cerimónia mas alguma fuga de informação levou a que a cerimónia se transformasse num acto público. Entre os convidados avultavam jovens adolescentes com cabelos pintados de cores extravangantes (incluindo o violeta e o laranja) e uma avozinha de 70 anos.

NIKI LAUDA, anunciou a sua retirada do mundo da competição automóvel. O abandono, que resulta de uma decisão «maduramente reflectida», deverá verificar-se no termo da actual temporada de Fórmula 1. O campeão deixará o mundo das corridas, segundo disse, para se dedicar a uma outra actividade que, em princípio, lhe proporcionará muito maior tranquilidade: a gestão de uma companhia aérea, sua propriedade.

ALMEIDA RIBEIRO, Provedor de Justiça, manifestou-se discordante da atitude de Margaret Thatcher no caso da BBC, relativamente à transmissão de uma reportagem sobre o IRA e que chegou a motivar uma greve do pessoal daquela estação inglesa. «Em Portugal já ocorreram situações semelhantes que também tiveram resultados contraproducentes. Mau é quando os governos, por razões de conveniência ou oportunismo político, pretendem silenciar alguns aspectos da vida nacional» — disse Almeida Ribeiro ao «Diário de Notícias».

CARLOS MIGUEL, celebrizado como «Fininho» através do «1.2.3», o último concurso da RTP, beneficia agora dos efeitos da popularidade. Concretamente, está a conseguir aquilo que já parecia impossível: protagonizando uma revista no Parque Mayer, tem motivado uma afluência rara ao teatro onde se encontra, o ABC. E já lá vão quatro meses de cartaz.

MIKHAIL GORBACHEV, voltou a ser notícia, desta vez como caso único nos próprios jornais soviéticos, ao ser apresentado em companhia da família. Contudo, a Imprensa soviética não identificou, na foto publicada, nem a esposa nem os seus filhos, o que, de certo modo, manteve a tradição de as famílias dos líderes serem mantidas fora do domínio público.

Inspector e agente da PJ envolvidos no «Caso D. Branca»

A Polícia Judiciária desmentiu, em comunicado hoje divulgado, a existência de qualquer inquérito movido pela Procuradoria-Geral da República contra dois elementos do seu quadro de investigação (inspector Sousa Martins e agente Sardinha) por suposto envolvimento (corrupção) no processo da Dona Branca. «De concreto apenas se sabe — lê-se no comunicado — que no âmbito do processo, o inspector Sousa Martins e o agente Sardinha tomaram a iniciativa de prestar esclarecimentos tendentes designadamente a desmentirem notícias sobre condutas supostamente irregulares da sua parte». O «DL» contactou esta manhã a Procuradoria-Geral da República, tentando saber mais pormenores sobre este caso (e a alegada corrupção que, ainda no âmbito deste processo, envolveria também dois magistrados da Boa Hora), mas um porta-voz daquele departamento nada acrescentou com base no «segredo de justiça». A mesma razão seria invocada pelo 1.º Juízo de Instrução Criminal de Lisboa (1.º JIC), a propósito do mandado de captura emitido pelo dr Martinho de Almeida Cruz contra o seu colega do 3.º JIC, dr. Luís Verdasca Garcia, por alegada corrupção no Caso da DOPA. Conseguimos no entanto apurar que o parecer do dr. Martinho de Almeida Cruz (de férias desde a passada sexta-seira) foi emitido na qualidade de juiz de turno, dado que o processo está a ser instruído pelo 1.º JIC e ele é o titular do 4.º JIC.